

PATRÍCIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARÃES PEREIRA

**POEMOGRAFIA: A VIDA PELO OLHAR POÉTICO E
FOTOGRAFICO DO ADOLESCENTE MATO-GROSSENSE**

Sinop/MT

2018

PATRÍCIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARÃES PEREIRA

**POEMOGRAFIA: A VIDA PELO OLHAR POÉTICO E
FOTOGRAFICO DO ADOLESCENTE MATO-GROSSENSE**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – Profletras – da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientadora: Profa. Dra. Rosana Rodrigues da Silva

Sinop/MT

2018

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

P436p PEREIRA, Patrícia Dauhali Clemente Guim .
Poemografia: a Vida Pelo Olhar Poético e Fotográfico do Adolescente Mato-Grossense / Patrícia Dauhali Clemente Guim Pereira - Sinop, 2018.
132 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Proletras, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018.
Orientador: Rosana Rodrigues da Silva

1. Fotografia. 2. Poema. 3. Letramento Literário. I. Patrícia Dauhali Clemente Guim Pereira. II. Poemografia: a Vida Pelo Olhar Poético e Fotográfico do Adolescente Mato-Grossense: .
CDU 821.134.3(817.2)

PATRÍCIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARÃES PEREIRA

**POEMOGRAFIA: A VIDA PELO OLHAR POÉTICO E
FOTOGRAFICO DO ADOLESCENTE MATO-GROSSENSE**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, julgado pela Banca composta dos membros:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosana Rodrigues da Silva
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop
(Presidente)

TITULARES

Profa. Dra. Adriana Lins Precioso
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop

Profa. Dra. Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Assis

SUPLENTES

Prof. Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop

Prof. Dr. Pedro Manoel Monteiro
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Data da defesa: 22/10/2018

Local da defesa: Sala H-5 – UNEMAT/Campus Universitário de Sinop/MT

Aos meus...

AGRADECIMENTOS

Foi graças a todo incentivo que recebi que hoje posso celebrar este marco profissional em minha vida, sendo assim, deixo aqui os meus mais sinceros votos de estima e gratidão:

À Universidade por ter me recebido novamente de braços abertos proporcionando-me dias de aprendizagens significativas que contribuíram para meu aperfeiçoamento profissional.

Aos melhores professores que tive ao meu lado, repletos de sabedoria, paciência, experiência e encantamento, agradeço do fundo do meu coração. Em especial, a minha orientadora Rosana Rodrigues da Silva, pessoa sensacional que tive o prazer de conviver e de aprender, graças as suas orientações o trabalho foi mais leve e produtivo.

Aos meus amigos da turma IV do Profletras, com certeza a melhor turma desse programa de mestrado. Obrigada, pelos momentos maravilhosos que pudemos vivenciar. As risadas, que vocês compartilharam comigo nessa etapa tão desafiadora de nossas vidas acadêmicas, também fizeram toda a diferença. Minha eterna gratidão.

A minha família, porque foram eles que me incentivaram e inspiraram através de gestos e palavras a superar todas as dificuldades.

A todas as pessoas que interferiram nesta minha grande viagem, eu agradeço, porque de alguma forma influenciaram meu percurso.

E finalmente agradeço a Deus, por proporcionar estes agradecimentos a todos que tornaram minha vida mais afetuosa, além de ter me dado uma família maravilhosa e amigos sinceros.

Fotografar, é colocar na mesma linha, a cabeça, o olho e o coração.

Henri Cartier-Bresson

RESUMO

Esta pesquisa centra-se no letramento literário, com base na inter-relação entre literatura e fotografia, as potencialidades poéticas da fotografia e da escrita para a educação, buscando uma política visual que conceba as imagens não como representação intacta de uma certa visibilidade, mas como possibilidades de criação de novas visualidades, na aproximação do real com a arte. Potencializando estudos da escrita, da imagem e da cultura na busca dos multiletramentos nas práticas pedagógicas das aulas de Língua Portuguesa no ensino fundamental. Para o aporte teórico, recorreremos aos estudos de Barthes (1980), Candido (2011), Cosson (2014), Rojo (2012), Sorrenti (2009), Todorov (2009), Soares (2004), Kleiman (1995) e Sontag (2004), dentre outros. A pesquisa foi inserida numa proposta metodológica qualitativa, desenvolvida a partir dos pressupostos da pesquisa-ação, pois, segundo Thiollent (2003), na pesquisa-ação os pesquisadores estão ativamente envolvidos com os problemas encontrados na realidade ou no grupo estudado. Daí a sua característica participativa, pois pesquisador e pesquisado devem estabelecer uma relação colaborativa com foco no resultado a ser apropriado através do estudo desenvolvido. Partimos de um levantamento bibliográfico, tendo como *lócus* a Escola Estadual Cleufa Hübner, localizada no município de Sinop/MT. A proposta de intervenção pedagógica foi desenvolvida por meio da Sequência Didática, a partir dos pressupostos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), visando alcançar as práticas de ensino da Língua Portuguesa, sob a perspectiva interacionista, em que o leitor/ouvinte torna-se um sujeito ativo na prática de leitura e não mais um leitor que apenas extrai ou decodifica passivamente informações intrínsecas ao texto. Buscamos, assim, desenvolver práticas de multiletramentos que auxiliem na formação de cidadãos capazes de expressarem e interpretarem, crítica e artisticamente, as ideias e visões em relação ao contexto que os cercam, bem como de se identificarem culturalmente, a partir do trabalho com a fotografia e a poesia.

Palavras chaves: fotografia, poema; letramento literário.

ABSTRACT

This research focuses on literary literacy, based on the interrelationship between literature and photography, the poetic potentialities of photography and writing for education, seeking a visual policy that conceives the images not as an intact representation of a certain visibility, but as possibilities of creating new visualities, in the approximation of the real with art. Potentializing studies of writing, image and culture in the search of multiletramentos in the pedagogical practices of Portuguese Language classes in elementary school. For the theoretical contribution, we used the studies of Barthes (1980), Candido (2011), Cosson (2014), Rojo (2012), Sorrenti (2009), Todorov (2009), Soares (2004), among others. The research was inserted in a qualitative methodological proposal, developed from the presuppositions of the action research, because, according to Thiollent (2003), in the action research the researchers are actively involved with the problems found in the reality or in the studied group. Hence its participative characteristic, since researcher and researcher must establish a collaborative relationship with focus on the result to be appropriate through the developed study. We started with a bibliographical survey, taking as a locus the Cleufa Hübner State School, located in the municipality of Sinop / MT. The proposal of pedagogical intervention was developed through the Didactic Sequence, based on the assumptions of Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004), aiming to reach the teaching practices of the Portuguese Language, under the interactionist perspective, in which the reader / is an active subject in reading practice and no longer a reader who merely extracts or passively decodes information intrinsic to the text. We thus seek to develop multilevel practices that help in the formation of citizens capable of expressing and interpreting, critically and artistically, ideas and visions regarding the context that surrounds them, as well as of identifying themselves culturally, from the work with photography and poetry.

Key words: photography, poem; literary literacy.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Local de nascimento dos alunos entrevistados.....	48
Gráfico 2 – Região de migração das famílias dos alunos.....	49
Gráfico 3 – Sexo dos alunos entrevistados.....	50
Gráfico 4 – Idade dos alunos entrevistados.....	50
Gráfico 5 – Tempo de serviço no magistério.....	51
Gráfico 6 – Poema em sala de aula.....	52
Gráfico 7 – Presença de atividades com poemas em sala de aula.....	53
Gráfico 8 – Preferência pela prosa em sala de aula.....	54
Gráfico 9 – Preocupação do docente quando trabalho com poema.....	55
Gráfico 10 – Gosto dos entrevistados pelo gênero poema.....	56
Gráfico 11 – Gosto pelo estudo da Língua Portuguesa.....	57
Gráfico 12 – Trabalho com a poesia mato-grossense.....	58
Gráfico13 – Conhecimento da poética mato-grossense.....	58
Gráfico 14 – Desejo de conhecer mais as obras literárias mato-grossense.....	59
Gráfico 15 – Receptividade dos alunos ao trabalho com poema em sala.....	60
Gráfico 16 – Propostas de trabalho com o gênero poema.....	61
Gráfico 17 – Costume de produzir poemas.....	62
Gráfico 18 – Uso da fotografia em práticas pedagógicas.....	63
Gráfico 19 – Receptividade dos alunos em trabalhar com a fotografia.....	63

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Aula sobre a história/evolução da fotografia.....	66
Imagem 2 – Trabalho do aluno N. R.....	73
Imagem 3 – Trabalho do aluno W. G.....	73
Imagem 4 – Trabalho do aluno J. H.....	74
Imagem 5 – Trabalho do aluno N. C.....	74
Imagem 6 – Trabalho do aluno M. R.....	75
Imagem 7 – Trabalho dos alunos M. e M.....	79
Imagem 8 – Trabalho dos alunos K., J. e N.....	80
Imagem 9 – Trabalho dos alunos J., C. e M.....	80
Imagem 10 – Fotografia das duas equipes no jogo.....	82
Imagem 11 – Trabalho do aluno F. H.....	84
Imagem 12 – Trabalho do aluno D. P.....	85
Imagem 13 – Fotografia do trabalho sobre metáfora.....	86
Imagem 14 – Trabalho sobre metáfora do aluno J.....	86
Imagem 15 – Soneto do aluno D.....	87
Imagem 16 – Fotografia dos alunos trabalhando em sala.....	88
Imagem 17 – Fotografia dos grupos de trabalho.....	88
Imagem 18 – Trabalho dos alunos M. e A.....	89
Imagem 19 – Trabalho dos alunos C., J. e M.....	90
Imagem 20 – Trabalho dos alunos K. e V.....	91
Imagem 21 – Trabalho realizado pelo aluno L. Z.....	93
Imagem 22 – Fotografia da palestra com a fotógrafa Celita Schneider.....	95
Imagem 23 – Fotografia da palestra com a fotógrafa Celita Schneider.....	96
Imagem 24 – Fotografia da visita ao ateliê da artista plástica Mari Bueno.....	97
Imagem 25 – Fotografia da visita ao ateliê da artista plástica Mari Bueno.....	97
Imagem 26 – Fotografia da visita ao ateliê da artista plástica Mari Bueno.....	98
Imagem 27 – Fotografia da exposição dos trabalhos na Unemat.....	100
Imagem 28 – Fotografia da exposição dos trabalhos na Unemat.....	100
Imagem 29 – Relato do aluno J. H.....	101
Imagem 30 – Relato do aluno I. C.....	101
Imagem 31 – Relato do aluno N. R.....	102

Imagem 32 – Relato do aluno G. V.....	102
Imagem 33 – Relato do aluno K. V.....	103
Imagem 34 – Relato do aluno J. M.....	103
Imagem 35 – Relato do aluno M. P.....	104
Imagem 36 – Relato do aluno I. Z.....	104

SUMÁRIO

1	ARRUMANDO A MALA.....	14
2	ESTUDANDO A VIAGEM.....	18
	2.1 Leitura e letramento literário.....	18
	2.2 Imagem fotográfica.....	23
	2.3 Barthes: poesia e fotografia.....	26
	2.4 O haikai no Brasil.....	29
	2.5 O haikai como proposta de ensino de poesia nas aulas de Língua Portuguesa.....	31
	2.6 O celular como ferramenta pedagógica.....	36
3	PREPARANDO O ROTEIRO.....	40
4	PARTINDO PARA VIAGEM.....	47
	4.1 Perfil do local e dos companheiros de viagem.....	47
	4.2 Descrevendo e analisando o percurso.....	64
5	EXPERIÊNCIAS NA BAGAGEM.....	105
	REFERÊNCIAS.....	108
	APÊNDICES.....	114
	ANEXOS.....	123

1 ARRUMANDO A MALA

Na tentativa de não conceber a literatura como um conteúdo independente dentro das práticas pedagógicas da disciplina de Língua Portuguesa, como algo isolado dos estudos sobre leitura, produção textual e análise linguística é que tivemos a preocupação de propor este projeto voltado ao gênero poético e fotográfico, visando atender às condições de produção e à circulação desses gêneros partindo de eventos de letramento que constituem o cotidiano dos educandos.

Buscaremos abordar o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, a partir das novas propostas de trabalho com a língua materna através da exploração das fotografias expondo novas perspectivas e desafios para os educadores. Ao abordar as relações entre ensino-aprendizagem no âmbito escolar, estamos falando sobre o processo de apropriação de saberes por parte do aluno, não somente nos seus diferentes níveis, mas também no que se refere às diferentes culturas e realidades com as quais ele tem contato.

Saber estabelecer relações entre o currículo formal e a realidade cotidiana é um dever de todos os educadores envolvidos com o processo de aprendizagem, proporcionando na sala de aula um espaço voltado para os objetivos gerais do Ensino Fundamental indicados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais no que concerne à análise e interpretação crítica dos alunos.

A realização deste trabalho de intervenção é resultado de um interesse especial pelo ensino de literatura, em particular, o de poesia, e por entender que esse ensino nas escolas é relevante quando se pretende promover nos alunos uma formação leitora significativa, pois na poesia a linguagem verbal, o ritmo, as imagens e o sentido apresentam um mundo que o leitor precisa compreender para poder vivenciar e reelaborar seu pensamento.

Por esse caráter polissêmico e dinâmico, a presença da literatura em sala de aula se torna imprescindível. Através dela o aluno vivencia a linguagem nos seus múltiplos aspectos e tem a possibilidade de compreender o mundo por meio das inúmeras vozes que o texto deixa aflorar.

Então, por que nossos alunos costumam afirmar que não gostam de ler poesia? Será que não gostam ou não a tem vivenciado de forma que se sintam seduzidos e

motivados por essa outra maneira do dizer? Outro aspecto que se mostrou pertinente no desenvolvimento deste estudo foi o uso do celular como ferramenta pedagógica. Tecnologia tão usual nos dias de hoje deve mesmo ser proibida em sala de aula ou pode ser utilizada como forma de agregar novos processos de ensino-aprendizagem?

De modo geral, a poesia e seu estudo são considerados pela maioria dos alunos como algo “difícil”, sem sentido e, até mesmo, “chato”. Esse preconceito pode ser reforçado pelas práticas pedagógicas preocupadas somente em transmitir uma série de conceitos como rima, métrica, verso, estrofe, entre outros, e, algumas vezes, em estudar aspectos gramaticais. Esse é um modelo que, ao invés de atrair o aluno para a leitura, o afasta dela, uma vez que ignora os aspectos subjetivos como afetividade, sensibilidade e imaginação criadora que transcendem a simples estrofação e versificação. Ignora, inclusive, o mundo da linguagem que nos constitui e por nós é constituída, aprendida, criada e ressignificada.

Textos literários e imagens fotográficas sempre narram algo. Devemos, por isso, aprender a notar os significados que envolvem, entender como esses foram construídos e encadeados, identificar a perspectiva que oferecem e o efeito que provocam nos nossos olhos de leitores de palavras e imagens.

Embora literatura e fotografia sejam linguagens diferentes e baseiem-se em procedimentos distintos de construção e expressão, ambas são formas de representação, relacionam-se profundamente e permitem ampliar as discussões teóricas e conceituais do letramento literário, ao mesmo tempo em que abrem novas e mais diversificadas possibilidades para o ensino da leitura poética e o trabalho em sala de aula.

Além de estudar a contribuição do ensino de poesia na escola, tentaremos desmistificar o uso do celular como ferramenta auxiliar em sala de aula e o conceito de que é impossível ler literatura com adolescentes, em particular, ler poesia com alunos na faixa etária em que se encontram os sujeitos dessa pesquisa. Além disso, demonstraremos que a presença de um mediador motivado, que goste, que acredite na poesia e tenha um bom planejamento didático contribuirá de forma singular para despertar o prazer pela leitura e escrita poética.

Nesse sentido, o presente trabalho desenvolve reflexões teóricas, percorre os caminhos da criação literária e fotográfica, apresenta seus diálogos possíveis, propõe estratégias que podem ser incorporadas ao dia a dia escolar. Buscando, assim,

oferecer alternativas para o ensino da disciplina de Língua Portuguesa através da construção de um conhecimento plural e interdisciplinar, que contribua na formação de melhores leitores de textos e imagens, oferecendo um novo enfoque para a incorporação de textos literários e recursos visuais para formação do aluno, visando à melhoria do rendimento escolar e ao desenvolvimento da capacidade intelectual dos alunos.

Este trabalho está organizado em três capítulos, além da introdução – *Arrumando a mala* - e das considerações finais – *Experiências na bagagem* - e tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa e discorrer sobre a relevância da Literatura, além da possibilidade de associar ao estudo do gênero poema a imagem fotográfica e o uso do celular em sala de aula para aproximar o leitor do texto poético e provocá-lo ao prazer e à fruição.

O primeiro capítulo – *Estudando a viagem* – discorre sobre a leitura, o letramento literário, a arte fotográfica, a associação defendida por Barthes da fotografia com o haikai, o haikai como proposta de ensino da poesia nas aulas de Língua Portuguesa e o uso do celular como recurso pedagógico. Enfim, encontra-se toda a base teórica que fundamentou o trabalho.

No segundo capítulo – *Preparando o roteiro* – ocorre a descrição da metodologia empregada para a aplicação da presente proposta de intervenção pedagógica. Houve uma intervenção aplicada, que teve como objetivo contribuir com a solução de problemas pedagógicos, como é a proposta do Programa de Mestrado do Proletras. Adotou-se o procedimento da revisão bibliográfica do aporte teórico; elaborou-se a Sequência Didática, terminologia adotada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), que foi a norteadora das etapas de trabalho desta proposta de intervenção, elaborada com vistas a evidenciar que, com planejamento, é possível alcançar resultados satisfatórios no que se refere à promoção do letramento literário através do uso da arte fotográfica, da arte poética e da inclusão do celular em sala de aula.

No último capítulo – *Partindo para viagem* – apresenta-se, de fato, o trabalho com a poesia e a fotografia efetivado em sala de aula, segundo as etapas da proposta de intervenção pedagógica adotada. São evidenciadas as produções dos alunos, desde a produção inicial até o produto final, bem como a socialização do trabalho final dos alunos, por meio de página no *Facebook*, exposições, vídeo no *YouTube* e *WhatsApp*.

Por fim, em – *Experiências na bagagem* - há as considerações finais em que se faz uma avaliação do trabalho desenvolvido, considerando as contribuições deste estudo na promoção do letramento literário entre estudantes do ensino fundamental II.

2 ESTUDANDO A VIAGEM

2.1 Leitura e Letramento Literário

Ler constitui-se em ato de extrema valia para o desenvolvimento cultural e social de qualquer cidadão. O incentivo à leitura deveria iniciar no ambiente familiar, entretanto, muitas crianças têm seu primeiro encontro com o livro e com a literatura na escola. Nesse sentido, pode-se afirmar que o professor tem papel fundamental na inclusão da literatura na vida dos alunos, pois é na escola que terão a oportunidade de dar seus primeiros passos rumo ao mundo da leitura.

A escola tem a função de mostrar ao aluno que a leitura pode ser uma fonte inesgotável de lazer e novos conhecimentos; pode ser vista como emancipação. Candido (1995, p. 240) afirma que:

A literatura também é uma forma de reprodução da cultura e como tal, deve ser valorizada em todas as classes sociais, pois tem o poder de ampliar a visão que temos do mundo, ela é uma grande fonte de conhecimento e deveria ser o centro de interesse nas aulas de Língua Portuguesa para concretizar a sua finalidade principal que é que os alunos leiam e escrevam bem, além de despertar o gosto e interesse pela leitura.

Segundo o autor, para formar leitores é indispensável a participação da família desde os primeiros anos, mas a escola e a sociedade também participam desta construção. Todos precisam estar cientes da importância da leitura na formação cultural do cidadão.

Partindo dessa fala de Candido (1995), presume-se que a escola assume a responsabilidade de iniciar a criança no processo de alfabetização e de, paulatinamente, aperfeiçoar sua leitura, de modo a garantir-lhe o domínio de uma prática, cuja finalidade não se esgota em si mesma.

Além dos benefícios à aprendizagem, a inserção ao mundo mágico da leitura proporciona momentos de lazer, entretenimento e acesso às experiências e situações vividas pelas personagens. De acordo com essa premissa, vale ressaltar que um dos meios de propiciar ao aluno a oportunidade de desenvolver o gosto e o hábito de leitura é apresentar-lhes textos literários por meio da linguagem verbal e da não verbal, isto é, das palavras, dos gestos e das imagens.

A palavra é a matéria-prima da literatura. Segundo Cosson (2012, p. 16) “nosso corpo linguagem é feito das palavras com que o exercitamos, quanto mais eu uso a língua, maior é o meu corpo linguagem e, por extensão, maior é o meu mundo.” Para o autor, no exercício do corpo linguagem, é que o corpo palavra e o corpo escrita se encontram no mais perfeito exercício.

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção (COSSON, 2012, p. 17).

Assim, a literatura proporciona a corporização da palavra por meio da arte. Proporciona o prazer estético, estimula o diálogo e novas experiências, melhora seu processo cognitivo e, principalmente, traz novas concepções de mundo. Segundo Candido:

A literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada, que mantém a estrutura da obra (2010, p. 187).

Como afirma o autor, a reorganização que está presente na arte é capaz de possibilitar ao leitor a experiência humana que mudará sua visão de mundo. Humaniza-se a partir do contato com a produção artística. Humanização essa entendida como:

[...] processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 2011, p. 182).

Portanto, a literatura tem potencial para humanizar, pois traz além dos valores sociais preconizados, bem como a contradição desses, o que permite ao leitor ultrapassá-los, possibilitando a vivência dialética dos problemas elevando seu espírito e mente, e organizando sua visão de mundo. Assim, a literatura pode ser compreendida como a arte da palavra humanizadora.

Candido também faz referência às funções conferidas à literatura: função psicológica e função formadora. Afirma que a psicológica está relacionada à necessidade que o homem tem da ficção, da fantasia, independente da classe social ou cultural. E a formadora, que se refere à leitura como caráter formativo, educativo, tanto quanto a família e a escola. O autor acredita ser a literatura de fundamental importância na vida do homem, considerando um direito básico de todo cidadão.

A literatura é um importante e indispensável instrumento para educar, e a leitura é a base e o ponto de partida e chegada do letramento literário tão importante na formação dos estudantes.

De acordo com Magda Soares (2004), a palavra letramento, assim como o seu conceito, é algo recente no Brasil. Foi introduzido na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento se deu pela necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico. Esses comportamentos e práticas sociais de leitura e de escrita foram adquirindo visibilidade e importância à medida que a vida social e as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas e dependentes da língua escrita, revelando a insuficiência de apenas alfabetizar no sentido tradicional.

O letramento não é unicamente pessoal, mas é, sobretudo, uma prática social: “letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais” (SOARES, 2004, p. 72).

É importante esclarecer que o conceito de letramento abarca dois fenômenos diferentes, embora complementares: a leitura e a escrita. Estes dois, por sua vez, são constituídos por um “conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos que compõem um longo e complexo *continuum*” (SOARES, 2004, p. 48-49). Um indivíduo pode ser capaz de ler um bilhete e não ser capaz de ler uma notícia, pode ser capaz de escrever o nome e não ser capaz de escrever um bilhete, e assim por diante: “há

diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural” (SOARES, 2004, p. 48- 49).

Como letramento, Kleiman (1995) destaca uma prática discursiva de determinado grupo social que está relacionada ao papel da escrita para tornar significativa essa interação oral, mas que não envolve, necessariamente, as atividades específicas de ler ou de escrever. Assim, o letramento é um conjunto de práticas sociais que perpassam a escrita. Para Kleiman:

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes (1995, p. 20).

No âmbito da sala de aula, os gêneros literários têm exercido, muitas vezes, o papel de pretexto para ensinar aspectos gramaticais da língua (COSSON, 2006). Outro engano reside no fato de associar a leitura literária ao prazer. Ninguém nasce gostando ou não de ler. É preciso despertar nos sujeitos a habilidade de leitura, uns irão gostar; outros entender que é necessário, e assim, o farão.

Tornar o ensino/aprendizagem de literatura em uma prática significativa deve ser prioridade em nossas escolas, mas, para isso, é preciso repensar o conceito de literatura, seu valor e função social. Indo ao encontro da necessidade de melhorar o ensino de literatura em nossas escolas, estudos apontam para o letramento literário, um tipo de letramento em que a literatura é vista de maneira mais ampla.

Em uma de suas obras, Rildo Cosson (2006) apresenta estratégias que visam desenvolver o letramento literário na escola. Tendo a leitura como objetivo principal desse tipo de letramento, o teórico destaca que a leitura do aluno deve ser discutida, questionada e analisada. Cosson defende a construção de uma comunidade de leitores como objetivo maior do letramento literário na escola.

Soares (2006) observa, ainda, que as atividades propostas na escola não visam à textualidade ou literariedade, transformando o texto literário em um mero texto informativo, que tem como pretexto exercícios de metalinguagem. A autora ressalta

que a escolarização é inevitável, porque é da essência da escola a didatização de conhecimentos e práticas culturais, mas que é possível fazer uma escolarização adequada:

Distinguimos entre uma escolarização adequada e uma escolarização inadequada da literatura: adequada seria aquela escolarização que conduziu eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal do leitor que se quer formar; inadequada é aquela escolarização que deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando, e não aproximando, o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele resistência ou aversão ao livro e ao ler (SOARES, 2006, p. 47).

A literatura precisa de um adequado processo de escolarização, mas não de modo que seja descaracterizada e negada sua função social, pois a adequada escolarização da literatura contribui para a formação dos estudantes em uma perspectiva do letramento literário.

É preciso problematizar e rever as práticas de leitura no contexto escolar. Ler fragmentos de textos em livros didáticos, fazer fichas de leitura, provas e exercícios gramaticais baseados em textos literários, não tem utilidade para os alunos, pois não objetivam trabalhar a leitura literária, e muito menos o letramento. São tarefas enfadonhas que nada acrescentam à vida do estudante.

O professor é o principal responsável pela mediação entre o leitor e o livro no contexto escolar. Um dos papéis fundamentais do professor é o de apresentar obras literárias aos alunos, selecionar as obras que devem ser lidas e trabalhadas visando ao letramento literário dos estudantes. Para a formação do leitor aprendiz, é indispensável a presença de um professor mediador. Assim, se faz necessário que a escola privilegie a formação literária dos alunos através da leitura e de estratégias de ensino, e o professor deve assumir a posição de mediador do conhecimento, que conduz o processo.

Acreditamos, que o presente estudo, é de grande valia na transformação de leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura. Mostrando possibilidades de se trabalhar o letramento literário através de atividades significativas para todos.

2.2 Imagem fotográfica

Diante do desafio de trabalhar com o poema em sala de aula, pensamos em aliar a fotografia com a poesia, uma vez que nossos estudantes sentem-se atraídos pelas novas tecnologias, principalmente pelo celular e sabemos como estão envolvidos com o ato de fotografar e filmar tudo o que acontece a sua volta. Foram estudadas e discutidas as inter-relações entre literatura e fotografia, as potencialidades poéticas da fotografia para alcançar o letramento literário dos estudantes.

A fotografia possui a tecnologia necessária para colocar em prática um desejo que sempre esteve na mente das pessoas: o de fixar momentos da existência. Para o escritor Mário Quintana (*In*: MONTEIRO, 2015), “o fotógrafo tem a mesma função do poeta: eternizar o momento que passa”. Capturar ou descrever vivências parece ser um dos maiores desafios dentro da comunicação humana. E, no mundo da cultura e das artes, essa intenção pode ser observada por meio da literatura e da fotografia.

Experiências, como as de Florence (1830) e as de muitos outros ao redor do mundo, demonstram o grande número de pessoas empenhadas no aperfeiçoamento do que viria a ser a fotografia. Uma forma de representação técnica e simples que era aguardada pela sociedade industrializada do século XIX, a qual já pressentia que possuía a tecnologia necessária para colocar em prática um sonho antigo da humanidade: o de fixar momentos da existência.

A revolução causada pela invenção da fotografia, pela primeira vez, nas artes da representação, traz a ideia de que o real e o instante podiam ser apreendidos, em uma forma de representação que se aproximava bastante de uma percepção. Sob esse ponto de vista, “a fotografia restitui sobre uma superfície contínua o traço ou o rastro de tudo o que o olhar apanha em um piscar de olhos” (KRAUSS, 1990, p. 119).

Com a fotografia ocorreu uma sensação de vitória contra um dos fenômenos mais misteriosos da vida: o tempo. Decorre daí, talvez, um dos principais motivos do fascínio exercido pela fotografia que, em pouco tempo, torna-se uma febre mundial.

Sontag esclarece que “assim como a industrialização propiciou os usos sociais para as atividades do fotógrafo, a reação contra esses usos reforçou a consciência da fotografia como arte” (2004, p. 26).

No mundo das artes, no entanto, a fotografia é recebida com desconfiança por alguns intelectuais que a consideravam uma concorrente desleal da pintura. Mas a polêmica que se desenvolveu, ao longo do século XIX, entre pintores e fotógrafos sobre o valor artístico de suas respectivas obras foi, segundo Walter Benjamin (1975, p. 20), uma discussão em torno de um falso problema: “Gastaram-se vãs sutilezas a fim de se decidir se a fotografia era ou não arte, porém não se indagou antes se essa própria invenção não transformaria o caráter geral da arte”. E foi exatamente uma espécie de revolução no mundo das artes o que fez a fotografia, conforme atesta Benjamin (1975, p. 13):

Com o advento do século XX, as técnicas de reprodução atingiram tal nível que, em decorrência, ficaram em condições não apenas de se dedicar a todas as obras de arte do passado e de modificar de modo bem profundo os seus meios de influência, mas de elas próprias se imporem, como formas originais de arte.

Exatamente no momento em que pararam de discutir se a fotografia era ou não uma arte, ela passou a ser assim aclamada pelo público em geral e ingressou, à força, nos museus. Sua naturalização como arte é a vitória conclusiva da campanha de um século travada pelo gosto modernista em favor de uma definição de arte sem fronteiras, uma vez que a fotografia oferecia um campo muito mais conveniente do que a pintura para esse esforço. Pois, a diferença entre amador e profissional, primitivo e sofisticado, não é só mais difícil de traçar do que na pintura, mas tem pouco sentido. A fotografia ingênua, despretensiosa, não difere, no tipo, da fotografia praticada pelos profissionais mais talentosos: há fotos tiradas por amadores anônimos tão interessantes, tão complexas, tão representativas quanto uma foto de um profissional. Isso podemos comprovar durante a aplicação de nossa intervenção pedagógica através das fotos que os estudantes tiraram usando seus aparelhos celulares.

A princípio, a fotografia foi vista como uma atividade arrogante, que parecia rebaixar uma arte já estabelecida: a pintura. Para Baudelaire (*In*: SONTAG, 2004), a fotografia era “inimiga mortal” da pintura; mas, no fim, elaborou-se uma trégua, onde a fotografia era tida como libertadora da pintura, da cansativa tarefa da representação fiel, podendo assim, partir para busca de uma tarefa mais elevada: a abstração, selando um pacto que autorizou ambas a perseguirem tarefas distintas.

Na visão de Clarice Lispector (1973), cada coisa tem um instante em que ela existe, em que ela é só ela, suas reflexões além de confirmarem a pertinência da relação entre literatura e fotografia, permitem inferir que a existência humana acontece primordialmente nos instantes. O fascínio diante de uma fotografia surge, dessa sua capacidade de reproduzir, de forma bem convincente, o instante.

Atualmente esse fascínio é ainda maior, pois não há mais a necessidade de se carregar uma máquina fotográfica para conseguir eternizar momentos, basta ter à mão os modernos aparelhos celulares que são capazes de fotografar, editar e publicar uma foto em questão de segundos.

O texto *Literatura e fotografia: o anseio pela apreensão do instante*, dos autores Pedro Carlos Louzada Fonseca e Fábio D'Abadia de Sousa (2008), propõe que a literatura, especialmente no campo poético, e a imagem fotográfica possuem a função de ampararem e complementarem uma à outra na hora de contar uma história, e, conseqüentemente, de registrar um momento.

Se a ilusão da captura é feita por um clique, que pode ter êxito ou não na tentativa do registro, o resultado pode ser considerado algo unânime, extraordinário e único. Ao relacionar a imagem com a palavra, utilizamos vários recursos para expressar a complexidade dos sentimentos envolvidos em um dado momento.

Se, na literatura, as palavras convertem-se em imagens, na fotografia são as imagens que geram as palavras. Cada um mirará, de maneira singular, a realidade, de acordo com as características de cada indivíduo e objeto retratado.

Sontag (2004, p. 112), ao estabelecer uma relação de pertinência entre literatura e fotografia, considera que o *ethos*, ou conjunto de valores, da fotografia está mais próximo da poesia moderna do que o da pintura. Sobre essa correspondência comenta a autora:

Enquanto a pintura se tornou cada vez mais conceitual, a poesia (desde Apollinaire, Eliot, Pound e William Carlos Williams) definiu-se cada vez mais como uma atividade ligada ao visual. ("Não há verdade senão nas coisas", como declarou Williams). O compromisso da poesia com o concreto e com a autonomia da linguagem do poema corresponde ao compromisso da fotografia com a visão pura. Ambos supõem descontinuidade, formas desarticuladas e unidade compensatória: arrancar as coisas de seu contexto (vê-las de um modo renovado), associar as coisas de modo elíptico, de acordo com as imperiosas, mas não raras arbitrárias exigências da subjetividade.

Essa capacidade que tanto a poesia quanto a fotografia possuem de permitir uma visão renovada acerca das coisas, talvez, tenha o seu nascimento e a sua justificativa no fato de as duas modalidades artísticas buscarem, na tentativa de apreensão dos fragmentos de realidade circundante, o motivo da sua existência.

Literatura e fotografia, duas formas de arte aparentemente tão diferentes, na verdade, são semelhantes em sua essência e manifestação. Na contemporaneidade, muitos artistas substituíram a paleta de tintas por uma câmera fotográfica e, por meio dela, buscam captar seu olhar poético do mundo: “Fotos, que em si mesmas nada podem explicar, são convites inesgotáveis à dedução, à especulação e à fantasia” (SONTAG, 2004, p.76).

A poesia traz a possibilidade de imaginar, de visualizar e a fotografia traz a poesia em suas imagens. Interligar a poesia e a fotografia possibilita que imagens sejam criadas a partir da leitura e interpretação das palavras, o que possivelmente proporcionará a formação imagética da escrita e do pensar por imagens numa perfeita catarse.

2.3 Barthes: poesia e fotografia

Nos quase trinta anos em que esteve em atividade como escritor, Roland Barthes, escreveu e publicou obras dos mais variados temas. Durante essas quase três décadas de trabalho, a fotografia aparece constantemente em suas obras. Um dos eventos representativos e antropológicos mais importantes da revolução industrial não passa despercebido por ele.

O fato de a fotografia, diferentemente dos meios representativos, até então conhecidos, relacionar-se com seu objeto de forma direta, sem a aparente mediação de um código, espanta Barthes. Esse entendimento de oposição entre as artes tradicionais, como a pintura, tidas como lugar da imaginação criadora e a fotografia, como espaço limitado de transformação, moldou grande parte do pensamento sobre a fotografia nos últimos anos. “Diríamos que a Fotografia é inclassificável. (...) O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES, 2015, p.14).

Com o livro *A Câmara Clara* (1980), Barthes parece buscar outras possibilidades inerentes à fotografia, como se, além das camadas frias do significante e do

significado, a fotografia ocultasse outros sentidos, que envolvem de certa forma a imaginação e os laços afetivos.

Para dar conta do que seria o fenômeno fotográfico, Barthes parte do espanto que ela lhe causa, da questão da presença necessária do objeto diante da câmera que o capta, da relação entre o signo e o referente. Não se coloca como um observador isento, mas como um ser afetivo, diante de imagens que lhe remetem a afetos.

Barthes não escreve uma teoria da imagem fotográfica, como muitos aguardavam, ele prefere falar da experiência de estar diante de algumas imagens, optando pelo discurso estético e não-técnico. Propõe a liberdade do olhar como quem busca o grau zero da imagem, o branco da linguagem. “No fundo, a Fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa” (BARTHES, 2015, p. 38). Deixa claro que numa fotografia sempre coexistem dois observadores: o fotógrafo (aquele que tira a foto) e o leitor da imagem depois de processada (o espectador), que é convidado a participar das múltiplas interpretações possíveis sem exigir uma interpretação finalizante.

A fotografia nos prepara, de certa forma, para encarar o aspecto da impotência do tempo. Podemos dizer que a simpatia de Barthes pela fotografia se dá pelo fato de a considerar como catalisador da memória. Nada na fotografia, segundo ele, se aproxima de uma busca por um tempo perdido. Quem observa uma foto não revive aquele momento, numa espécie de atuação ativa diante do passado, mas, de forma mais chocante, esse passado retorna, torna-se presente, sem qualquer influência do espectador. Barthes coloca o espectador como um ser impotente diante desse passado que, em estado presente, contrai o tempo e se lança sobre o olhar do observador. A fotografia, para ele, está associada, necessariamente, à morte, pela aptidão natural e real de congelar o tempo. “Na fotografia, a imobilização do Tempo só ocorre de um modo excessivo, monstruoso: o Tempo é obstruído” (2015, p. 78).

Na compreensão barthesiana (2005, p. 47, 48), “Haikai = forma exemplar de anotação do presente = ato mínimo de enunciação, forma ultrabreve, átomo de frase que anota (marca, cinge, glorifica: dota de uma fama) um elemento tênue da vida real, presente, concomitante”.

É no início dos anos 70 que Roland Barthes, pela primeira vez, refere-se à possibilidade comparativa entre fotografia e haikai. Na obra *O Império dos Signos*,

afirma: “(...) o flash do haikai não ilumina, não revela nada; é como uma fotografia que tirássemos com muito cuidado (à japonesa), mas tendo esquecido de carregar o aparelho com a película” (BARTHES, 2007, p. 112).

Seu interesse pela cultura oriental recai sobre o haikai, muito associado por Barthes à imagem fotográfica. Essa forma poética breve, capaz de aprisionar o instante chama-lhe a atenção.

(...) o que a ação química desenvolve é o indesejável, uma essência (de ferida), o que não pode transformar-se, mas apenas repetir-se sob as espécies da insistência (do olhar insistente). Isso aproxima a Fotografia (certas fotografias) do Haiku. Pois a notação de um haiku também é indesejável: tudo está dado, sem provocar a vontade ou mesmo a possibilidade de uma expansão retórica (BARTHES, 2015, p. 46).

Será no livro *O império dos signos* que Barthes irá tratar dessa forma poética pela primeira vez. O deslumbramento com essa forma enxuta de poesia vai fazê-lo repensar seus pensamentos e teorias sobre a arte poética. Em, *A preparação do romance*, podemos visualizar a mudança radical de opinião: “compreende-se, então, talvez isso: Poesia = prática da sutileza num mundo bárbaro. Daí a necessidade de lutar hoje pela Poesia: a Poesia deveria fazer parte dos ‘Direitos do Homem’; ela não é ‘decadente’, ela é subversiva e vital” (BARTHES, 2005, p. 95).

Essa mudança se deve ao fato da busca pela capacidade de uma escrita neutra, manifestada agora pela poesia, de assegurar ao sujeito processos de escape à qualquer tipo de coação perante as regras da língua, permitindo ao sujeito uma liberdade, o lugar da fantasia.

Barthes parece encontrar na poesia a vitalidade final de um texto desimpedido de ideias prontas. Essa capacidade de captar o objeto, o instante, praticamente no momento em que ocorre, irá atraí-lo na defesa do haikai como uma forma neutra de manifestação literária e permitirá sugerir a aproximação de tal forma poética com a fotografia. Aliás, entender a relação dele com o haikai passa pelo entendimento da atração de Barthes pelo fragmento, jamais escreveu para estar certo de algo, mas para causar impressão e tanto a fotografia quanto o haikai lhe permitiram essa liberdade.

Sob forma de pensamento-frase, o germe do fragmento nos vem em qualquer lugar: no café, no trem, falando com um amigo (surge

naturalmente daquilo que ele diz ou daquilo que digo); a gente tira então o caderninho de apontamentos, não para anotar um “pensamento”, mas algo como um cunho, o que se chamaria outrora um “verso” (BARTHES, 2003, p. 109).

Literalmente, reproduz com palavras a ação de um fotógrafo, só que utiliza o caderninho de anotações ao invés da câmera fotográfica. O haikai, bem como a fotografia, levam Barthes, diante de ambos, dizer, como num olhar sem objetivo: “Nos dois casos, poderíamos falar de uma imobilidade viva” (2015, p. 46).

O que há segundo ele, no haikai e na fotografia, é um encontro (não um reencontro) com o tempo, numa captura do instante, do estalo, do que ele chama de *tilt*, aquilo que nos toca sem sabermos por que, uma surpresa. Vê, em ambos, a mesma qualidade intrínseca de apanhar o instante e desequilibrar a linguagem ao ponto de torná-la neutra. Para ele, nos levam ao prazer instantâneo, uma abertura para o desejo, “um fantasma de discurso” (2003, p. 109).

Para Barthes, a fotografia é a forma de arte que permite conceber o haikai, por ultrapassar os limites do simples diálogo entre texto e imagem, tão comuns hoje principalmente nos veículos midiáticos. É por seu vigor imagético que o haikai produz o mesmo efeito do momento que a fotografia traz. Assim, o fotógrafo e o poeta aproximam-se pela capacidade de aprisionar momentos. E é, esse aceno do real, contido na fotografia, assim como no haikai, que interessa a Barthes e nos motivou para trabalhar com essa temática na sequência didática proposta.

2.4 O Haikai no Brasil

Quanto à palavra “haikai”, a mesma poderá aparecer de modos diferentes: *haiku*, *hokku*, *haicai*, *hai-cai*, *hai-kai*, *haycay*, *hay-cay*. Optamos pelo uso de “haikai” por este ser, de modo geral, o mais usado – o mais abrangente e exato do que haiku, e optamos ainda por usá-la sem denotação, escrita em itálico ou com aspas, pois ela já está inserida na linguagem brasileira e inclusa nos dicionários.

O Haikai tem sua origem no Japão no século XVI e encontrou representantes no Brasil, como os poetas Paulo Leminski, Guilherme de Almeida e o jornalista Millôr Fernandes.

Segundo Goga (1988), o primeiro literato a divulgar o haikai no Brasil foi Afrânio Peixoto (1875-1947), em 1919, através de seu livro *Trovas Populares Brasileiras*, onde prefaciou suas impressões a respeito do poema japonês:

Os japoneses possuem uma forma elementar de arte, mais simples ainda que a nossa trova popular: é o haikai, palavra que nós ocidentais não sabemos traduzir senão com ênfase, é o epigrama lírico. São tercetos breves, versos de cinco, sete e cinco pés, ao todo dezessete sílabas. Nesses moldes vazam, entretanto, emoções, imagens, comparações, sugestões, suspiros, desejos, sonhos... de encanto intraduzível (GOGA, 1988, p. 22).

É na década de 30 que acontece o intercâmbio e difusão do *haiku* entre haicaístas japoneses e brasileiros, constituindo assim outro caminho do haikai no Brasil. É nesta década também que aparece a mais antiga coletânea de haikais chamada simplesmente *Haikais*, de Siqueira Júnior, publicada em 1933. Guilherme de Almeida, no ano anterior, havia publicado *Poesia Vária*, mas o livro não era exclusivamente de haikais. Fanny Luíza Dupré foi a primeira mulher a publicar um livro de haikais, em fevereiro de 1949, intitulado *Pétalas ao Vento – Haicais*.

Nomes como o de Afrânio Peixoto, Guilherme de Almeida, Waldomiro Siqueira Júnior, Jorge Fonseca Júnior, Wenceslau de Moraes, Oldegar Vieira, Abel Pereira e Fanny Luíza Dupré são referências na história do haikai no Brasil, conforme Goga (1988).

O Brasil possui mais escritores de haikai do que se imagina. O certo é que o haikai chegou aqui e conquistou seu espaço. Em cada região do país, ganhou a cara e o sotaque de seu povo ou seja, abrasileirou-se; ganhou forma rígida ou maleável, dependendo de seu escritor, também ganhou título ou desfez-se dele. No entanto, percebe-se que a tendência da maioria dos atuais escritores brasileiros é seguir a forma tradicional de haikai, conforme os ensinamentos do mestre Goga.

No haikai habita uma forma elementar de arte que valoriza o simples, cujo objetivo é aguçar em quem lê o espírito contemplativo e descritivo das imagens expressas no poema. É nítida a preocupação com a linguagem, pois o haikai tem a objetividade como sua principal característica.

O haikai sempre exprime um momento vivenciado no presente. Sendo baseado na natureza, obrigatoriamente fala de coisas concretas, com existência física. E ao falar do presente através de coisas concretas, necessariamente alude à

temporalidade, ao provisório e ao efêmero, marcas do mundo terreno. Em outras palavras, o haikai é um veículo para a expressão da transitoriedade.

Ao exprimir um momento do presente, baseado na realidade física, o haikai se aproxima da fotografia. Sempre que olhamos uma foto, aquela impressão visual se reaviva e se torna presente em nós. O haikai faz o mesmo, através da descrição objetiva de uma sensação física. Esta sensação pode disparar uma lembrança ou um sentimento, o que pode ser expresso no poema.

O Brasil está vivendo o momento do haikai através de seus inúmeros praticantes. Há uma grande quantidade de livros publicados desde o século XX, que adotam estilos próprios ou seguem modelos na tentativa de entregar um momento de reflexão ao leitor. Atualmente, temos no Brasil uma geração de grandes haicaístas, os quais, para não cometermos alguma injustiça, não os citaremos aqui, pois pecaríamos por não citar todos.

2.5 O haikai como proposta de ensino da poesia nas aulas de Língua Portuguesa

O ensino da poesia em sala de aula contribui de forma singular para a formação do leitor literário, visto que é um gênero que parte da linguagem verbal e que, por intermédio de uma atitude criativa parte do usual para recursos formais e semânticos. Assim, na poesia, a linguagem verbal, o ritmo, as imagens e o sentido apresentam um mundo que o leitor precisa compreender para poder vivenciar e reelaborar seu pensamento, como claramente nos aponta Azevedo (In. SOUZA, 2004, p. 44):

A literatura, o discurso poético e ficcional, quando respeitadas suas características, entre as quais, ressalto mais uma vez, inclui a possibilidade de poder abordar o contraditório, permite a identificação emocional entre a pessoa que lê e o texto e, assim, pode representar, dentro ou fora da escola, um precioso espaço para que certas especulações vitais – feitas pelo leitor, seja consigo mesmo, seja com outras pessoas – possam florescer.

Por que nossos alunos em sala de aula costumam afirmar que não gostam de ler poesia? Será que não gostam ou não a têm vivenciado de forma que se sintam seduzidos e encantados? Muitas vezes a forma como é trabalhado o gênero poema em sala de aula acaba por distanciar os alunos da arte poética.

Conforme afirma Sorrenti (2009, p. 17), “destina-se, geralmente, à escola a tarefa de criar no aluno o gosto pela poesia. No entanto, ela pode ser, por vezes, responsável pelo desgosto pela poesia”.

Nos últimos anos, têm-se manifestado preocupações diversas no que diz respeito à formação de leitores. Compreendendo sua atuação como instituição formadora, a escola volta seus olhos ao campo da literatura, esperando encontrar algumas soluções para as graves lacunas do ensino, pois, mesmo polemizada por sua não praticidade, a literatura termina ocupando necessariamente o centro das atuais discussões sobre educação quando se refere à formação do leitor e sem saber por que, e, para que estudar literatura, o estudante fatalmente desanima frente ao texto.

A poesia pode estabelecer uma ponte entre a criança e o mundo. (...) durante muito tempo, acreditou-se que, para aproximar a criança da poesia, bastava apresentar-lhe textos de qualidade. Sabe-se hoje que é preciso somar outros elementos a essa aproximação, entre os quais o entusiasmo do professor ou mediador. Um mediador sensível ao texto poético tornar-se-á o grande iluminador do encontro texto-leitor. Ele é peça importante na formação do gosto pela poesia (SORRENTI, 2009, p.19).

Logo, bons textos pré-selecionados são importantes, mas não suficientes. O professor deve criar em sala de aula uma atmosfera poética de liberdade e criatividade para que a expressão flua sem bloqueios, lembrando que a interação texto poético/leitor requer carinho e competência.

Conforme Candido (2011, p. 182), “as produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo.”

O dia a dia escolar é fomentado por uma contra formação que nele se insere por meio dos avanços tecnológicos e tal crescimento exige mudanças no que se refere à prática de ensinar e aprender. Deste modo, cabe ao educador uma reflexão acerca dos novos rumos que a educação os coloca, em sala de aula, principalmente no que se refere à literatura como força humanizadora. Candido (2011, p. 182) afirma que “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”.

Rildo Cosson, no livro *Letramento literário: teoria e prática*, defende que o processo de letramento literário é diferente da leitura literária por fruição, aliás, uma depende da outra. Segundo ele,

(...) devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2014, p. 23).

O autor completa ainda dizendo que, dessa forma, no letramento literário não podemos simplesmente exigir que o aluno leia a obra e ao final faça uma prova ou ficha, pois a leitura é construída a partir dos mecanismos que a escola desenvolve para a proficiência da leitura literária. Em seu texto, Cosson apresenta um interesse claro pelo ensino de literatura na escola básica, pois esse letramento literário busca formar “uma comunidade que se constrói na sala de aula, mas que vai além da escola, pois fornece a cada aluno e ao conjunto deles uma maneira de ver e viver o mundo” (2014, p. 12). A escola tem papel singular nesse momento, visto ser ela talvez a principal responsável pela formação e consolidação de alunos leitores, para que sejam críticos e atuantes de fato.

A prosa literária ocupou espaços que antes eram destinados à poesia, e isso se deve à forma como o poema é trabalhado nas escolas, não de uma forma que faça com que os alunos se encantem e tenham gosto pela leitura, mas, sem o devido valor que a poesia merece. O importante é que o professor estimule os seus alunos a escutar essa linguagem poética, despertando assim seus ouvidos para os versos. Por isso, a importância da promoção do letramento literário no processo de escolarização da literatura.

Conscientes de que a poesia ainda é um gênero literário, distante da sala de aula, é preciso descobrir formas de familiarizá-la e torná-la próxima das crianças, adolescentes e jovens. Muitas pessoas desconhecem a poesia, e acreditamos que este trabalho pedagógico que propomos é uma forma viável de alcançar êxito quanto a essa problemática vivenciada por nossas escolas.

A forma de se ensinar a leitura literária no âmbito do ensino fundamental e médio, principalmente no tocante à literatura, sempre foi vista como um sistema de obras e autores, história literária ou conjunto de textos consagrados, mas sem contexto nenhum com a realidade que circundam os alunos. Persiste uma didática de transmissão de informações fragmentárias acerca da literatura, numa concepção de ensino na qual se tem separadamente língua, literatura e redação. Para Todorov:

O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. O caminho tomado atualmente pelo ensino literário, que dá as costas a esse horizonte (...), arrisca-se a nos conduzir a um impasse – sem falar que dificilmente poderá ter como consequência o amor pela literatura (2009, p. 33).

A aprendizagem da interpretação da poesia compreende o desenvolvimento em coordenar conhecimentos dos vários sentidos que um texto poético proporciona. Evidente que a personalidade do professor e, particularmente, seus hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nos alunos. De tal modo, espera-se que os professores percebam a importância do emprego da poesia em sala de aula para a formação leitora da criança e do adolescente, pois como afirma Candido (2011, p. 193): “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”.

Para reforçar o haikai como objeto de estudo em sala de aula, abordaremos a colaboração de alguns especialistas no assunto, que deram suas opiniões a respeito do haikai como objeto de estudo em sala de aula, sua metodologia e didática de ensino, ou seja, o porquê ensinar e como ensinar.

Para Clement (2007), ensinar o haikai para crianças ou jovens é uma ideia inovadora que vale a pena introduzir como um tema cultural adicional, mas que exige um grande esforço tanto da parte de quem ensina como de quem aprende. O primeiro desafio, diz ela, é explicar por que os alunos deveriam se interessar por um conceito de poesia que pertence a uma cultura com a qual temos pouco envolvimento, como a cultura japonesa. Vencido esse obstáculo, ensinar o haikai pode ter várias finalidades tanto dentro como fora da sala de aula.

Clement (2007) acrescenta ainda que o haikai já é importante só pelo fato de permitir uma interação do aluno com a natureza, nessa época de aquecimento global. Ao manter o foco em uma cena da paisagem, o aluno aprende a observá-la, admirá-la, amá-la e explorá-la para dela tirar a essência e um momento de reflexão. Além disso, permite ao aluno usar todos os seus sentidos de forma mais apurada e o estimula a compartilhar suas experiências e percepções com as pessoas ao seu redor. O professor deve informar que um haikai é todo feito de imagens, que são essas imagens que criam as emoções que eles sentiram durante a leitura do poema.

O autor afirma também que é importante que o professor seja gentil e aceite as tentativas do haikai dos estudantes e os encoraje a tentar novos caminhos até que eles se sintam confortáveis com o método. O professor deve evitar o excesso de entusiasmo em querer promover de imediato algum tipo de concurso ou comparar resultados. Promover meios de publicação, como antologias, cartões, camisetas, exposições e assim por diante podem ser usados para estimular o interesse do aluno pelo haikai. Além da lousa ou quadro negro, podem ser usados o projetor, slides, fotos, etc. Tudo depende da imaginação do professor, conclui Clement (2007).

Diz ainda que escrever um poema não é mais fácil que escrever um haikai. Cada um possui seu conjunto de regras. A prática do haikai está se espalhando cada vez mais rapidamente. Aparece em plena expansão na Internet, no rádio e está começando a ganhar espaço não somente nas escolas, mas também nas universidades.

Na opinião de Marins (2007) sobre o assunto, diz o haicaísta que o haikai contém em sua forma, ou melhor, em seu formulário tudo que precisamos para aprender poesia. Acrescenta que fazer um poema nos moldes de um haikai implica em um aprendizado que envolve os elementos básicos de um poeta: vivência, percepção, observação treinada, conhecimento da sintaxe poética (métrica, ritmo, algumas figuras de linguagem, etc.), o apuro da linguagem e, ao mesmo tempo, manter também a simplicidade, a pureza do momento do haikai captado, ou seja, sem intelectualizar, sem tornar mental ou sentimental demais.

Na *Revista de haikai Caqui* (2002), no ensaio *Ao professor*, há algumas perguntas feitas a William Higginson, autor de *The Haiku Handbook* sobre o porquê ensinar o haikai às crianças. O escritor responde que o haikai nasce da experiência do poeta, através da observação da natureza no dia a dia e acrescenta que o haikai é

mais fácil de ser entendido, ficando livre de interpretações esotéricas, pois a natureza do haikai é infantil, por ver as coisas como elas são. Higginson acrescenta ainda que as crianças, quando estimuladas pelos orientadores, encontram seu próprio entendimento dos haikais, da mesma forma que aprendem a encontrar seu próprio entendimento de mundo, implicando mais em uma observação atenta do que em um conhecimento esotérico.

Teruko (*In. Revista Caqui*) acrescenta que para alcançar a concisão no poema, é preciso insistir na simplicidade, na escolha de um tema que seja importante para a criança e, inicialmente, não se prender à métrica, porém sugerir uma aproximação do esquema 5-7-5.

Quanto a ensinar a teoria e a história do haikai, Oda (*In. Revista Caqui*) diz que as crianças não suportam explicações teóricas. Deve haver objetividade por parte do professor a partir da prática, deve haver também direcionamento para experiências objetivas e sensações físicas.

O professor enquanto mediador do desenvolvimento dos seus alunos é o profissional responsável por superar as dificuldades encontradas no dia a dia e burlá-las por meio de didáticas atrativas. Diante dessas reflexões, é importante reafirmar que trabalhar com poesia é um dos recursos mais encantadores no processo educacional, que visa ao crescimento estético, crítico e literário e inventivo das partes envolvidas, o que comprovamos ao final do nosso projeto pedagógico interventivo aliando a fotografia com o haikai. É imprescindível que as relações entre professores e educandos sejam preenchidas de afeto, na certeza de que construir um novo modo de relacionar-se é uma arte, e que o fazer poético está inserido dentro de cada ser.

2.6 O celular como ferramenta pedagógica

O acesso à comunicação e à tecnologia evoluíram muito: atualmente existe um fluxo contínuo de informações que impulsionam uma interação mais efetiva e rápida entre todos. Essas transformações provocaram mudanças profundas de uma geração para outra, sobretudo em relação ao uso de celulares.

Nessa perspectiva, fica claro que somente o quadro, o caderno e a caneta não são mais suficientes para manter os alunos interessados em aprender. Nesse cenário, o uso pedagógico da tecnologia pode contribuir com a motivação dos

estudantes. Embora o uso do celular em sala de aula tenha sido por muito tempo inaceitável, tanto pelo corpo docente quanto por lei, hoje o cenário é bem diferente. Já se permite o uso do celular em sala de aula para fins pedagógicos, o desafio das escolas agora é aprender a inserir esses aparelhos de forma eficiente e adequada para o melhor desenvolvimento e aproveitamento dos estudantes.

Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (2017) prevê o uso da tecnologia na escola, tendo em vista que a sociedade está imersa no meio digital. Sendo assim, é evidente a importância de se explorar esse recurso em prol da formação do aluno e da sua interação com o mundo.

As tecnologias digitais hoje são muitas, acessíveis, instantâneas e podem ser utilizadas para aprender em qualquer lugar, tempo e de múltiplas formas. O que faz a diferença não são os aplicativos, mas estarem nas mãos de educadores, gestores (e estudantes) com uma mente aberta e criativa, capaz de encantar, de fazer sonhar, de inspirar. Professores interessantes desenham atividades interessantes, gravam vídeos atraentes. Professores afetivos conseguem comunicar-se de forma acolhedora com seus estudantes através de qualquer aplicativo, plataforma ou rede social (MORAN, 2017, p. 1)

O aparelho celular pode se tornar um rico instrumento de aprendizagem. A maioria dos smartphones atuais possui inúmeros recursos que podem ser utilizados nesse sentido: câmeras, gravador de voz, mapas, além do acesso à internet.

Estar conectado em sala de aula não significa necessariamente distração e perda de foco. Quando bem direcionada, essa alternativa é também uma maneira de aprender como pesquisar, coletar dados, buscar referências e se inteirar de assuntos atuais em tempo real. Ou seja, a prática pode contribuir para que o aluno acabe se tornando o protagonista do próprio aprendizado.

Quando utilizados de maneira correta, os celulares em sala de aula têm o poder de melhorar sobremaneira a motivação e o nível de aprendizagem dos alunos. Além disso, possuem a grande vantagem de serem ótimas ferramentas de apoio ao professor. Com esses aparelhos, é possível incrementar as aulas e oferecer conteúdos mais interativos e que despertem o interesse genuíno do aluno em participar do processo. É possível buscar instantaneamente por informações e notícias, além de acesso à leitura digital, *e-books* e plataformas de ensino.

Até mesmo as redes sociais, como *Facebook* e *WhatsApp*, podem ser direcionadas para uso em sala de aula. A criação de grupos de discussão, debates e fórum sobre determinado assunto é um bom exemplo disso. Além de promover maior participação do aluno, essa prática permite que a atividade se expanda para fora do período escolar e instigue os jovens a buscar referências na internet, foi o que pudemos vivenciar no decorrer da presente proposta de intervenção pedagógica.

Os alunos já estão nas redes. Elas são importantes para conhecer seus interesses e expectativas, para criar vínculos afetivos, empatia, aproximação emocional que facilita a comunicação e que aproxima professores e alunos e também os assuntos que vão ser tratados na aula. É fácil utilizar esses espaços para motivá-los a aprender, disponibilizando materiais interessantes (vídeos, charges, pequenos textos, infográficos, apresentações), pedindo que os estudantes também compartilhem suas descobertas e contribuam com os assuntos que estão sendo tratados (MORAN, 2017, p. 6).

Com o acesso à internet, os dispositivos móveis se transformam em janelas para todo o tipo de informação – textos, imagens, videoaulas, testes, jogos, objetos digitais de aprendizagem, museus virtuais e outros. Com tantos recursos, o celular pode ser usado para tornar os alunos ativos na busca por conhecimento, ao mesmo tempo em que deixa as aulas mais divertidas e dinâmicas.

São inúmeras as possibilidades de utilizar a tecnologia como forma de aperfeiçoar a dinâmica escolar e cada instituição deve buscar uma solução que se adapte melhor à sua necessidade e identidade.

Apesar das mudanças de estratégias educacionais que permitem o uso do celular em sala de aula representarem um grande avanço pedagógico, é sempre prudente ter certo cuidado. É necessário deixar clara qual é a finalidade e em que momento pode-se fazer uso dessas tecnologias para que os alunos tenham consciência de quando e como utilizá-las e respeitem essa determinação.

Em certas ocasiões, pode ser difícil para o professor controlar de perto o que cada aluno está realmente fazendo ao mexer em seu celular: participando da atividade proposta ou simplesmente navegando sem propósito pelas redes sociais. Daí a importância de estruturar estratégias e propostas que facilitem a vida do educador, utilizando ferramentas assertivas que engajem verdadeiramente os alunos.

Hoje professores e alunos têm a seu alcance espaços múltiplos de experimentação no seu celular, com múltiplos aplicativos para todas as finalidades possíveis, muitos que ampliam a realidade (realidade aumentada) outros que a recriam (realidade virtual) e que são acessáveis de qualquer lugar. A sala de aula assim se transforma em espaço de pesquisa, experimentação, produção, apresentação, debate, síntese. Cada escola, dentro da sua realidade, pode desenhar seus espaços de participação ativa, de experimentação, de elaboração de projetos, de construção de protótipos, de experimentação, criação (MORAN, 2017, p. 3).

É fundamental elaborar propostas educacionais bastante claras, a tecnologia deve ser utilizada de maneira a favorecer as práticas educativas, ou, para ajudar a identificar as dificuldades dos alunos. Quanto mais integrar o trabalho da aula com o bom uso de ferramentas tecnológicas como o celular, mais estreito ficará o fosso entre a educação e a tecnologia.

Contudo, a utilização dos celulares não significa que os alunos podem usar os dispositivos à vontade e em qualquer momento para conversar, trocar mensagens, jogar e interagir em redes sociais. Cabe aos gestores e professores estabelecerem regras e refletirem com alunos sobre espaços e horários para o uso do celular, aplicativos permitidos, a importância da ferramenta para o aprendizado, além de formá-los para o uso consciente da tecnologia através de um diálogo constante com as famílias.

3 PREPARANDO O ROTEIRO

O ensino da língua portuguesa no Brasil é marcado por uma forte tradição que tem raízes históricas profundas. Extremamente tradicional, traz prejuízos para a literatura e apresenta uma prática baseada, principalmente, na correção linguística.

É sabido que, na maioria das escolas brasileiras, o livro didático é o elemento central responsável pela difusão do conhecimento. Lajolo afirma e define o livro didático como aquele que será utilizado em aulas e cursos e que, provavelmente, foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista a utilização escolar sistemática. Para a autora, a importância do livro didático aumenta em países como o Brasil, “onde uma precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina” (1996, p. 4).

Também entendemos que o livro didático é instrumento importante no processo de ensino e aprendizagem no nosso país, mas ressaltamos que deve haver uma interação crítica entre o livro e o professor, pois há os que têm nele seu único material de trabalho, por isso é necessária uma avaliação significativa desse material.

Sobre o livro adotado pela escola, *Para viver juntos* de Costa, C. L., Marchetti, G. e, Soares, J. J. B., do 6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, do PNLD – Programa Nacional do Livro e do Material Didático (2017), verificamos dois aspectos: a incidência ou não do gênero poema e a formulação metodológica utilizada para se trabalhar com esse gênero nos anos finais do ensino fundamental.

Atualmente existe um discurso formado sobre a necessidade de se trabalhar em sala de aula com vários gêneros textuais. Prática defendida por Marcuschi (2008) que acrescenta ainda que é preciso conceituar os distintos gêneros textuais segundo a sua função social e histórica. O autor ressalta, a importância de deixar claro para o aluno a diferença entre gênero textual e tipo textual. Isso porque, segundo o autor, os livros didáticos tendem a solicitar que os alunos elaborem um determinado tipo de texto em detrimento dos gêneros textuais, deixando de esclarecer que as diferentes tipologias textuais podem estar presentes em diversos gêneros textuais.

Observamos que todos os livros da coleção *Para viver Juntos*, dos autores Cibele Lopresti Costa, Greta Marchetti e Batista Soares, da editora SM, publicado no ano de 2015, estão organizados em nove capítulos que levam o nome do gênero a

ser trabalhado, com exceção do último que é destinado à revisão. O PNLD aponta que seus pontos fortes são as diversificadas atividades de leitura, o tratamento reflexivo dos conteúdos linguísticos e as atividades de produção de texto.

Os volumes desta coleção se organizam por gêneros textuais, em oito capítulos. Além desses, há ainda o capítulo Revisão, cujo objetivo é retomar conhecimentos linguísticos e características dos gêneros estudados. [...] A coletânea apresenta diversidade de gêneros, com temas variados que abordam a realidade brasileira [...] (PNLD, 2011, p. 89).

Com referência aos gêneros textuais, estes exemplares estão de acordo com a proposição de Marcuschi (2008), apresentando nos livros didáticos vários gêneros e não apenas tipologias textuais. Os gêneros apresentados nos exemplares possuem grande relevância no que se refere ao processo ensino-aprendizagem, possibilitando oportunizar ao aluno o conhecimento dos diversos gêneros textuais existentes.

Entretanto, observa-se que os textos apresentados nos livros didáticos são trabalhados, na maioria das vezes, com atividades de decodificação de informações que nada mais são do que o entendimento do texto, propondo apenas a descoberta da mensagem que ele passa, não havendo de fato proposição da descoberta para a análise do discurso, também são abordadas algumas questões gramaticais.

Importante é refletir que há livros de apoio pedagógico para o estudo de vários conteúdos e temas; quando se oferece um texto literário, o contato com a arte da palavra escrita e a educação do olhar para a arte devem ser o ponto mais importante, nos objetivos e na avaliação a ser feita pelo professor de língua portuguesa (GREGORIN FILHO, 2009, p. 96-97).

Observou-se, em todos os volumes dos livros analisados (do 6º ao 9º anos), que o gênero poema só aparece contemplado em um único capítulo, com exceção do volume destinado ao nono ano, onde se quer aparece este gênero para ser vivenciado pelos alunos.

(...) pensarmos na sequela que resulta o não acesso de milhares de alunos a poemas significativos de nossa tradição literária. A função social da poesia, é bom lembrar, não é mensurável dentre modelos esquemáticos. Trata-se de uma experiência íntima que muitas vezes captamos pelo brilho do olhar de nosso aluno na hora de uma leitura, pelo sorriso, pela conversa de corredor (PINHEIRO, 2007, p. 23).

Estas unidades seguem sempre a mesma sequência no trabalho com o poema, os textos colocados como objeto de leitura, mesmo sendo modelos autênticos de poesia, produções, inclusive, de autores consagrados na Literatura Brasileira, não recebem, no entanto, tratamento adequado, a começar pela própria apresentação do glossário ao lado de quase todos os poemas, como se ler uma poesia fosse um exercício mecânico de tradução simplista de termos literais.

Como afirma Candido (1996, p.69), “no poema, as palavras se comportam de modo variável, não apenas se adaptando às necessidades do ritmo, mas adquirindo significados diversos conforme o tratamento que lhes dá o poeta”.

As atividades propostas evidenciam a compreensão da definição de poema a sua aceção estrutural: organização em versos e estrofes. As atividades propostas não conseguem atingir uma leitura completa e coerente do conteúdo e da linguagem do modelo poético, proporcionando uma entrada superficial nos textos.

Lígia Morrone Averbuck no livro *A poesia e a escola* (In: PINHEIRO, 2007, p.118) afirma:

A responsabilidade da escola não é de fazer poetas, mas de desenvolver no aluno (leitor) sua habilidade para sentir a poesia, apreciar o texto literário, sensibilizar-se para a comunicação através do poético e usufruir da poesia como uma forma de comunicação com o mundo.

Outras vezes, os autores propõem questões de interpretação que trabalham com as informações literais contidas no poema. São perguntas que exigem como respostas cópias de trechos do texto.

Os autores sugerem exercícios de leitura que exploram o nível linguístico-semântico do texto, mas são raras as vezes em que o nível pragmático de construção da linguagem poética é enfatizado.

Aspectos ideológicos, sócio-pragmáticos, códigos estéticos são definidores da natureza do texto e questões de interpretação devem propiciar uma reflexão sobre as entrelinhas, ou seja, sobre o próprio espaço social de construção deste texto. Questões abertas que propiciem uma reflexão sobre o autoconhecimento e sobre a natureza da arte, devem comparecer numa proposta de interpretação de poemas.

A forma de interpretação, na maioria das vezes, é redutora; estimula-se a compreensão das relações linguísticas firmadas entre as palavras, mas não se estimula a compreensão profunda das entrelinhas do texto poético.

Como Pinheiro (2007, p. 18, 19), “os modelos que se tem são os livros didáticos que, em sua maioria, ficam na tradicional e questionável ‘interpretação de texto’, sem falar na qualidade discutível de inúmeros ‘poemas’ compilados nessas obras”

Outra questão que chamou-nos a atenção foi o trabalho com gramática e ortografia; são essas atividades que mais evidenciam a fragmentação e a descontextualização do trabalho com o texto poético. Nas atividades de gramática são raras as alusões ao texto de leitura - objeto central da Unidade de Estudo. Quando acontece uma referência a um modelo textual vemos que algumas partes do texto são utilizadas somente com o pretexto de exemplificar conceitos gramaticais.

Para nossa surpresa, em pleno livro do 6º ano, os autores abordam a metrificação poética e pedem para os alunos copiarem os últimos versos do poema de Manoel de Barros para realizar a metrificação.

Ficou clara a preferência pelos textos em prosa, em detrimento ao texto poético. Na sua grande maioria, os textos escolhidos não atendem às necessidades de todas as classes sociais, já que não fazem referência às peculiaridades locais. Fato que tende a prejudicar o trabalho com a literatura se o professor, não realizar de forma efetiva um trabalho voltado para as características regionais, buscando em outras fontes textos poéticos que se aproximem da realidade do educando de forma que ele possa a partir da visão de mundo que possui se estender a outras realidades:

De todos os gêneros literários, provavelmente, é a poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico da sala de aula. Mesmo depois da massificação da literatura infantil e juvenil, não tivemos nem produção, nem trabalho efetivo com a poesia. Os problemas relativos à aplicação da poesia são inúmeros e diversos. (...) Normalmente, as professoras dão prioridade ao trabalho com textos em prosa, deixando sempre a poesia em segundo ou terceiro plano (PINHEIRO, 2007, p. 17).

A seção *A linguagem no texto* apresenta atividades que partem dos textos da seção de leitura para abordar os conhecimentos linguísticos. Nessa seção do livro didático, aparecem atividades em maior parte de identificação e reflexão majoritariamente no nível do discurso, por visarem sempre à compreensão do texto lido anteriormente. A maior parte das atividades sugere pelo enunciado uma reflexão do aluno, porém não estimula o aluno a chegar nessa reflexão.

Em geral, apresenta maior quantidade de exercícios de identificação, seguidos pelos exercícios de reflexão, aplicação e classificação. A quantidade predominante de

atividades de identificação ocorre, por frequentemente, os exercícios iniciarem com a identificação do fenômeno como a primeira aproximação do objeto de estudo.

O menor índice de atividades de classificação e alta presença dos exercícios de reflexão sobre a língua demonstram a procura em adotar metodologias mais significativas para a aprendizagem dos tópicos da análise linguística.

Diante do exposto, observamos que os livros didáticos analisados, “atendem” segundo o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), a demanda escolar, porém, ao nosso entendimento, ficam aquém do verdadeiro objetivo do trabalho com o literário, ainda que, aparentemente satisfaça aos quesitos relacionados, não satisfazem a avidez vivenciada pelo aluno da escola contemporânea na busca pelo conhecimento, que independente do gênero textual, esbarra a todo momento nos limites da interpretação que, muitas vezes, acaba por limitar a extrapolação da compreensão da obra literária.

Como observamos ao analisar o material didático disponibilizado pela escola, fica evidente a necessidade do professor de criar novas metodologias para enriquecer a prática pedagógica diária, principalmente no que se refere ao letramento literário, em especial, ao gênero poético. Para atender a esse propósito é que propomos, como intervenção pedagógica, o trabalho com a fotografia e o haikai através da sequência didática.

Essa proposta de intervenção pedagógica foi desenvolvida na cidade de Sinop/MT, especificamente com discentes do 9º ano do ensino fundamental da rede estadual de educação da Escola Estadual Cleufa Hubner e docentes de Língua Portuguesa dessa escola.

A metodologia qualitativa empregada para desenvolver este projeto intitulado, “Poemografia: a vida pelo olhar poético e fotográfico do adolescente mato-grossense”, foi a pesquisa-ação, com foco principal na melhoria da qualidade do letramento literário destes estudantes. Recebendo a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat sob número 81437317.9.0000.5166 (conforme documento em anexo).

As técnicas de coletas de dados utilizadas foram entrevistas; questionários com questões fechadas, simples e diretas; observações e pesquisas bibliográficas para que fosse possível a aplicação e se necessária reestruturação da sequência didática proposta como forma de intervenção pedagógica.

Na modalidade da pesquisa-ação, segundo Thiollent (2003), os pesquisadores estão ativamente envolvidos com os problemas encontrados na realidade ou no grupo estudado. Daí a sua característica participativa, pois, pesquisador e pesquisado devem estabelecer uma relação colaborativa, tanto o pesquisador como o pesquisado têm um resultado a ser apropriado através do estudo realizado. Se caso não há possibilidade de resolver o problema, pelo menos há a intenção de esclarecê-lo:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (THIOLLENT, 2003, p. 14).

Como método de conhecimento da realidade, a pesquisa-ação, agrega várias técnicas de pesquisa social. Utiliza-se de coleta e interpretação dos dados, de intervenção na solução de problemas e organização de ações, bem como de técnicas e dinâmicas de grupo para trabalhar com a dimensão coletiva e interativa na produção do conhecimento e programação da ação coletiva.

Sua principal característica, a intervenção, presta-se tanto à ação educativa, como conscientizadora com os envolvidos no processo de pesquisa. Como requer ação de transformação da realidade social, o que exige da equipe de pesquisa preparação, pois a pesquisa científica dos processos sociais, tanto objetivos como subjetivos, deve saber trabalhar o objeto de estudo de forma interdisciplinar, integrante de diferentes concepções teóricas e práticas direcionadas à tomada de consciência coletiva para uma ação, também coletiva, na busca dos interesses dos envolvidos na pesquisa, ou seja, pesquisadores, pesquisados e comunidade.

Surge como nova proposta metodológica, dentro de um contexto caracterizado por várias preocupações teóricas e práticas que incidem na busca de novas formas de intervenção e investigação, privilegiando a participação em vista da transformação da realidade.

Portanto, nesta pesquisa-ação, buscamos desenvolver práticas de multiletramentos através do trabalho com o poema e a fotografia, almejando a formação de cidadãos capazes de expressarem e interpretarem crítica e artisticamente as ideias e visões em relação ao contexto que os cercam. Para tanto, propusemos atividades modulares que serão desenvolvidas a partir da sequência

didática proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 51), que definem a sequência didática como sendo “uma sequência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem”, cujo objetivo é buscar “confrontar os alunos com práticas de linguagem historicamente construídas, os gêneros textuais, para lhes dar a possibilidade de reconstruí-las e delas se apropriarem”.

Conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly, o ensino de gêneros constitui um ponto de referência concreto para os alunos, uma vez que os dota de “meios de análise das condições sociais efetivas de produção e de recepção de textos” (2004, p. 172). Ao utilizar os gêneros como objetos de ensino, a escola cumpre seu papel, que é o de instruir, fazendo com que os alunos ultrapassem as formas cotidianas de uso da linguagem.

O uso em sala de aula das sequências didáticas possibilita um trabalho de ensino da língua materna na escola que se distancia do que se tem de referente nas aulas de Língua Portuguesa: uma prática tradicional que prioriza o ensino de nomenclaturas e utiliza o trabalho com textos como forma de avaliar o aluno.

Com as mudanças nos modos de ler, de se informar, de se comunicar e se relacionar, novas competências são exigidas do cidadão, e a escola, principal agência de letramento, tem papel fundamental na formação desses novos cidadãos. O professor precisa estar aberto à transdisciplinaridade, bem como pensar uma pedagogia de multiletramentos que envolva a multiplicidade de mídias e formas de comunicação, bem como o aumento da diversidade linguística e cultural proporcionada pela globalização, que facilitou a mobilidade virtual.

Desta forma, esta pesquisa-ação, constitui-se de uma sequência didática de cunho interacionista que se realizou dentro e fora da escola, de forma a garantir que os gêneros tratados estivessem realmente ligados a uma prática social.

Ao propor, a referida sequência didática com um produto a ser gerado pelos alunos envolvidos, como um dos fatores de estímulo e motivação à prática pedagógica, comungamos da fala de Thiollent, 2003, p.87): “[...] paralelamente à pesquisa havia também produção de material didático, gerada pelos participantes e para ser distribuído em escala maior”, o que com toda certeza os motivou durante todo o processo de ensino-aprendizagem que estiveram envolvidos.

4 PARTINDO PARA VIAGEM

4.1 Perfil do local e dos companheiros de viagem

A Escola Estadual Cleufa Hübner é mantida pelo Governo do Estado de Mato Grosso, através da Secretaria de Estado de Educação, sob o assessoramento da Assessoria Pedagógica de Sinop/MT. Situa-se à Rua das Aroeiras, 518, centro do município de Sinop/MT e foi criada em 25 de fevereiro de 2010, através do Decreto de nº 2399, do Diário Oficial Nº 25.267, página 01.

A Escola surgiu com a finalidade de atender aos princípios estabelecidos pela LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ministrando o Ensino Fundamental Organizado em Ciclos de Formação Humana, observando a legislação vigente para cada caso. Foi criada, também, para atender alunos provenientes da área central do município.

A partir de 2014, para atender a demanda crescente de alunos e devido à negligência do poder público estadual em não ofertar um prédio próprio para abrigar a referida escola com estrutura e quantidade adequadas de salas de aulas, houve a necessidade de locar um outro prédio localizado na Avenida dos Ingás, esquina com Burity, no Jardim Maringá II, onde passou a funcionar a extensão da escola com cinco salas de aulas, para atender alunos do 1º ciclo no período vespertino e alunos do 2º e 3º ciclos no período matutino. Atualmente, as duas unidades atendem a aproximadamente 600 alunos.

De acordo com o PPP (Projeto Político Pedagógico), a escola, fundamentalmente, objetiva oportunizar aos educandos a formação necessária para o desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorrealização, preparando-os para a inserção social de forma consciente ao exercício da cidadania, assegurando o respeito às diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade múltipla, frente ao processo ensino-aprendizagem numa interação constante e dinâmica em busca da construção do conhecimento e assimilação de valores importantes para o seu desenvolvimento.

Enfim, desenvolver o espírito crítico, proporcionando condições de formação do educando de acordo com as possibilidades da realidade escolar, prezar pela inclusão de todos os alunos no processo educacional, assegurando a participação efetiva de todos os segmentos na gestão democrática e administrativa. Dessa forma, resguardar

os objetivos e especificidades de cada instância da gestão democrática, assim como defender os direitos individuais e coletivos, contra qualquer forma de discriminação é sua principal filosofia.

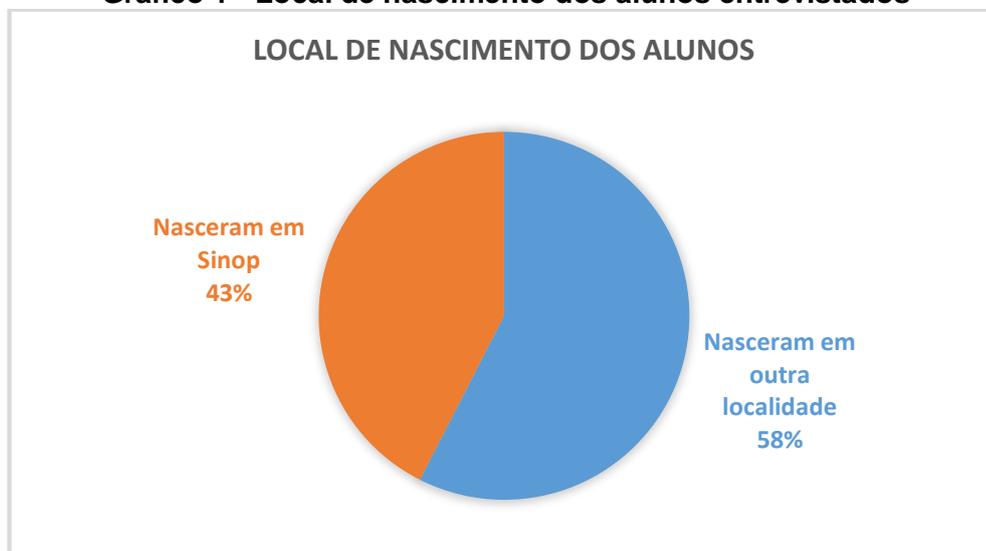
Como já mencionado anteriormente, a escola, ainda hoje, espera pela entrega do seu prédio próprio para que os alunos possam usufruir das condições mínimas necessárias para auxiliá-los nas aquisições de novas aprendizagens como uma boa biblioteca, um laboratório de informática, laboratório de ciências ou até mesmo uma simples quadra poliesportiva.

Por enquanto, esses espaços são disponibilizados de forma improvisada contando com o empenho e dedicação da equipe de profissionais para amenizar tal situação e suprir toda essa carência da parte física/estrutural.

Para conhecer o público-alvo deste projeto de intervenção pedagógica, aplicamos um questionário, com respostas fechadas e diretas, para 130 alunos de 9º anos matriculados na Escola Estadual Cleufa Hubner no município de Sinop/MT no ano letivo de 2018 (conforme questionário em apêndice).

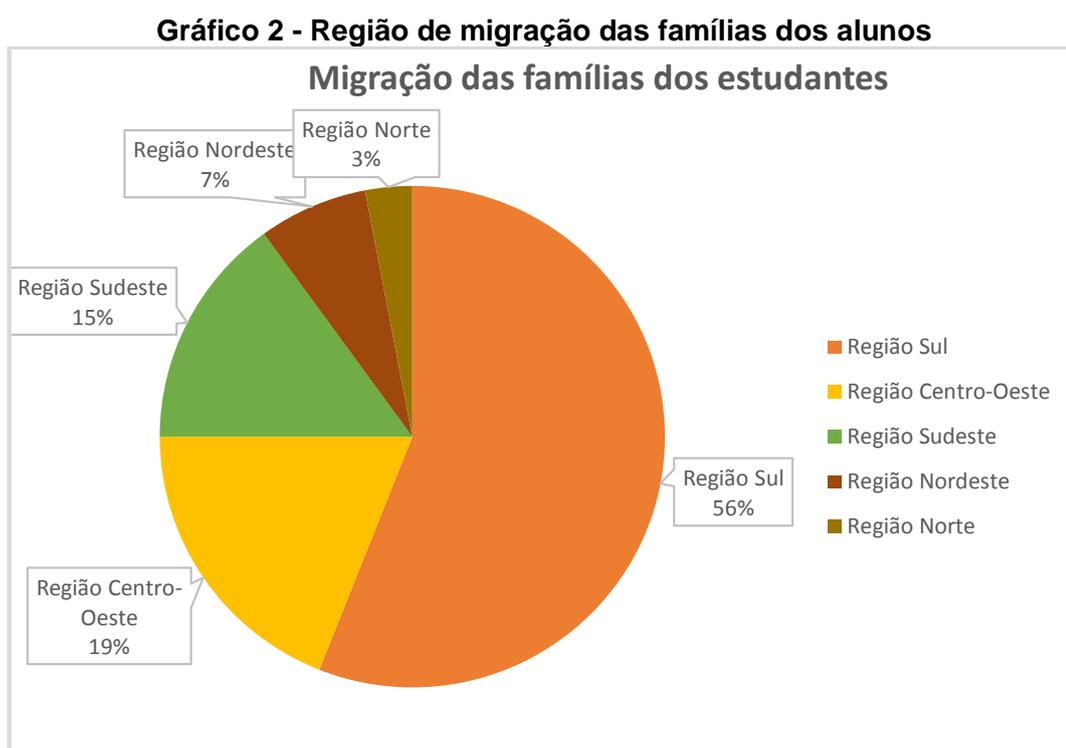
Dos alunos entrevistados, 43% afirmam terem nascidos em Sinop/MT, um número alto de alunos naturais da região onde a pesquisa se realiza, isso se deve ao fato da maioria dos alunos desta escola morarem em bairros centrais, mais antigos do município, logo, pessoas que moram há bastante tempo na cidade, conforme nos mostra os dados do gráfico 1:

Gráfico 1 - Local de nascimento dos alunos entrevistados



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Segundo dados coletados pelo questionário, constatamos que 56% dos pais destes alunos vieram da região Sul do país, fato que ocorreu devido a colonização desta região ter sido realizada na sua imensa maioria por migrantes da região sul do país em especial do estado do Paraná, lembrando que à *Colonizadora Sinop*¹, responsável pela colonização desta cidade tem sede na cidade de Maringá/PR. Vamos observar os demais dados relativos à migração das famílias destes alunos no gráfico 2:



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Dos alunos envolvidos no projeto, 56% são do sexo masculino e 44% do sexo feminino, sendo a grande maioria com 12 anos de idade (71%), 21% com 13 anos completos e 8% com 15 anos, conforme demonstram os gráficos 3 e 4:

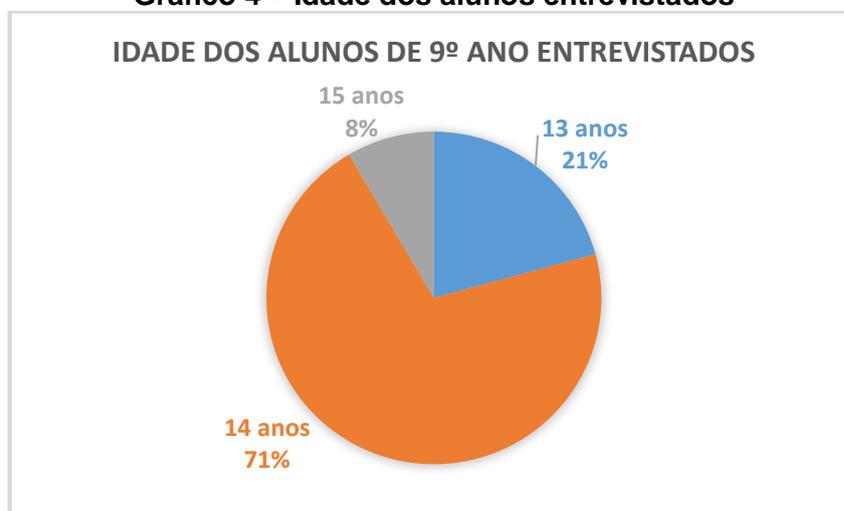
¹ A Colonizadora Sinop S.A. (antiga Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná), da qual se origina a Sinop Terras Ltda., é uma empresa imobiliária brasileira que se notabilizou por atuar na colonização de terras dos estados do Paraná e Mato Grosso. Atualmente está sediada na cidade de Sinop, em Mato Grosso, cidade cujo nome é alusivo à própria empresa que colonizou a área. Nas décadas de 1960 e 1970 a empresa especializou-se em fazer surgir ambientes propícios à formação de assentamentos humanos.

Gráfico 3 – Sexo dos alunos entrevistados



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Gráfico 4 – Idade dos alunos entrevistados



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Foram aplicados questionários também a todos os professores, efetivos e/ou contratados, de Língua Portuguesa, que se encontravam trabalhando nas turmas de ensino fundamental da referida escola (conforme questionário em apêndice), compondo um corpus de 06 professores cuja maioria, 67%, lecionam há mais de dez anos e 33% há menos de cinco anos (gráfico 5), todos do sexo feminino:

Gráfico 5 – Tempo de serviço no magistério



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Da teoria à observação dos resultados práticos, o objetivo desta abordagem é unir as pontas da reflexão e da ação em nome de uma proposta metodológica que supere o contexto atual em especial no que se refere ao letramento lírico.

Sabemos que a escola pode ensinar a ler, e também desenvolver um ensino de literatura que priorize o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas com o letramento literário, mas para que isso ocorra é necessário que ela se atualize, dando espaço para práticas culturais contemporâneas que são muito mais dinâmicas.

Dentro da literatura encontramos diversos gêneros textuais, cada um com suas características específicas. O poema é um gênero rico em vários aspectos que devem ser considerado em uma sala de aula.

Conforme Pinheiro (2002, p. 131):

A primeira questão que salta os olhos quando miramos nossa tradição de ensino de literatura é o fato de que, quase sempre, se trabalhou muito mais com informações sobre a literatura do que propriamente com textos literários. Os livros didáticos recobrem quatro *séculos de literatura*, mas lê-se muito pouco texto. Outra questão, está ainda muito pouco discutida, mas intimamente ligada à anterior, refere-se ao modo como ministramos nossas aulas.

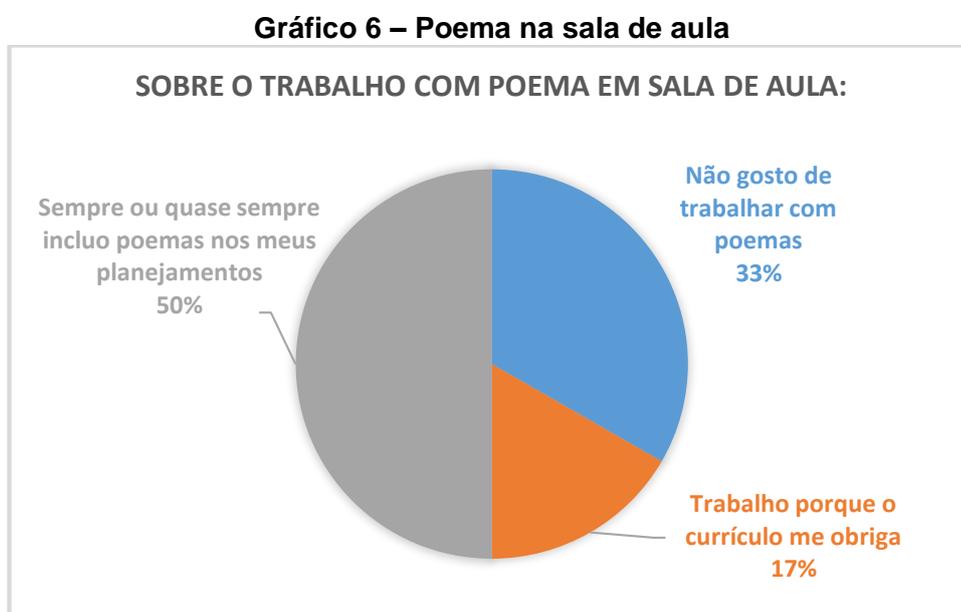
Diante de tais afirmações, torna-se imprescindível refletirmos sobre este método de ensino da literatura que ainda perpetua em nossas escolas e buscar caminhos para um trabalho mais eficaz, com vistas a reverter esta situação. Cabe, então, destacar

que muitas pesquisas voltadas para a leitura do texto literário vêm sendo realizada. Uma delas é a de Colomer (2007) que já apresenta uma proposta, na qual a leitura literária seja apreciada em quatro dimensões básicas na escola: a leitura individual, a leitura compartilhada, a da ampliação da leitura em áreas distintas do conhecimento e a do espaço escolar, preparado como guia especializado na interpretação das obras literárias.

Para Averbuck (1993), muitos professores desconhecem as possibilidades de exploração da poesia e a própria função da arte na construção da personalidade humana.

A amplitude do potencial reflexivo que a poesia possui, como linguagem que é, permite que sua presença nas salas de aula, sob forma de poemas, seja encarada como um recurso importante no sentido de se interferir na qualidade do letramento lírico, incrementando o acesso dos alunos a esse potencial.

Contudo, o poema vem, em geral, sendo tratado como um problema. E essa realidade parte de opiniões dos próprios professores de Língua Portuguesa como constatado ao serem questionados sobre o trabalho com poemas em sala de aula: 33% afirmaram não gostar de trabalhar com esse gênero, 17% disseram que trabalham porque o currículo obriga e 50% disseram que sempre ou quase sempre incluem poemas nos seus planejamentos, como podemos observar no gráfico 6 a seguir:

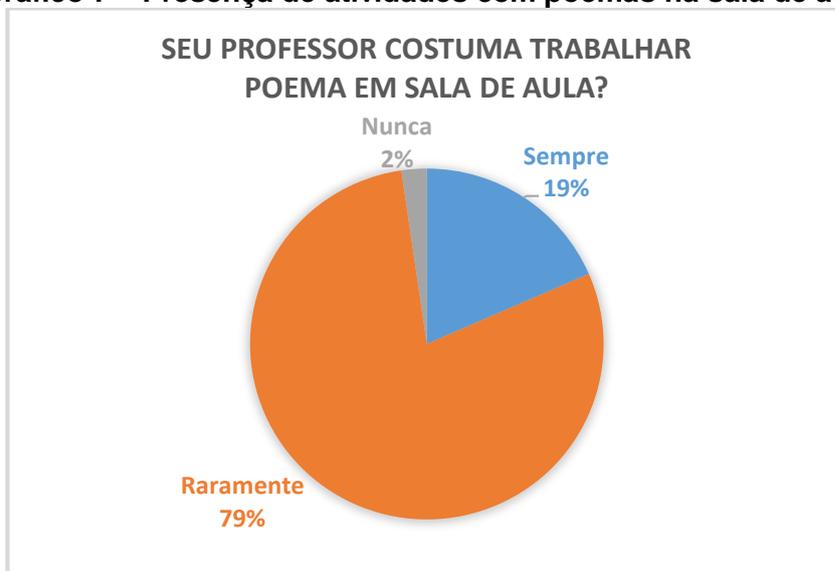


Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Quando questionado aos alunos se seu professor costuma trabalhar com poemas em sala de aula, obtivemos as seguintes respostas: 79% raramente, 19% sempre e 2% nunca. Podemos notar que mesmo tendo 50% dos professores afirmado incluir o gênero nos seus planejamentos, a grande maioria dos alunos afirmam que raramente são trabalhos em sala de aula (gráfico 7).

A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia, da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo (...). O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas, e depois como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética (DRUMMOND apud AVERBUCK, 1993, p. 66-67).

Gráfico 7 – Presença de atividades com poemas na sala de aula

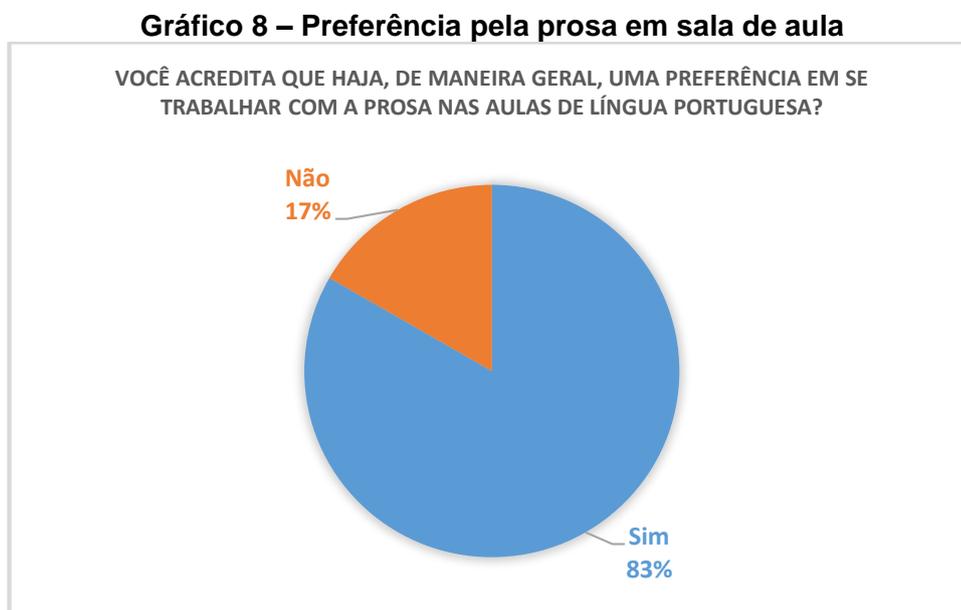


Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Como já dizia Drummond, é nesse meio que se insere a escola, como facilitadora do processo que eleva a importância, “de um ensino voltado para a criatividade como meio formador da sensibilidade” (AVERBUCK, 1993, p. 67). A poesia está para além da linguagem poética, está na linguagem da vida.

O uso do poema, em especial, requer preparo para uma prática pedagógica eficiente, pois, há diversos fatores que devem ser levados em consideração para consequentemente proporcionar um trabalho eficiente com esse gênero. O que pode

ser confirmado no gráfico 8, pelas respostas quando os professores foram questionados se acreditavam haver preferência em se trabalhar com a prosa nas aulas de Língua Portuguesa: 83% afirmaram que sim e 17% que não, segundo todos que confirmaram a afirmação feita pela pergunta a preferência ocorre porque acham mais fácil trabalhar em sala de aula com gêneros em prosa:

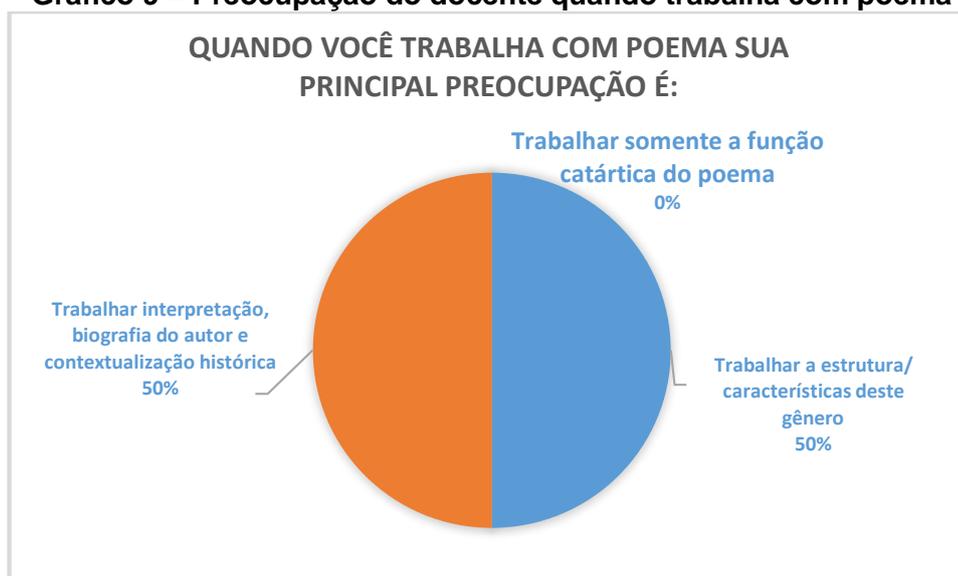


Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Muitas vezes, a poesia é direcionada, no trabalho pedagógico, de forma mecânica, produzindo, literalmente, uma metodologia ultrapassada que não privilegia aspectos fundamentais que possam mexer com a sensibilidade do aluno proporcionando prazer. A escola, tende a impor a unicidade de sentido, relegando a ideia de que o texto poético, por sua excelência, é dotado de multiplicidade de sentidos.

Constata-se que essa dedicação com o texto literário, geralmente, não ocorre. Os professores não planejam e não se preparam para a prática da leitura poética. Dessa forma, resumem o uso da literatura a simplesmente responder enfações questionários sistemáticos, esse uso da literatura mais distancia que aproxima o leitor do texto poético. Cem por cento dos entrevistados afirmaram não trabalhar simplesmente a função catártica do poema e sim: 50% trabalham a estrutura/características do gênero e os outros 50% trabalham questões de interpretação, biografia do autor e contextualização histórica, conforme demonstrando no gráfico 9.

Gráfico 9 – Preocupação do docente quando trabalha com poema



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Ainda segundo Lajolo (2008), o texto literário utilizado em sala de aula acaba sendo muitas vezes deixado de lado em discussões pedagógicas. Isto é, a escola, por não saber exatamente como abordar este tipo de texto, termina oferecendo a ele um lugar secundário, e é aí que a literatura passa a ser tratada como pretexto e estratégia para o estudo de outros objetos.

A partir disto, o texto literário serve como base para o ensino da escrita, para o estudo estrutural da língua e mesmo fazendo a leitura deste tipo de texto, ela não corresponde a uma leitura literária, não permitindo que o aluno tenha liberdade de compreender e desenvolver diversas possibilidades de sentidos para o texto, em que a única acepção aceita para ele é a dada pelo professor ou a que se encontra no livro didático:

A Literatura precisa ser encarada como fenômeno artístico, considerada em sua natureza educativa por excelência, porque traz valores, crenças, ideias, pontos de vista de seus autores, que podem enriquecer a vida daqueles que a leem. Não deve estar presa a modismos pedagógicos e sim ser considerada como uma atividade prazerosa de conhecimento do ser humano e das diversas funções da linguagem, dentre elas a função poética, pois retrata e recria as questões humanas universais, numa linguagem esteticamente trabalhada, transgressora da rotina cotidiana (SANTOS; DUARTE, 2005, p. 4).

A forma como é tratado o gênero poético em sala de aula com certeza reflete nas respostas dos alunos, no gráfico 10, quando questionados sobre seu gosto pelo poema: 16% não gostam, 62% afirmaram gostar um pouco e só 22% afirmaram gostar muito de poemas. Dentre essas porcentagens, o baixo percentual de entrevistados do sexo masculino que disseram gostar pelo menos um pouco de poema, ratifica a ideia geral de que adolescentes do sexo masculino não costumam ser apreciadores de tal gênero literário:

Gráfico 10 – Gosto dos entrevistados pelo gênero poema



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Na direção dessas constatações, parte-se da compreensão da poesia como arte possibilitadora da humanização do homem “coisificado”, tornando-o sensível e crítico. Já que se compreende “como próprio papel da arte desenvolver a personalidade humana” (AVERBUCK, 1993: 66).

A esse respeito Averbuck (1993) discute que devido à imersão da escola no sistema capitalista, aparelho que busca sempre pela produção, faz com que a escola pouco se preocupe com o prazer, mas, com a utilidade do que se é trabalho em sala. Dessa forma, a poesia é, geralmente, descartada. Diante disso, objetiva-se conhecer como se dá a recepção do aluno para com a disciplina de Língua Portuguesa.

Ao serem questionados se gostavam da disciplina: 76% disseram às vezes, 13% disseram que não gostam e 11% afirmaram gostar da disciplina (gráfico 11). Dentro das justificativas negativas, as respostas que mais apareceram foram a gramática, a interpretação textual e o fato das aulas e professores serem cansativos e “chatos”;

quanto aos aspectos positivos, as justificativas que mais apareceram foi o auxílio da disciplina na aquisição da norma padrão da língua. Ficando evidente a visão que os alunos têm a respeito da característica das aulas de língua portuguesa e a falta de compreensão quanto à contribuição da poesia na formação do leitor e a necessidade de sua abordagem de forma regular e sistemática:

Gráfico 11 – Gosto pelo estudo da Língua Portuguesa



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Conforme Pinheiro (2002), a crise da leitura de poesias na escola acontece principalmente porque a poesia não é vista com o valor em si mesma. Para ele, a poesia só será um dos gêneros valorizados no âmbito escolar quando for compreendida em sua essência. Assim, é importante ter cuidado na escolha do poema a ser tratado e como será abordado. Ao serem questionados sobre a inclusão de poemas produzidos em Mato Grosso, 83% afirmaram não trabalhar com a poética mato-grossense contra 17% que sinalizaram positivamente a esta inclusão. O que justifica as respostas dos alunos quando questionados se conheciam os poemas e os poetas do nosso estado: 91% não conhecem e apenas 9% disseram ter conhecimento da poética mato-grossense. Contudo, ao serem questionados se gostariam de conhecer mais sobre a obra poética produzida em Mato Grosso, 51% se mostram interessados nesse estudo. Esses dados revelaram o amplo desconhecimento dos estudantes e até dos próprios professores acerca da produção literária regional e a necessidade de um trabalho mais contundente no sentido de discutir as manifestações

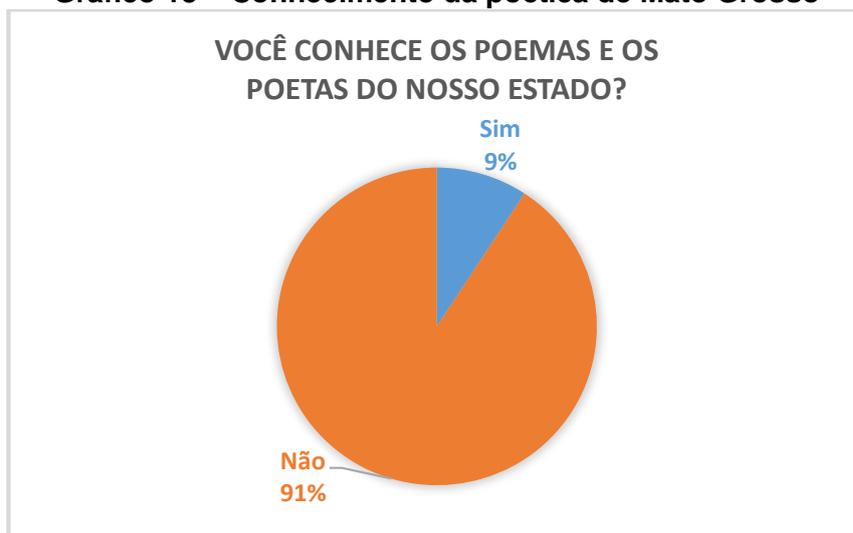
líricas produzidas em nosso estado, uma vez que há predisposição dos alunos para esse trabalho. Observemos esses dados nos gráficos 12, 13 e 14 subsequentes:

Gráfico 12 – Trabalho com a poesia mato-grossense



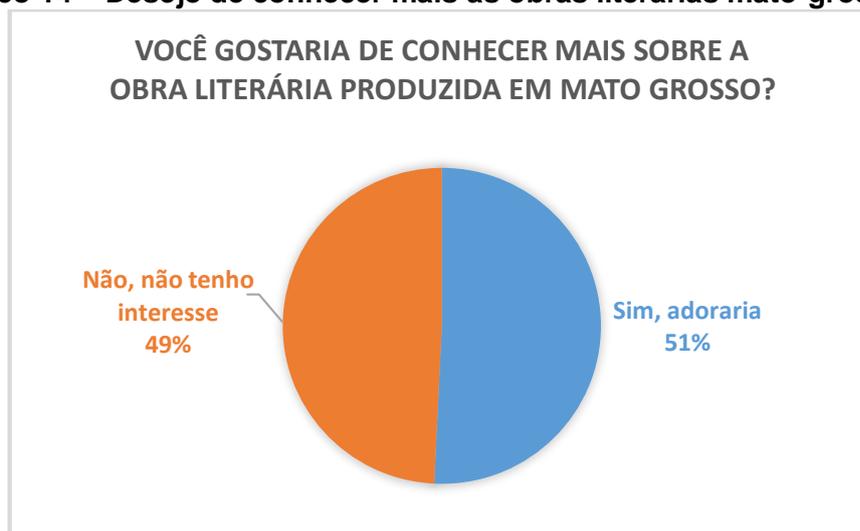
Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Gráfico 13 – Conhecimento da poética de Mato Grosso



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Gráfico 14 – Desejo de conhecer mais as obras literárias mato-grossense



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Essas considerações nos reportam a José Paulo Paes (1995, p.1):

O texto poético é o espaço mais rico e amplo, capaz de permitir a liberação do imaginário e do sonho das pessoas. É preciso que o fato poético esteja muito presente e seja bem trabalhado pela escola para que o universo escolar possa romper o tédio e a indiferença com que muitas vezes se vê recoberto. Um mundo sem poesia é o mais triste dos mundos.

Sentindo essa carência é que vemos nossa proposta pedagógica como um andaime para superar essa ausência do trabalho poético em sala de aula, pois segundo Averbuck (1993), principalmente para o público infantil, o educador é quem deve provocar e oferecer oportunidades para os alunos reconhecerem o valor que um poema possui quando toca o íntimo da criança. A autora explica que recuperar o conteúdo lúdico da poesia no trabalho escolar significa valorizar a essência e a originalidade do texto poético, pois o que a linguagem poética faz é brincar com as palavras e seus sentidos. É importante jogar com o poema, ou seja, com sua desconstrução e reconstrução, tal procedimento serve como exercício de liberdade poética com que o aluno pode exercitar a imaginação, relacionando poesia a outras formas de arte.

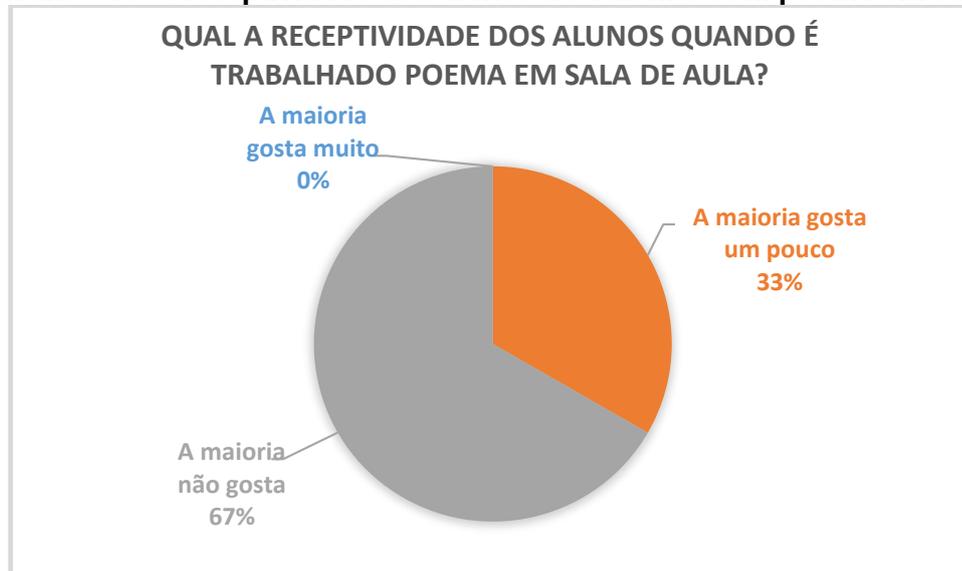
No contato com as imagens de um poema, o aluno avança em sua liberdade porque dispõe da chance de recriar o que foi construído pelo escritor-poeta e pode fazer uma nova elaboração em cima de seu pensamento, de suas reflexões e de suas

intenções. Na opinião de Averbuck (1993, p. 83), “a poesia na escola pode cumprir um papel integrador na medida em que, apoiando-se na palavra do aluno e do poeta, busca a essência da expressão do homem”.

A importância da poesia na escola está na sua ação formadora, pois ela representa uma forma que ajudará a ampliar o domínio da linguagem e capacita o leitor na construção do conhecimento. Assim, o texto poético possibilita ao indivíduo conhecer a si mesmo e ao outro, e ainda o mundo que está a sua volta. Leva à recriação e à busca de novos sentidos que um texto pode oferecer.

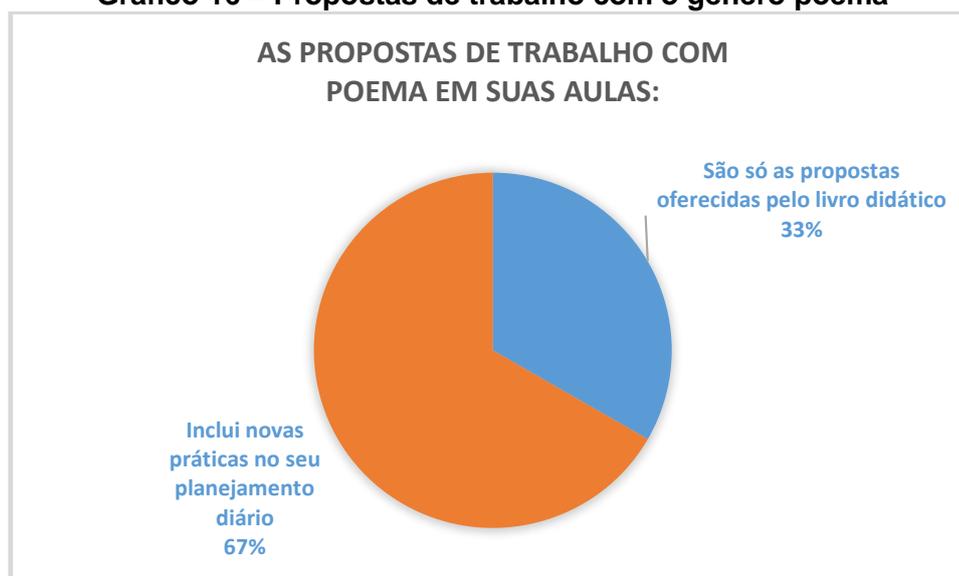
Desta forma, é relevante que a escola propicie ao aluno momentos de contato com os textos poéticos. Sentindo e apreciando a poesia, o discente se sensibiliza ante o mundo e usufrui dela como um meio de comunicação inclusive consigo mesmo. Portanto, a função da escola pode não ser o de formar poetas e sim tornar os alunos sensíveis à poesia, sobretudo quando 67% dos professores afirmam que a maioria dos alunos não gostam de trabalhar com poema em sala de aula e os outros 33% gostam só um pouco, há de se pensar em estratégias metodológicas para reverter essa triste constatação. A começar pela escolha de novas práticas pedagógicas, uma vez que quando questionados sobre suas propostas de trabalho com poema em sala de aula, 33% dos professores disseram só utilizar as proposta oferecidas pelo livro didático e 67% afirmaram que tentam incluir novas práticas nos seus planejamentos diários (gráficos 15 e 16):

Gráfico 15 – Receptividade dos alunos ao trabalho com poema em sala



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Gráfico 16 – Propostas de trabalho com o gênero poema



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

A poesia, no entanto, requer trabalho com a sensibilização, que deve ser absorvida primeiramente pelo docente, a fim de que possa dessa maneira transmitir aos seus alunos. O professor, dessa maneira, pode vir a influenciar positivamente ou não seus alunos, lembrando que se o próprio professor não cultivar a prática da leitura literária, dificilmente conseguirá desenvolver isso em seus alunos.

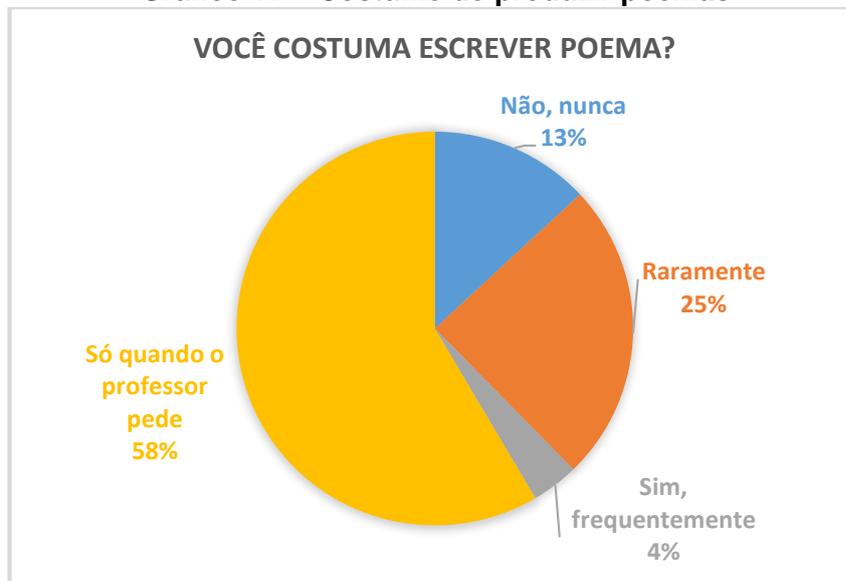
É fundamental o papel do professor na formação leitora, no entanto, é necessário que o professor ouse, crie, sonhe e transforme a sala de aula junto de seus alunos em um espaço de prazer, diversão e criação. Nesse sentido, para não correr o risco de perder de vista tais objetivos, é bom ter sempre em mente algumas ideias, como as sugeridas por Pinheiro (2000, p. 30):

Não se fixar, de modo absoluto, no que deu ou não deu certo em experiências anteriores; não buscar resultados imediatos e visíveis – nesse campo, há coisas sutis que nem sempre vemos; e ter constância no trabalho – é melhor ler diariamente um poema com seus alunos do que realizar um festival de poesia e no resto do ano ela ser esquecida.

Outro dado interessante da pesquisa apontado pelo gráfico 17, refere-se ao hábito da escritura de poemas. O percentual de estudantes que escrevem poemas frequentemente (4%) é bem pequeno, outros 13% afirmaram que nunca escrevem poema, 25% disseram que escrevem raramente e 58% afirmaram que só escrevem quando cobrado pelo professor. Esse indicador aponta para um perfil corriqueiro das

aulas de produção textual, haja visto dados já confirmados acima pela preferência em se trabalhar com os gêneros em prosa nas aulas de língua portuguesa:

Gráfico 17 – Costume de produzir poemas



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

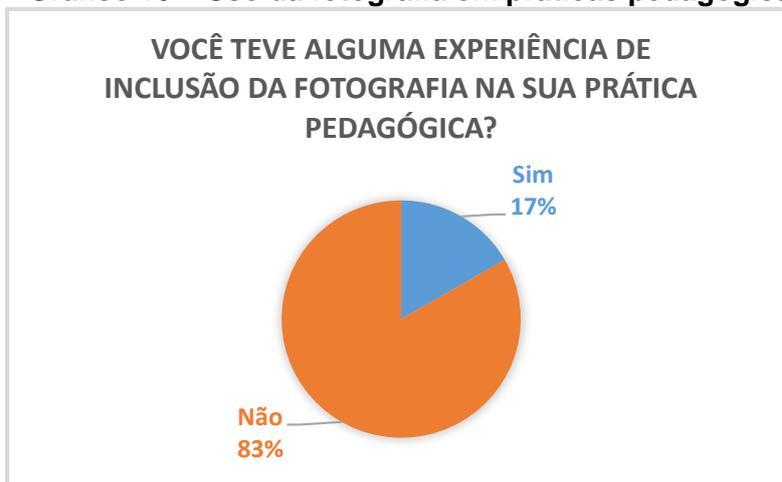
A interação com a produção poética é uma das responsáveis pelo desenvolvimento pleno da capacidade linguística do aluno, através do acesso e da familiaridade com a linguagem conotativa, e refinamento da sensibilidade para a compreensão de si próprio e do mundo, o que faz deste tipo de linguagem uma ponte imprescindível entre o indivíduo e a vida.

Os professores devem trabalhar poemas com seus alunos pois são um dos meios mais eficazes para o desenvolvimento das habilidades de percepção sensorial do aluno, do senso estético e de suas competências leitoras e, conseqüentemente, simbólicas. Salientamos que o poema pode ser trabalhado não só nas aulas de Língua Portuguesa, mas também nas aulas de História, Geografia dentre outras, para que juntos seja possível diminuir as dificuldades que os alunos possuem de interpretar estes textos, não só pela falta do conhecimento prévio, mas também pelo pouco contato que eles têm com esse gênero.

A proposta de intervenção que ora apresentamos pode ser um caminho para se chegar ao domínio da arte poética através da arte fotográfica, haja visto o grande interesse por parte dos adolescentes com as mídias sociais e consecutivamente com a fotografia que permeia esse campo. Nos gráficos 18 e 19, observamos que a grande maioria dos professores 83% nunca trabalharam com a fotografia em sala de aula e,

em contra partida, temos 53% dos alunos afirmando que adorariam trabalhar com esta arte nas aulas de Língua Portuguesa:

Gráfico 18 – Uso da fotografia em práticas pedagógicas



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

Gráfico 19 – Receptividade dos alunos em trabalhar com a fotografia



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2018.

De acordo com a análise dos dados levantados pelo questionário aplicado, conclui-se que pesquisas dessa natureza não podem ser tomadas como parâmetro absoluto para se discutirem, em caráter global, questões relacionadas ao trabalho com o poema nas salas de aula. E, certamente, muitos dos resultados obtidos podem retratar situações específicas da Escola Estadual Cleufa Hubner onde aplicamos nossa proposta de intervenção pedagógica. Entretanto, pela abrangência de seus itens, acreditamos que seu estudo possa ser útil no sentido de se estimularem a reflexão sobre a complexa presença do poema na sala de aula e as decorrentes

considerações sobre a organização curricular de cada escola no que se refere a essa presença.

O que vale para um planejamento geral vale, igualmente, para o ensino de poesia, componente curricular que não pode ser esquecido em estudos sobre a presença do poema nas salas de aula brasileiras, visto o que propõem os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1999) e a *Lei de Diretrizes e Bases* (BRASIL, 1996) que orientam as práticas de ensino. A atual configuração dos documentos legais sobre educação baseia-se em critérios como transversalidade, interdisciplinaridade, sensibilidade, igualdade, identidade, entre outros. Tomando por parâmetro conceitos como esses, não é difícil perceber como o poema (e a literatura em geral) pode ser instrumento precioso para que se alcancem objetivos de ensino baseados em tais valores.

Afinal, o caráter multidisciplinar da própria literatura, a presença inquestionável da sensibilidade como canal para a fruição de um poema (ou de textos literários de outra natureza), e a capacidade que a literatura tem de promover reflexões sobre o ser, a sociedade, a justiça e temas de semelhante relevância são dados mais do que concretos para se lutar por um lugar mais digno para a literatura nas salas de aula.

4.2 Descrevendo e analisando o percurso

As pesquisas e discussões que vêm se debruçando, ao longo dos últimos anos, sobre o ensino de literatura, são praticamente consensuais ao apontar que o estudo deste saber em nossas escolas tem sido feito muito mais a base de equívocos do que de acertos, através de abordagens predominantemente conteudísticas, que concebem a Literatura, ora como pretexto para aprendizagem da língua portuguesa, ora como suporte para estudar as escolas literárias ou a própria história do Brasil.

A prática, por sua vez, tem demonstrado que as escolas brasileiras, em sua maioria, ainda não alcançaram o letramento literário de forma satisfatória, sobretudo quando se trata do letramento por meio da poesia, considerada o gênero mais desprestigiado no “fazer pedagógico da sala de aula” (PINHEIRO, 2002, p. 15). Sobretudo, porque sua linguagem é densa e exige uma participação mais efetiva do leitor em construir significados para o texto.

Como forma de refletir sobre essas questões, abrindo caminhos para se pensar o letramento literário na educação básica, apresentamos, uma proposta didática que foi desenvolvida no período de vinte e três de março a trinta de maio de dois mil e dezoito, totalizando 40 aulas, distribuídas em dez semanas, com quatro aulas semanais. A proposta seguiu a orientação da sequência didática apresentada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), constituída de produção inicial, seis módulos de atividades e a produção final.

Nosso primeiro contato com as cinco turmas de nonos anos da escola foi através da aplicação do questionário cujos dados foram analisados anteriormente. Após a aplicação do questionário e conversas informais com as turmas, optamos por desenvolver a sequência didática com a turma do nono ano “D” por ter sido uma das turmas menos receptivas à proposta de intervenção pedagógica, sendo assim, um desafio a mais para mostrarmos que é possível desmistificar o gênero poema e através do auxílio do uso da fotografia torná-lo um gênero que pode ser incentivador para formar o sujeito leitor.

No primeiro contato com a turma escolhida, já de posse dos dados levantados pelo questionário, realizamos as apresentações e diálogos sobre o projeto de intervenção pedagógica que seria aplicado, explicando os módulos da sequência didática. Entregamos o termo de assentimento e o termo de consentimento livre e esclarecido (documentos em apêndice), as dúvidas que surgiram foram sanadas e solicitamos que fosse levado para casa para ser assinado pelos responsáveis e devolvido na aula seguinte.

Para finalizar nosso primeiro contato, apresentamos um vídeo para motivação da turma intitulado: *Trabalho em equipe*, onde pudemos reafirmar que como na mensagem do filme, formaríamos uma equipe unida e ninguém ficaria para trás. A turma se mostrou animada e receptiva ao trabalho que se iniciava.

No primeiro módulo, o objetivo principal foi socializar a história da fotografia para aproximar os alunos da arte fotográfica. Para tanto, foi apresentado um filme sobre a história da fotografia com duração de 46 minutos (conforme imagem 1). Como a turma se encontrava um pouco dispersa, fomos fazendo pausas no vídeo e retomando as principais informações fornecidas a fim de prender a atenção e não deixá-los dispersar do foco.

A técnica de *feedback* utilizada surtiu efeito porque nas pausas questionávamos o que havia sido visto, fazendo com que a turma se envolvesse por meio das respostas fornecidas. Em sala de aula, essa ferramenta torna-se ainda mais essencial, uma vez que a comunicação precisa ocorrer entre duas esferas: professor e aluno. Para tanto, diferentes recursos são utilizados para se estabelecer essa comunicação dentre eles podemos ressaltar o *feedback*.

Após o término do vídeo, tivemos um momento de conversa em que os alunos colocaram que não tinham ideia de como foi demorada a evolução da fotografia e que acharam interessante essa evolução até a era digital:

Imagem 1 – Aula sobre a história/evolução da fotografia:



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Entregamos um material xerocado com a cronologia das principais datas do percurso histórico da fotografia. Realizamos em conjunto a leitura e análise minuciosa dos dados históricos fornecidos.

Nos dois módulos seguintes nosso objetivo foi de proporcionar a inclusão das práticas pedagógicas de multiletramentos na sala de aula, a partir da realidade vivenciada pelo aluno, a fim de ampliar gradativamente suas possibilidades de comunicação e expressão, possibilitando a inserção do celular em sala de aula como ferramenta pedagógica.

Iniciamos o módulo dois com o vídeo motivacional *A menina e a câmera fotográfica*, uma animação sem a linguagem verbal que retrata a amizade e as aventuras de uma menina com sua câmera fotográfica polaroide.

Os alunos adoraram a história e de imediato reconheceram o modelo da câmera fotográfica que a menina do vídeo utilizava, associando com os conhecimentos apreendidos na aula anterior.

É frequente a queixa dos professores sobre a desmotivação dos alunos, demonstrando através de comportamentos que não condizem com o fazer pedagógico. Há uma insatisfação diante das queixas sobre alunos que não revelam dedicação às atividades escolares. Essa desmotivação acarreta um prejuízo muito grande para a aprendizagem efetiva dos alunos e, portanto, exige um trabalho para que os professores reflitam sobre suas práticas em sala de aula para a criação de expectativas positivas, desenvolvendo uma metodologia que evoque a motivação, num esforço coletivo dos educadores, para reverter esse quadro. Sabemos que a motivação é um fator muito importante nesse contexto, sendo responsável pelo sucesso ou fracasso dos alunos e iniciar as aulas com um vídeo motivacional pode ser um dos caminhos para conseguir esse sucesso.

Apresentamos um documentário sobre a exposição do fotógrafo Assis Horta sobre os trabalhadores que tiveram a oportunidade de tirar uma foto pela primeira vez em 1943 para a carteira de trabalho. Demonstraram grande interesse no documentário e ficaram impressionados com a atitude do fotógrafo em ajudar os menos favorecidos, inclusive emprestando roupas para que pudessem tirar o retrato para conseguir a carteira de trabalho.

Embora literatura e fotografia sejam linguagens diferentes e baseiem-se em procedimentos distintos de construção e expressão, ambas são formas de representação, relacionam-se profundamente com a história e permitem ampliar as discussões teóricas e conceituais da disciplina, ao mesmo tempo em que abrem novas e mais diversificadas possibilidades para o ensino de história e o trabalho em sala de aula (PINTO, 2012, p. 9).

Depois assistimos *A arte e a ciência da fotografia*, com pausas pontuais durante a exibição para comentários orais sobre as informações trazidas pelo vídeo. Realizamos a leitura coletiva em voz alta dos seguintes textos: *o que é tão fantástico na fotografia?*; *a mistura que compõe a fotografia e*; *a fotografia na era digital*.

O mundo, afinal, é repleto de palavras e de imagens: elas nos cercam, nos envolvem, compõem parte importante do nosso cotidiano. Por meio de palavras e imagens, palpáveis ou simbólicas, a literatura e a fotografia constroem representações das relações humanas, como bem pontuam Pinto e Turazzi:

Vivemos também num mundo de imagens, e a relação entre estas e as palavras é inevitável: ambas são meios de expressão e permitem desenvolver linguagens peculiares, ambas precisam ser decifradas, mostram o que está próximo e distante, oferecem perspectivas variadas e podem nos ensinar a ver pelo olhar alheio (2012, p. 7).

Entregamos um material xerocado, contendo as dicas para se conseguir boas fotos que fomos apresentando e explicando com o auxílio do *datashow*. Assim, trabalhamos a regra dos terços, como não interromper o movimento, ângulos e perspectivas, molduras, contraluz e discutimos os erros mais comuns cometidos por fotógrafos amadores.

Com o auxílio do celular solicitamos que acessassem o *facebook* do autor moçambicano, Mia Couto, para que pudessem perceber a presença das regras estudadas nas fotos por ele publicadas. Aproveitamos o momento para indagá-los também, sobre que mensagens as fotos estavam transmitindo. A turma ficou bastante agitada, mas, a participação foi efetiva de todos os alunos que acabaram por realizar comentários a respeito de outras fotografias encontradas no aplicativo, corroborando com a fala de Pinto e Turazzi:

Hoje, a presença abundante das mídias digitais em nosso cotidiano já é referida por alguns como “fotoloucura” ou “explosão de imagens”, indicando um movimento de mudanças quantitativas, e não necessariamente qualitativas, na nossa sociedade. Mas é certo que, na extensa cultura fotográfica estabelecida há quase dois séculos, as transformações estão em ritmo acelerado e as especulações sobre o futuro da fotografia são muitas (2012, p. 99).

A tecnologia dos celulares, aliada com a internet, faz com que as pessoas mudem seus hábitos e atitudes. No dia a dia, podemos observar o constante uso da internet e de outros recursos através do aparelho celular, sendo esta realidade verificada nos mais diversos ambientes, dentre eles a sala de aula, na qual a maioria dos alunos possuem pelo menos um recurso tecnológico: o aparelho celular. Dessa forma, alinhar essa tecnologia aos conteúdos pedagógicos tornou-se uma

necessidade e um grande desafio para os professores, exigindo deles planejamento e treinamento antecipado.

O desenvolvimento tecnológico exige que uma nova forma de ensinar e aprender seja incluída no dia a dia escolar e, que nós professores precisamos de uma reflexão profunda no sentido de perceber que as ferramentas tradicionais deixaram de ser a única maneira de trabalhar com os alunos, pois o computador, a internet, dispositivos móveis e uma série de tecnologias são recursos fundamentais para uma educação dinâmica e renovada.

Conforme Moran, (2000) cabe, portanto, ao professor ser um investigador, desafiador e incentivador no desenvolvimento da autonomia dos alunos. Motivando-os na participação e na interação e, assumindo o papel primordial: de auxiliar o aluno na interpretação das informações:

A aquisição da informação, dos dados, dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer, hoje, dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor – o principal papel – é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los (MORAN, 2000, p. 29).

É preciso, portanto, um conjunto de fatores alinhados para fazer funcionar aulas ricas, com conhecimentos gerados através do auxílio do celular e de outras ferramentas tecnológicas em sala de aula. Ou seja, a direção escolar, a coordenação, a estrutura da escola e, principalmente, professores interessados e preparados são fatores primordiais para que a escola não seja vista sob um paradigma tradicional, onde o professor tem um compromisso com o passado, mas sob um paradigma emergente, onde o professor tem compromisso com o futuro, no presente da sala de aula. Desconstruindo a relação professor/aluno vertical e autoritária e, construindo uma nova relação, mais horizontal, recíproca, verdadeira e dialética.

Como em qualquer outra experiência, as dificuldades e os infortúnios existem. Nesta prática houve dificuldades por parte dos alunos com relação à qualidade da internet o que tornou a navegação lenta. Porém, essas questões não nos impediram de realizar a prática e de alcançar nosso objetivo. Pelo contrário, fizeram com que a experiência se tornasse ainda mais desafiadora e gratificante. Foi possível perceber que quando o vínculo entre professor e aluno é criado e, quando o professor consegue

fazer com que os alunos gostem do conhecimento a ser estudado, o aluno consegue produzir e aprender alguma coisa mesmo diante das dificuldades.

Foi-lhes solicitado para próxima aula que trouxessem fotos de seus arquivos pessoais, que conversassem em casa com os pais ou avós sobre o acervo de fotos reveladas, uma vez que, ultimamente com o advento da fotografia digital quase não se revelam mais fotografias.

Desta forma iniciamos o módulo 3 através de uma roda de exposição e conversa sobre as fotos trazidas pelos alunos. Inicialmente estavam um pouco tímidos, para diminuir a timidez, começamos uma conversa informal e logo todos estavam envolvidos com as fotografias e as suas respectivas histórias. Citando Pinto e Turazzi (2012, p. 102), “como o resultado de um processo cognitivo no tempo e no espaço, a visualidade de uma fotografia só se evidencia, a exemplo de outras manifestações criativas, na interação oferecida por essa troca de olhares.”

Os alunos trouxeram fotos de quando eram bebês, de animais de estimação, de paisagens, de viagens e comentaram da interação que tiveram com a família quando chegaram em casa e solicitaram as fotos para levar à escola. Pelos depoimentos, foram momentos ímpares de conversa e nostalgia entre os familiares, fato que nos deixou muito felizes pois sabemos o quão raro são esses momentos em família hoje em dia.

Tradicionalmente, a família tem sido apontada como parte fundamental do sucesso ou fracasso escolar. A busca de uma harmonia entre família e escola deve fazer parte de qualquer trabalho educativo que tem como foco a formação de um indivíduo autônomo. A família tem um papel imprescindível na vida dos alunos; é onde acontece o desenvolvimento das primeiras habilidades.

Família e escola são pontos de apoio e sustentação ao ser humano, são marcos de referência existencial. Quanto melhor for a parceria entre ambas, mais positivos e significativos serão os resultados na formação do sujeito. A participação dos pais na educação formal dos filhos deve ser constante e consciente, pois, vida familiar e vida escolar são simultâneas e complementares.

Após a exposição de todas as fotos, pedimos que escolhessem uma em especial e dissessem a todos através de uma só palavra o sentimento que a foto escolhida lhe transmitia. Assim, surgiram várias colocações como: amor, saudade, bagunça, alegria, felicidade, descanso, morte, dentre outras. Segundo Barthes (2015, p. 36, 37),

“no fundo, a Fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa”.

Retomamos o uso do celular em sala de aula para acessar o *facebook* pessoal dos alunos e verificar as fotos mais atuais que haviam sido publicadas por eles. Comparamos as fotos mais antigas com as atuais o que proporcionou um momento de reflexão e divertimento com o conteúdo apresentado. Os alunos puderam perceber como a fotografia pode se tornar algo notável, conforme Barthes:

O fotógrafo, como um acrobata, deve desafiar as leis do provável ou mesmo do possível; em última instância, deve desafiar as do interesse: a foto se torna “surpreendente” a partir do momento em que não se sabe por que ela foi tirada; (...) Em um primeiro tempo, a Fotografia, para surpreender, fotografa o notável; mas logo, por uma inversão conhecida, ela decreta notável aquilo que ela fotografa. O “não importa o que” se torna então o ponto mais sofisticado do valor (2015, p. 35).

Perguntamos se alguém conhecia a autora mato-grossense Marta Cocco, diante da negativa de toda turma, mostramos o livro *Sabichões* (2016) e informamos que aquele era o último livro publicado pela autora e que era destinado ao público infantil, mas que estaríamos fazendo a leitura e análise da obra.

Breve comentário da biografia da autora foi apresentado no *datashow* com sua fotografia e posteriormente circulamos com o livro fechado pela sala, questionando sobre os elementos externos do livro.

A aula sugerida foi um dos caminhos para possibilitar a formação de leitores capacitados a transitar nas práticas de leitura da nossa sociedade. Se quisermos formar alunos-leitores que transcendam a sala de aula e o espaço escolar, devemos mostrar os mecanismos que devem dominar para se tornar leitores efetivos.

Além da leitura da história que o livro apresenta, devemos desvendar toda a leitura que o livro nos possibilita: Que editora publicou a história? Pertence a alguma coleção? Qual? Para que tipos de leitores? Que informações se encontram na quarta-capa? O livro tem orelha? Que informações lá se encontram? Da mesma forma, os alunos podem descobrir que a história de um livro é escrita por um autor, pode ser ilustrada, revisada e diagramada, antes de chegar às mãos do leitor. Quem é o autor do livro? Quando essa história foi escrita? Para quem? O livro possui gravuras? Quem o ilustrou? Houve revisão? O que é fazer revisão de um livro?

Devemos possibilitar também que o aluno se enxergue como leitor ativo que interage com o livro, que participa do processo de leitura. O que ele sabe sobre o tema do livro? Conhece alguém que já o leu? Sobre o que ele imagina que seja a história?

Assim, o professor pode e deve promover a familiarização do aluno com o mundo das práticas de leitura, começando, antes de tudo, com o próprio objeto livro.

Iniciamos a leitura com o livro aberto para que pudessem ver as imagens e acompanhar o desenrolar da história. Após a leitura da história, a conversa continuou sobre as impressões da história, se gostou, não gostou, se o recomendaria ou não e por quê. Eles riram bastante e adoraram a história, sugerimos que cada um criasse uma página a mais para ser acrescentada ao livro. A criação poderia ser através de desenho, recorte e colagem ou a impressão de um desenho para colorir de um animal, seguido de um pequeno poema com três versos. A exposição dos trabalhos foi sensacional, nos divertimos muito com as apresentações. Desse modo, o objetivo de associar a imagem com a palavra foi alcançado. Conforme Navas:

Se a fotografia é uma linguagem *sui generis*, com a inclusão do texto essa ênfase se multiplica. Não é por acaso que muitas obras de arte, fotografia em arte ou arte em fotografia incluem uma reflexão de gênero, no sentido de poética. Se a poesia última mergulha continuamente sobre a razão de ser da sua prática, ou melhor, da sua condição linguística, e a fotografia se abisma cada vez mais na fresta da linguagem, pela sua autonomia centuplicada ao longo do século XX, é porque a capacidade metalinguística autorreflexiva de ambas as disciplinas é notória (2017, p. 54).

Abaixo, nas imagens de 2 a 6 alguns exemplos dos trabalhos apresentados em sala de aula, através da impressão de imagens retiradas da internet para colorir e na sequência a confecção do haikai produzido pelo aluno:

Imagem 2 – Trabalho do aluno N.R.



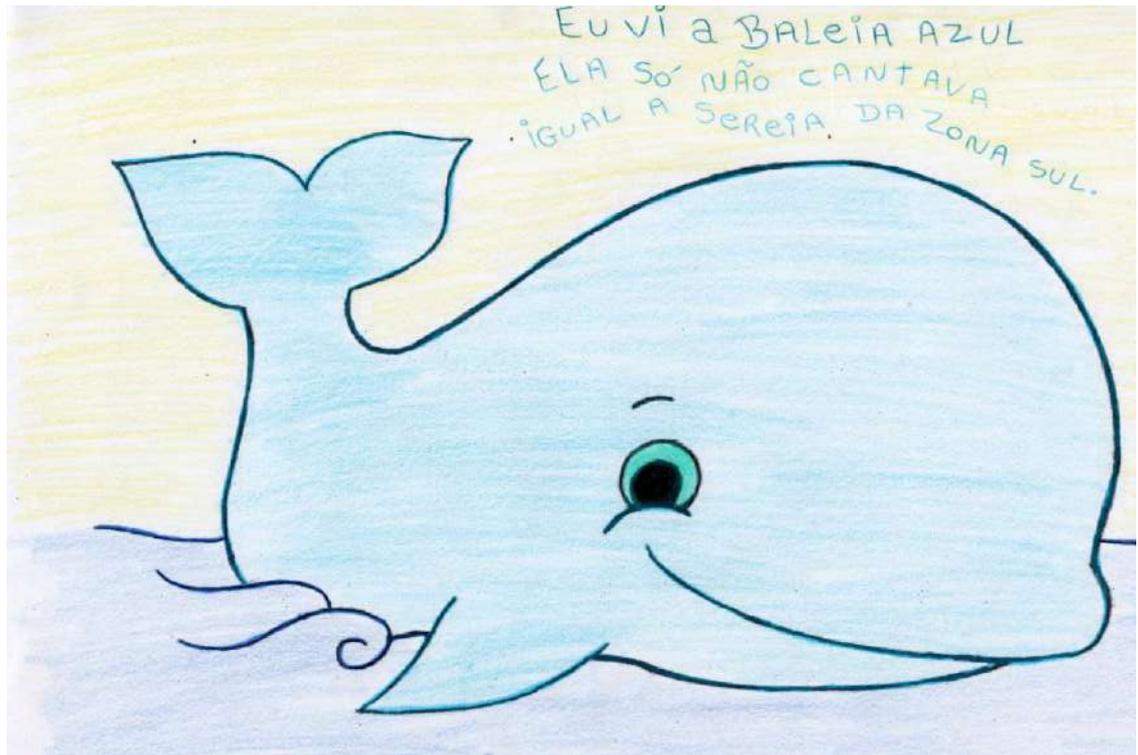
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 3 – Trabalho do aluno W.G.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 4 – Trabalho do aluno J. H.



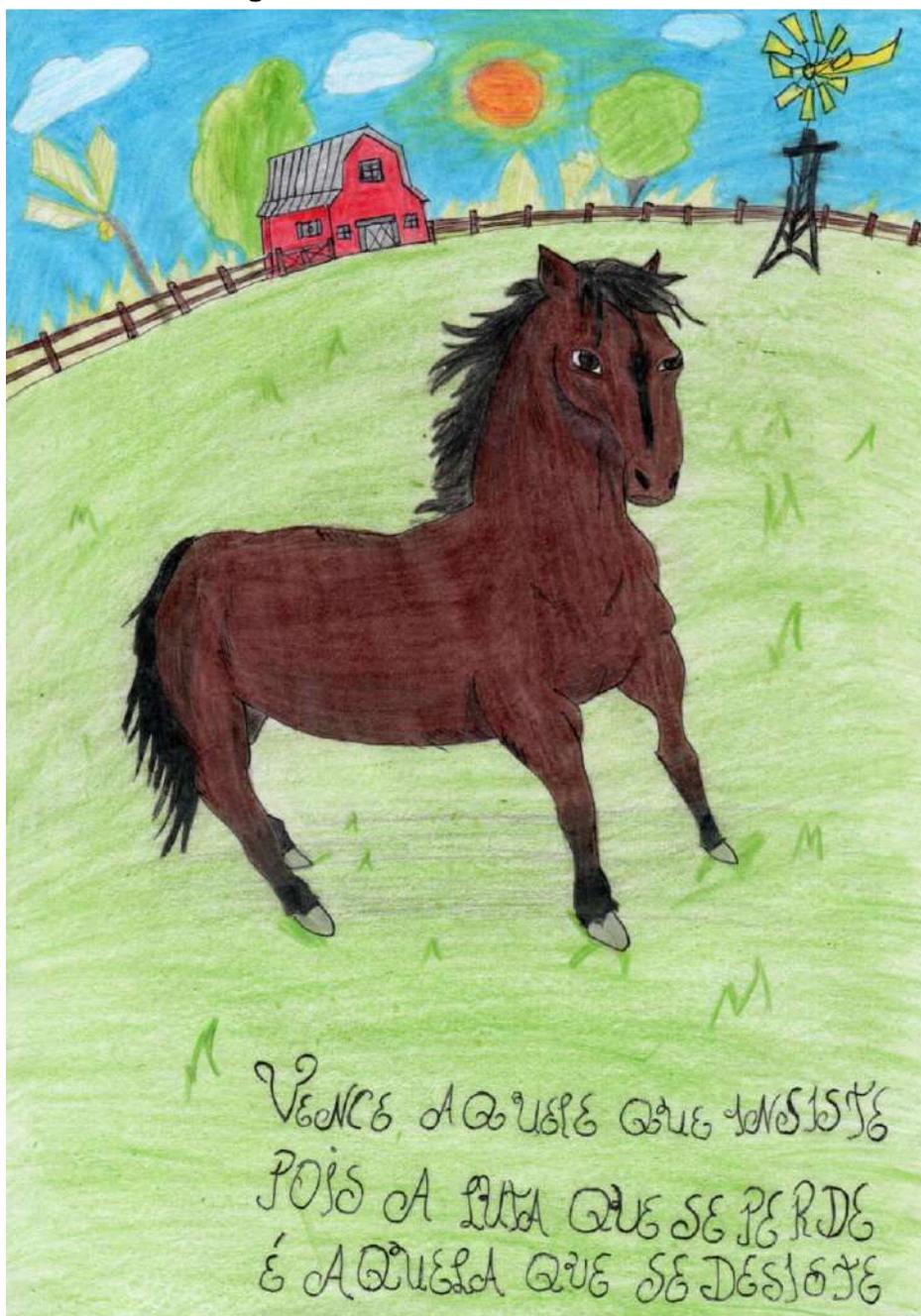
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 5 – Trabalho do aluno N. C.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 6 – Trabalho do aluno M. R.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Ao final desses módulos pedimos que entregassem por escrito as principais informações e sentimentos provocados pelas aulas ministradas até aquele momento, para avaliar o desenvolvimento da sequência didática e se necessário replanejar os próximos módulos. Ficamos muito satisfeitos com o retorno dos alunos em relação aos primeiros módulos trabalhados e transcrevemos a seguir alguns dos depoimentos entregues:

“Entendi que durante muitos anos a câmera foi desenvolvida cada vez mais ajudando a humanidade a eternizar momentos importantes” (Aluno F. H. L.)

“Gostei de aprender sobre a história da fotografia, de saber quem descobriu tudo, etc. A parte que mais gostei até agora foi das dicas para tirar boas fotografias. Enfim, está sendo legal trabalhar e aprender coisas sobre a fotografia.” (Aluno C. P. P.)

“Com essas poucas aulas que tivemos já aprendi várias coisas a respeito da fotografia, desde a origem dela, até instruções de como fazer uma boa fotografia, as aulas estão indo muito legais e produtivas.” (Aluno M.)

“Nessas aulas ampliamos muito nosso conhecimento sobre a origem da fotografia, sobre seus criadores, sobre a longa jornada de tempo e de estudo que levou até surgir a primeira imagem, e a primeira câmera fotográfica. Foram anos para construir uma câmera, vários estudiosos se dedicaram a isso e consegui ver como a fotografia é muito mais importante do que eu pensava.” (Aluno J. B. M.)

“Na poemografia utilizamos fotos que transmitem sentimentos nos permitindo escrever poemas sobre eles. Nessas últimas duas aulas aprendemos sobre a história da fotografia e como tirar fotos de perspectivas diferentes. Nela podemos utilizar a regra dos terços, também podemos criar molduras usando ângulos que destacam diferentes paisagens e usar a luz ao nosso favor.” (Aluno N. C. R.²)

“Primeiras aulas muito interessantes, não sabia nada sobre a história da fotografia, foi muito legal saber sobre o processo que a fotografia teve aos longos desses anos. As primeiras fotos em preto e branco, depois pelo reflexo da luz solar, as primeiras câmeras fotográficas e seus criadores, foi muito interessante como cada um fez sua parte nesse trabalho tão importante e maravilhoso.” (Aluno J. H.)

Ao iniciarmos nosso quarto módulo, nossos principais objetivos eram de criar um diálogo entre linguagens com o uso de diferentes meios artísticos; encontrar formas de aproximar os alunos de poemas escritos e apresentar obras e poetas mato-grossenses.

Os Sapinhos foi o vídeo motivacional escolhido para iniciarmos esse módulo, após a apresentação do curta metragem fizemos indagações sobre a história, buscando a compreensão de que o sapinho só conseguiu sair do buraco com um grande salto por ser surdo e não ouvir o desencorajamento dos outros companheiros. Uma aluna complementou dizendo que como ocorreu no vídeo, na nossa vida, muitas

² Nota-se a maturidade deste aluno ao emitir uma reflexão metalinguística a respeito das aulas vivenciadas.

vezes precisamos filtrar o que nos é falado para seguirmos em frente até alcançarmos nossos objetivos.

Alguns questionamentos foram feitos para turma com o intuito de iniciarmos a conversa sobre o gênero poema, assim, foram questionados: você sabe qual a diferença entre poema e poesia? São a mesma coisa? Um dos meninos disse que poema é a forma do texto e uma menina completou dizendo que poesia é o sentimento.

Questionamos que forma era essa. Falaram que eram parágrafos menores, questionamos se as linhas escritas do poema tinham nome. Uma aluna respondeu que eram versos e outra disse que a união de vários versos constituía uma estrofe. Ficou evidente que a turma tinha conhecimento prévio da estrutura básica do poema.

Apresentamos, a título de exemplificação, poemas de formas fixas como o soneto e o haikai, retomamos o livro *Sabichões* para dizer que os poemas contidos naquele livro eram haikais. Comentamos também sobre a semana de arte moderna e as contribuições para uma arte poética mais livre sem padrões fixos ou muito rígidos como a metrificação e as rimas.

Continuamos nossa conversa sobre rimas e os alunos foram dando exemplos de palavras que rimavam e foram montando verbalmente pequenos poemas rimados.

Perguntamos se alguém já tinha ouvido falar de Drummond, vários disseram que sim e que era um poeta brasileiro. Continuamos indagando agora sobre o tema dos poemas, será que poema só fala de amor? Conforme as respostas eram fornecidas íamos complementando as informações.

O que o aluno já sabe, o conhecimento prévio, é a ponte para a construção de um novo conhecimento por meio da reconfiguração das estruturas mentais existentes ou da elaboração de outras novas. Quando o aluno reflete sobre um conteúdo novo, ele ganha significado e torna mais complexo o conhecimento prévio, o conjunto de saberes que a pessoa traz como contribuição ao aprendizado não pode ser desmerecido ou ignorado. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Para que uma aprendizagem significativa possa acontecer, é necessário investir em ações que potencializem a disponibilidade do aluno para a aprendizagem, o que se traduz, por exemplo, no empenho em estabelecer relações entre seus conhecimentos prévios sobre um assunto e o que está aprendendo sobre ele (1998, p. 54).

Após entregamos o poema *No meio do caminho* de Drummond, um aluno fez a leitura em voz alta e começamos a conversar sobre o poema, o sentido atribuído à palavra pedra e qual a mensagem que o poema transmitia. Pudemos perceber através da interação das respostas e das colocações que a turma conseguiu vivenciar o poema trabalhado.

Para que haja um efetivo trabalho de leitura, discussão e apreciação do gênero poético, nas diferentes séries da educação básica, Pinheiro salienta que deve haver um trabalho de planejamento que vise ao sucesso na aproximação do gênero poético com os alunos (2002). As outras condições, segundo o autor, envolvem pesquisa na área, ambiente favorável para a execução das atividades planejadas, etc.

O processo de letramento literário deve ir além do ato da leitura, propiciando conexões entre o mundo do texto e o mundo do leitor. “O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro” (COSSON, 2006 p. 27). Em seguida, Cosson acrescenta:

a interpretação é um ato solidário (...). Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o texto, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamento de visões do mundo entre homens no tempo e no espaço (2006, p.27).

Quando se vai além da leitura no processo de letramento literário, permite-se uma melhor performance do leitor na construção de sentidos para o texto.

Em seguida, apresentamos o livro *Doce de Formiga* (2014), da autora Marta Cocco, como já tínhamos falado dela em aulas anteriores eles já fizeram a referência ao livro anteriormente trabalhado.

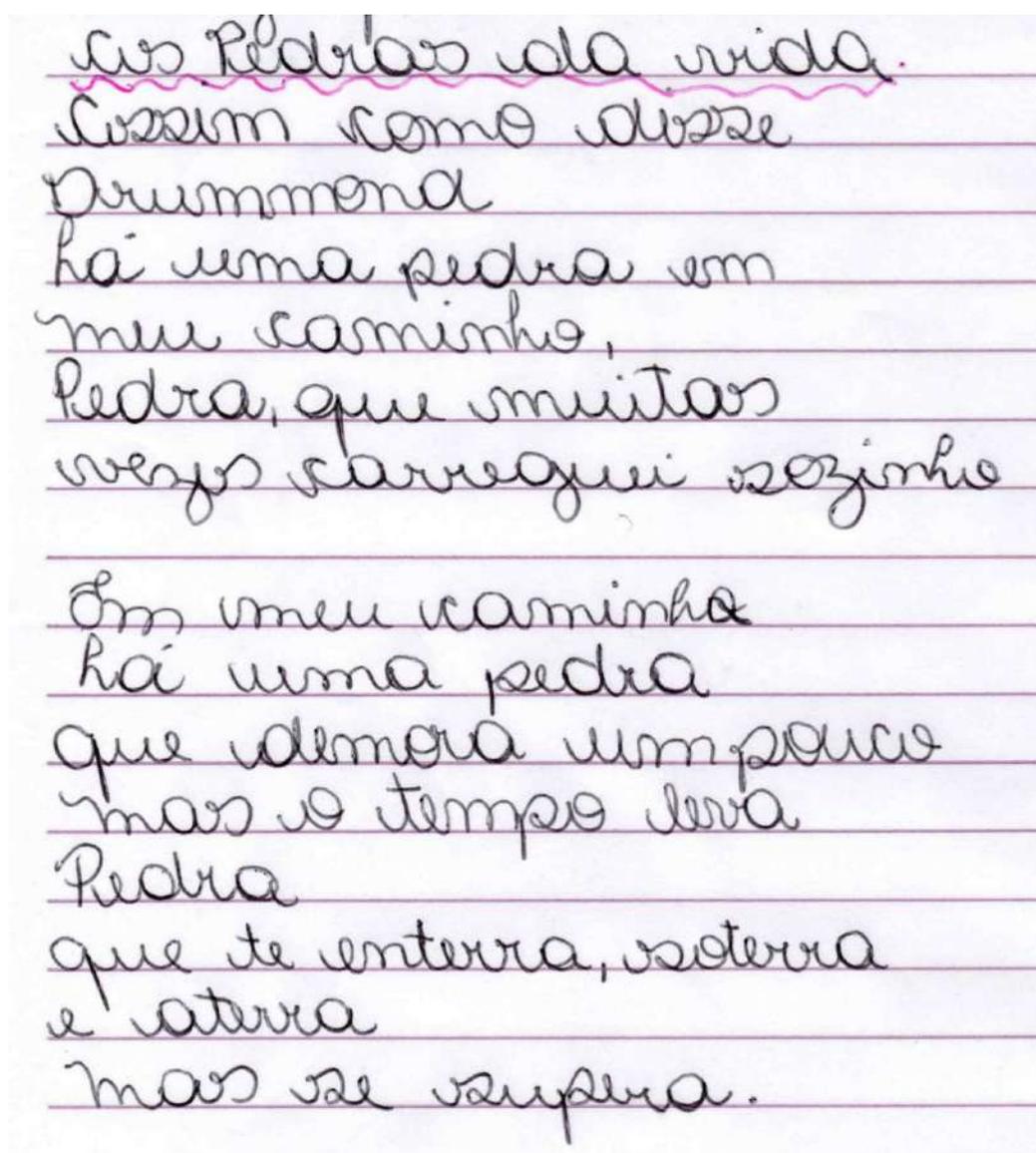
Após a exploração da parte externa do livro, começamos a leitura do poema *A pedra de Drummond*, depois mostrei a ilustração e começamos a indagá-los sobre a intertextualidade dos textos e o sentido do poema.

Quando terminamos de conversar sobre o poema uma aluna questionou sobre o que tinha haver esse poema com o título do livro. Entregamos o livro para que ela o manuseasse e depois mostramos para a turma que o livro era composto de vários poemas e que o primeiro e o último poema eram referenciais ao título do livro. Fizemos a leitura de mais alguns poemas do livro e foi solicitado à turma que, em dupla ou

individualmente, escrevessem um pequeno poema com a palavra “pedra” utilizando o sentido literal ou figurado.

Com exceção de uma dupla que não conseguiu entregar, todos os demais se envolveram com a atividade e produziram lindos poemas, que exemplificaremos a seguir através das imagens 7, 8 e 9:

Imagem 7 – Trabalho dos alunos M. e M.



As Pedras da vida.
Cessem como disse
Drummond
há uma pedra em
meu caminho,
pedra, que muitas
vezes carreguei sozinho

Em meu caminho
há uma pedra
que demora um pouco
mas o tempo leva
pedra
que te enterra, sotera
e atira
mas se supera.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 8 – Trabalho dos alunos K., J. e N.

A pedra poética
Pedra que tanto bate
Pedra que tanto quebra
Caminhei até o pôr do sol
mas acabei numa rua deserta

Suspeitei numa pedra poética,
e ele me deu a resposta
correta, para desviar da
minha queda.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 9 – Trabalho dos alunos J., C. e M.

A pedra na ponta do
meu sapato

A pedra que me deparei
ficou presa em meu andar
e nunca mais encontrei
a paz ao caminhar.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Iniciamos essa aula com o intuito de fazê-los perceber toda a função catártica de um poema, da sensibilidade e do poder transformador que essa arte pode proporcionar. A citação do efeito catártico foi feita pela primeira vez por Aristóteles, que o descreveu como a purificação das almas por meio de uma descarga emocional provocada por um drama, afirmando assim que as tragédias – teatro – purificam as emoções. Segundo Aristóteles (1993), o homem precisa passar da felicidade para a infelicidade – dita para desdita – para alcançar a catarse. Além disso, o efeito só será alcançado se o ato for uma escolha mal feita, e não um acaso do destino.

Para tanto, apresentamos um vídeo com uma palestra de Bráulio Bessa contando sua jornada pessoal e como se tornou um poeta reconhecido; fala também do poder transformador da poesia na vida das pessoas e declama vários poemas de sua autoria e finaliza com a declamação do cordel do Patativa do Assaré sobre o nordestino. Os alunos se emocionaram e puderam perceber o poder transformador da poesia na vida das pessoas através dos depoimentos que Bráulio apresenta no vídeo.

Os textos literários são fontes inesgotáveis de aprendizagens diversas e instrumentos indispensáveis à formação humana, porque tem uma maneira especial de dizer o mundo e falar sobre nós mesmos, seres, cuja realização plena está para além da utilidade prática e do materialismo preconizados pelas sociedades racionais e de consumo, como afirma Morin, ao dizer que:

A poesia, que faz parte da literatura e, ao mesmo tempo, é mais que a literatura, leva-nos à dimensão poética da existência humana. Revela que habitamos a Terra, não só prosaicamente – sujeitos à utilidade e à funcionalidade –, mas também poeticamente, destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase. Pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério, que está além do dizível (2005, p. 45).

Essa função da poesia, muitas vezes, passa longe da prática da sala de aula, porque consideram a arte um luxo e não uma necessidade, deixando-a em segundo plano.

Dedicamos duas aulas para brincarmos de mímica, rima e trava-língua. A sala foi dividida em dois grandes grupos, cada grupo escolheu um nome para equipe que foi anotado na lousa, conforme imagem 10.

Tiraram par ou ímpar para ver qual equipe começaria. A equipe escolhia um membro para pegar um papelzinho na caixa que poderia ser rima ou trava-língua. Se

pegasse rima, deveria retirar um papel dentro de um saquinho, olhava a palavra e deveria fazer a mímica para o grupo descobrir qual era a palavra. Depois o grupo tinha um minuto para escrever dois versos rimados com a palavra sorteada. Agora, se o papel retirado fosse trava-língua, tirava de uma caixa um trava-língua que deveria ser lido para classe sem errar. Não vimos a hora passar, tamanha diversão durante a competição e como não podia repetir o participante todos os alunos participaram da brincadeira:

Imagem 10 – Fotografia das duas equipes no jogo:



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Transcrevemos a seguir, alguns versinhos criados pelos alunos durante a atividade. A palavra sublinhada foi a sorteada pelo grupo.

Vamos brincar
Para nos alegrar
E esperar
O dia passar
(Grupo A)

Fui ao cinema
e no filme
tinha uma ciriema
(Grupo B)

Pensando e brincando
Pela minha vida
Vou sempre caminhando
(Grupo B)

Irei lavar a louça
Igual uma moça
(Grupo A)

Averbuck (1986) chama a atenção para a necessidade em recuperar o lúdico da poesia, resgatar a linguagem poética e jogar com as palavras. A autora ressalta a necessidade do jogo, desconstrução e reconstrução, para a importância da liberdade poética e assim facilitar a criação poética. Ela apresenta preocupação e a responsabilidade na seleção dos textos, e o planejamento de atividades que possibilite o envolvimento do leitor com o texto literário.

Não basta selecionar textos expressivos e entregá-los às crianças para que eles se sintam tocadas pela “magia verbal”. O que é preciso, verdadeiramente, é criar uma atmosfera de uma legítima “Oficina poética”, em que a desconstrução dos textos seja o caminho para novas construções. (AVERBUCK, 1986, p. 76)

Abramovich (1989), em *Literatura infantil gostosuras e bobices*, alerta-nos que há poetas que brincam com as palavras, lidam com a ludicidade verbal, juntam palavras, de um jeito divertido. E, é esse jogo poético que deve ser resgatado, em sala de aula para tornar o momento da leitura envolvente e prazeroso, só assim, com respeito às características do gênero, a ludicidade, poderá ser formado o leitor literário. O que é confirmado por Elias José:

A poesia não é mais do que uma brincadeira com as palavras. Nessa brincadeira, cada palavra pode e deve significar mais de uma coisa ao mesmo tempo: isso aí é também isso ali. Toda poesia tem que ter uma surpresa. Se não tiver, não é poesia: é papo furado. (JOSÉ apud ABRAMOVICH, 1989, p.67)

Iniciamos mais um dia com o intuito de continuarmos a sensibilização com relação à arte poética mato-grossense. Solicitei que fizessem um círculo e distribuí obras para que pudessem manuseá-las, realizar a leitura que desejassem e se quisessem anotassem no caderno o poema de que mais gostaram. Foram apresentadas as obras: *Pó de Serra* (2006), de Marli Walker; *Meios* (2001), de Marta Helena Cocco; *Asas de Ícaro* (2016), de Ivens Cuiabano Scaff; *Festa* (2012); *Quem*

muito olha a lua fica louco (2000) e *Assalto a mão Armada* (1985), de Aclyse Mattos; *Entre uma noite e outra* (2014), de Lucinda Nogueira Persona; *Terra Plana* (2003), de Édson de Oliveira; *Trilogia da Palavra* (2015), de Eduardo Mahon.

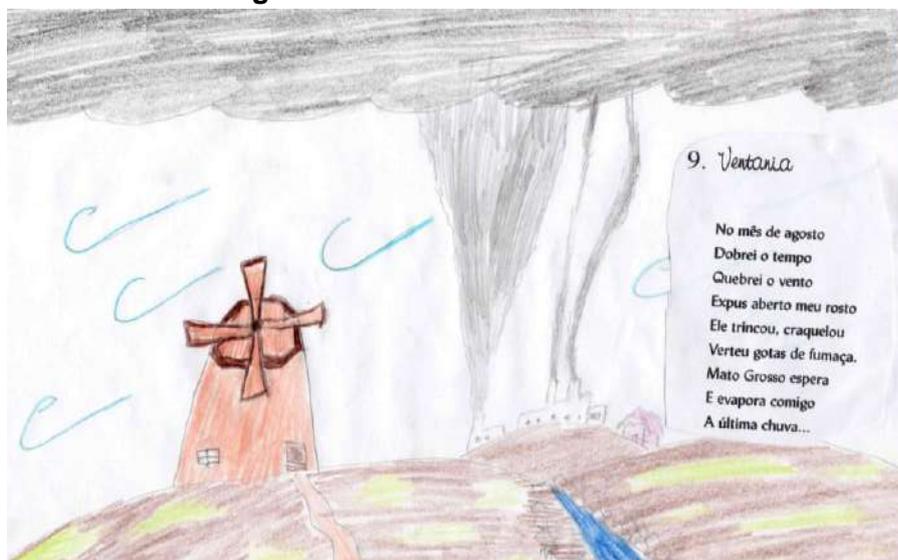
Ao adotar diferentes formas de organização da sala de aula, percebemos um maior interesse por parte dos alunos em relação às atividades ministradas. Atividades realizadas em duplas e em grupo na maioria das vezes são feitas com mais entusiasmo. O círculo impede que alunos fiquem “invisíveis”, todos têm o direito de falar e ser ouvido, contribuindo para o processo de inclusão de todos os alunos na atividade proposta.

Utilizando os aparelhos celulares, alguns alunos pesquisaram a foto dos autores e algo sobre as biografias e iam compartilhando com a turma. Alguns quiseram ler em voz alta poemas e outros anotaram poemas no caderno, foi uma troca interessante de sentimentos e comentários sobre as obras.

Entregamos um poema xerocado para cada aluno e pedimos que representassem o poema através de foto, desenho, colagem ou qualquer outra técnica de ilustração para ser apresentado na aula subsequente. Os poemas foram entregues aleatoriamente, alguns repetidos propositalmente para análise da interpretação de cada um.

Alguns participantes não quiseram apresentar para toda turma o trabalho, mas, entregaram suas produções. A socialização das ilustrações foram seguidas da declamação dos poemas. As imagens 11 e 12 ilustram as produções desenvolvidas nessa atividade:

Imagem 11 – Trabalho do aluno F. H.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 12 – Trabalho do aluno D. P.



Fonte: Arquivo da autora.

Gilberto Gil com sua música/poema *Metáfora* foi o escolhido para o trabalho com essa figura de linguagem tão utilizada pelos poetas, a metáfora. Assistimos ao clipe observando atentamente a letra da música, comentamos sobre a mensagem transmitida pela música, sobre as características, exemplos e alguns passos para se criar ou construir metáforas.

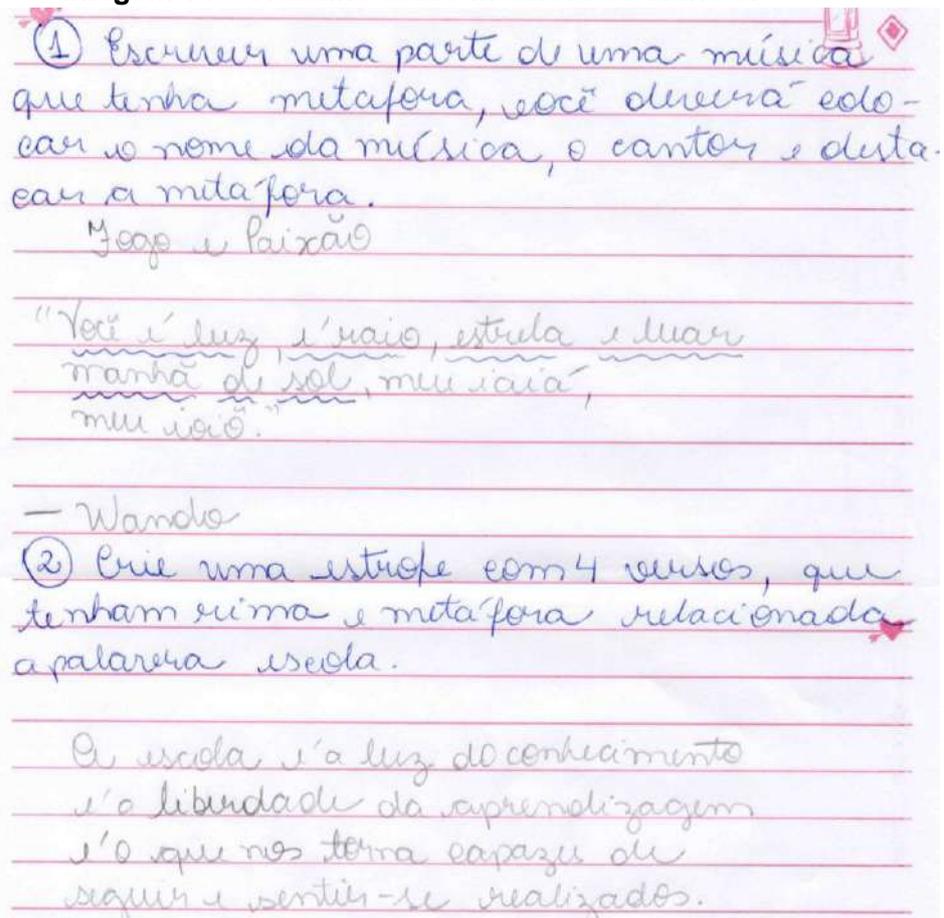
Solicitamos que, em dupla e com o uso dos celulares, escolhessem mais uma música que contivesse metáfora em sua letra. As duplas ouviram, selecionaram e apresentaram as músicas através do aparelho celular para a turma e destacaram no quadro as metáforas presentes na letra. Para finalizar, criaram uma estrofe com a temática “escola” que deveria apresentar ao menos uma metáfora na sua composição (imagem 13, 14 e 15):

Imagem 13 – Fotografia do trabalho sobre metáfora:



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 14 – Trabalho sobre metáfora do aluno J.



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 15 – Soneto do aluno D.

Soneto Escolar

A escola é onde se conquista amizade
Onde se aprende educação
Onde se passa as férias
Onde se sente fortes emoções

A escola para mim
Foi onde aprendi
Aprendi como ser
E nela permaneci

Na escola deixarei um passado
Que jamais esqueceri
E nela que vivo vivi

Na escola se estimula aprendizagem
E a intelectualidade desenvolver
E principalmente na escola evolui...

Fonte: Arquivo da autora.

Novo dia, novos desafios: com revistas, tesouras e cola, partimos para trabalhar a construção de um soneto em dupla. Os alunos deveriam criar um soneto com tema livre e encontrar as palavras na revista, recortar e colar até montar todo o poema. Atividade muito produtiva, os alunos se envolveram e participaram/questionaram bastante. Pudemos auxiliar individualmente e tirar dúvidas com relação à estruturação dos versos, estrofes e rimas. Abaixo apresentamos nas imagens 16 e 17 fotos dos alunos trabalhando em sala de aula e nas imagens 18 a 20 algumas produções apresentadas.

Imagem 16 – Fotografia dos alunos trabalhando em sala:



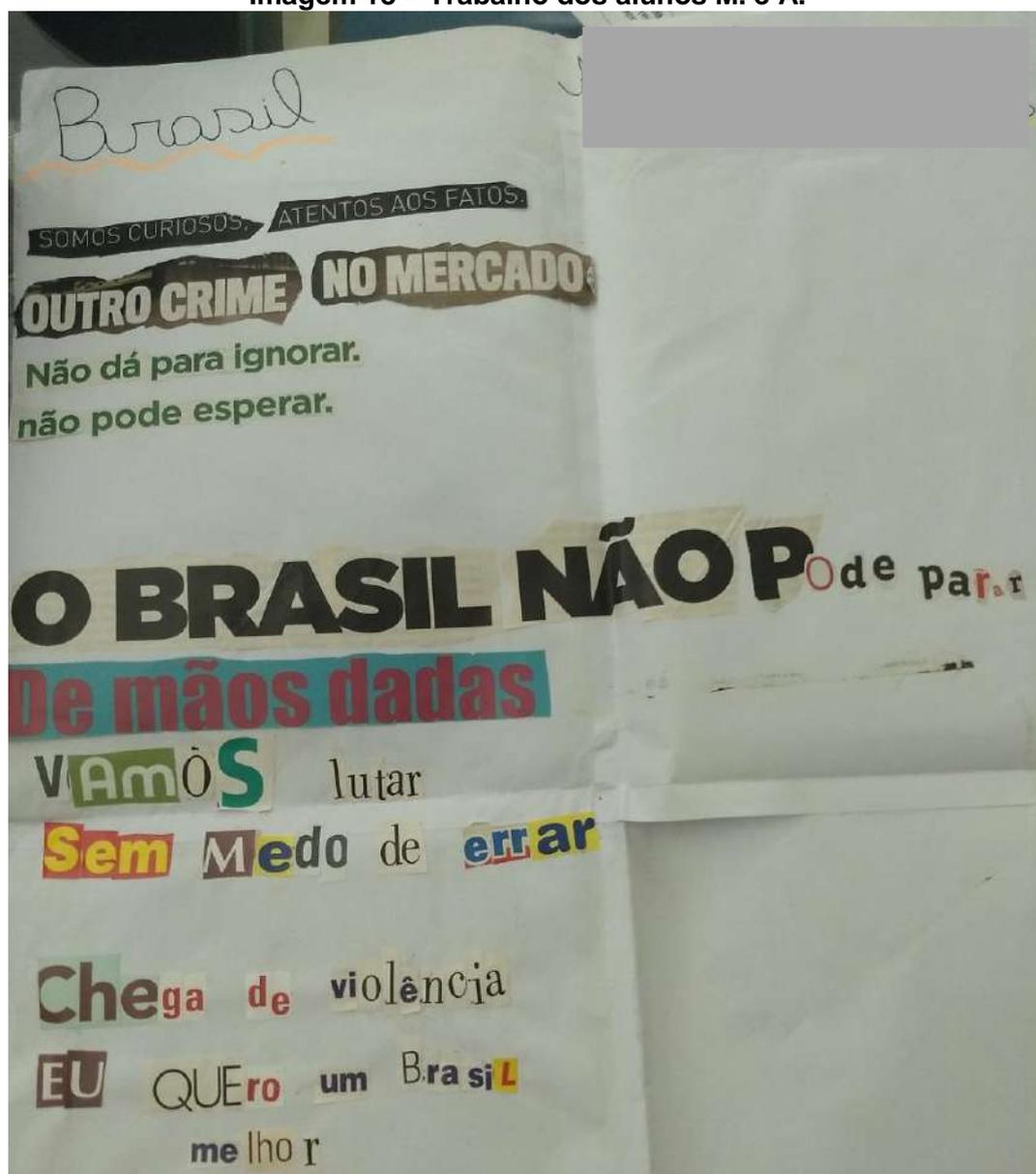
Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 17 – Fotografia dos grupos de trabalho:



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 18 – Trabalho dos alunos M. e A.



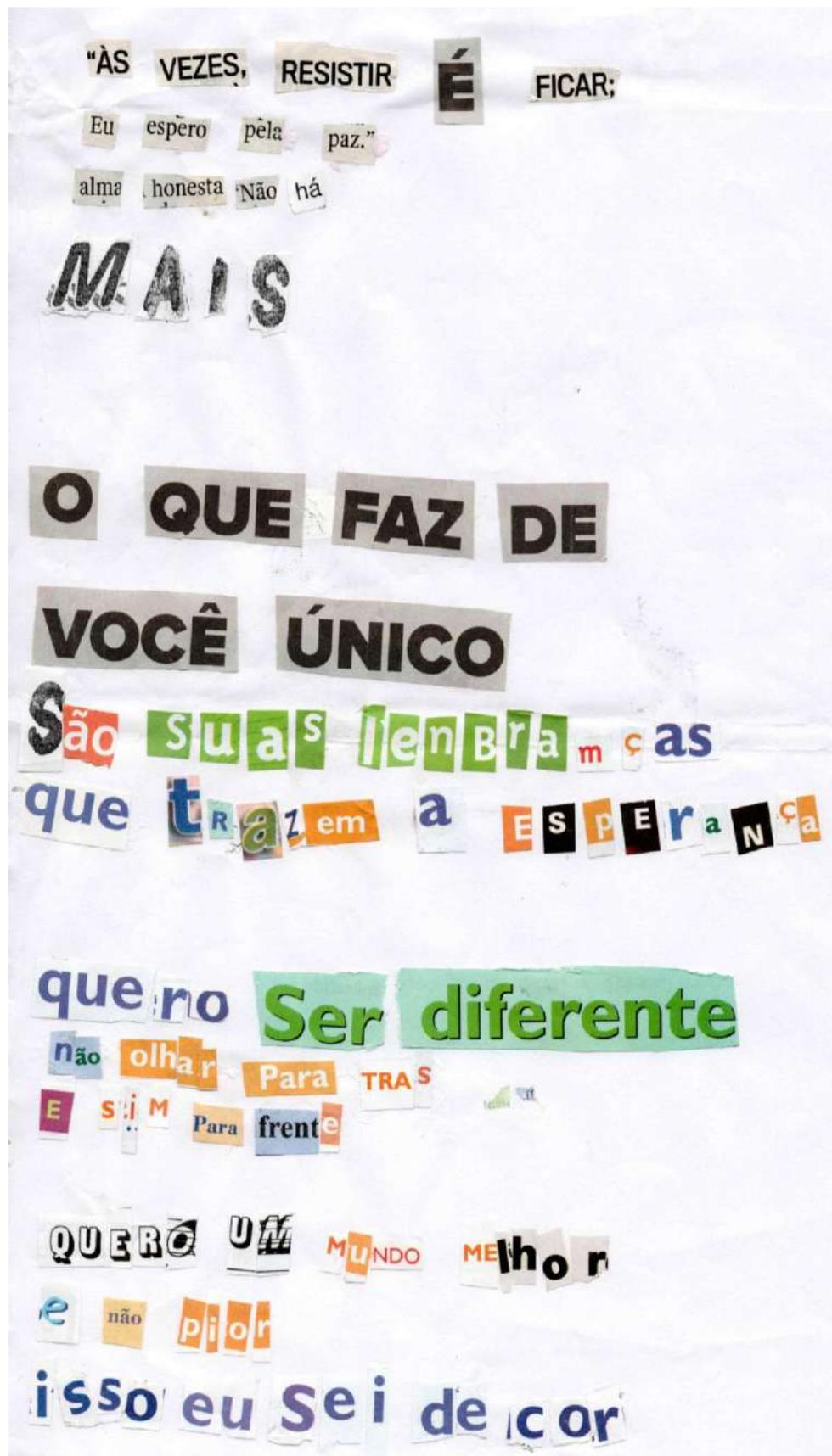
Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 19 – Trabalho dos alunos C., J. e M.



Fonte: Arquivo da autora.

Imagem 20 – Trabalho dos alunos K. e V.



Fonte: Arquivo da autora.

Foram apresentados alguns poemas para iniciarmos o trabalho mais aprofundado sobre as características do haikai. Após estudarmos e debatermos sobre o assunto, entregamos uma folha xerocada com vários haikais do Eduardo Mahon, retirados dos livros que compõe a *Trilogia da Palavra* (2015), comentamos sobre o autor e explicamos a atividade que seria desenvolvida. De cada haikai do Eduardo Mahon, foi suprimida uma linha para que o aluno completasse a seu modo, após todos terem terminado fomos lendo os haikais originais, completos, escritos pelo autor, enquanto os alunos iam compartilhando as suas produções. Os alunos adoraram, alguns disseram que a criação deles estava melhor do que a do poeta. Finalizamos o dia com cada aluno criando seu haikai com tema livre.

Esses são alguns dos haikais originais de Eduardo Mahon utilizados na atividade e na imagem 21 um exemplo do trabalho realizado por um aluno:

Cortei em cheio
Cortei tão fundo
Que me parti no meio

há quem acredite
no amor
com celulite

Na sacada
do apartamento
meu quintal é o vento

no presente
meio chato
ando passado

Na minha mente
o sujeito oculto
é o meu presente

Não tem remédio:
me debato sem ar
em gente vulgar

Não há ciúmes
em nome da moral
e dos bons costumes

amor infinito
dos que conheci
ao desconhecido

pelas ruas
sem juízo
cuiabanizo

é bem suspeito
todo rapaz
muito direito

Imagem 21 – Trabalho realizado pelo aluno L. Z.

- 1) Observe estes Haicais escritos por Eduardo Mahon poeta mato-grossense, foram retirados propositalmente alguns versos para que você complete os haicais a seu modo. Depois da atividade o professor irá ler os haicais originais.

Cortei em cheio

Cortei tão fundo

Cortei até o fim do mundo

há quem acredite

que não existe beleza

com celulite

Na sacada

do apartamento

se ouço o vento

no presente

meio chato

ando meio lastimado

Na minha mente

o sujeito oculto

meu vive com luto

Não tem remédio:

me debato sem ar

nesse mundo de tédio

em um tempo igual

em nome da moral

e dos bons costumes

amor infinito

dos que conheci

de um jeito esquisito

pelas ruas

sem juízo

vou recalhando meu prejuízo

é bem suspeito

todo rapaz

que qualquer amor te satisfaz

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A seguir, citamos alguns haicais criados pelos alunos ao final da aula:

No verão

Me espanto

Com o calor sem descanso

(Aluno D. P.)

Gosto de crer

Em um novo mundo

Que há de renascer

(Aluno J. H.)

Se tem verão

Tem a melodia

Do seu coração

(Aluno M. C.)

O inverno gelado

Traz também

O seu agrado

(Aluno C. P.)

Os módulos cinco e seis objetivavam identificar diferentes modos de relação entre visualidade e subjetividade lírica, enfatizando, sobretudo o diálogo dos poemas com a fotografia e também mostrando a presença da arte/poesia em nosso cotidiano como algo permanente, aumentando a familiaridade com a linguagem mais elaborada da literatura e enriquecendo a sensibilidade poética.

Iniciamos com o vídeo motivacional do *O cachorrinho no barco de pesca*. Refletimos sobre a mensagem de que na vida colhemos o que plantamos e a necessidade de se fazer o bem sempre.

Apresentamos o vídeo que foi ao ar no *Jornal Hoje*, no dia 17/11/15 sobre o poema *Lira Itabirana*, de Carlos Drummond de Andrade, para que os alunos identificassem a relação do poema com as imagens apresentadas do desastre de Mariana. Os alunos puderam perceber que os versos carregavam um tom profético ao criticarem o efeito da mineração no estado natal do poeta. Pesquisamos outras declamações com vídeos no *youtube* usando o celular.

A fotógrafa Celita Schneider realizou uma palestra de duas horas para a turma relatando como iniciou na profissão de fotógrafa, os avanços e mudanças ocorridas nessa profissão ao longo dos anos.

A artista apresentou seu projeto *AfricAbantu*, e mostrou várias fotos pelo *datashow* seguida de comentários de como e em que parte da África haviam sido tiradas. Os alunos puderam perceber que as fotos apresentadas, mesmo sem legenda, falavam por si só.

Depois Celita apresentou o *Projeto Humanatureza* realizado por ela em 2017, composta por fotos produzidas levando-se em conta a expressividade do poema *Assim Será* da autora sinopense Marli Walker. Contou sobre a exposição, mostrou o livro da autora e circulou pela sala com as telas feitas a partir das fotos criadas por ela. Os alunos puderam assistir aos vídeos de divulgação das duas exposições e questionaram, interagindo com a palestrante que deixou seu *instagram* para que os alunos pudessem acompanhar seu trabalho. O objetivo de sensibilizarmos e mostrarmos a relação do poema com a fotografia foi alcançado com êxito nesse momento.

Segundo Costa, (apud. Zilbermann, 2009, p. 89), podemos dizer que a leitura de imagens é uma relação intersubjetiva entre um autor e um observador mediada pelo

texto visual e pela cultura, que fornece ambos os recursos linguísticos para essa comunicação:

A interpretação das imagens não é, portanto, um processo de decodificação lógica, mas de busca por correspondências e significados. Como afirma Alberto Manguel, “podemos ver mais ou menos coisas em uma imagem, sondar mais fundo e descobrir mais detalhes, associar e combinar outras imagens, emprestar-lhe palavras para contar o que vemos” (COSTA, apud. ZILBERMANN, 2009, p. 89)

Pudemos vivenciar isso durante a exposição e palestra da fotógrafa Celita Schneider. Apresentamos a seguir alguns momentos da palestra através das imagens 22 e 23:

Imagem 22 – Fotografia da palestra com a fotógrafa Celita Schneider:



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 23 – Fotografia da palestra com a fotógrafa Celita Schneider:



Fonte: Arquivo da autora.

Com o auxílio de uma van escolar levamos os alunos para uma visita ao ateliê da artista plástica Mari Bueno. Assim, puderam apreciar as várias obras da artista e foram contemplados com uma palestra enriquecedora sobre a arte contemporânea.

O grupo conseguiu traçar um paralelo entre a arte fotográfica e a pintura, percebendo que há muito mais semelhanças do que diferenças entre essas formas de arte.

Desde que passou a viver em sociedade, o ser humano buscou se comunicar e eternizar a sua existência por meio de figuras. Mesmo com o advento da escrita, o fascínio pelas imagens permaneceu. Hoje, grande parte das sociedades contemporâneas valoriza o caráter audiovisual das comunicações. A arte fotográfica desempenhou um papel importante e acabou transferindo para si a função da cópia da realidade. A seguir alguns momentos da visita ao ateliê da artística plástica Mari Bueno podem ser observadas através das imagens 24 a 26:

Imagem 24 – Fotografia da visita ao ateliê da artista plástica Mari Bueno:



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 25 – Fotografia da visita ao ateliê da artista plástica Mari Bueno:



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 26 – Fotografia da visita ao ateliê da artista plástica Mari Bueno:



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Retornando às aulas, apresentei as fotos da exposição *Poeme-se*, da fotógrafa Mariana Caldas. Os alunos puderam observar a relação da imagem com o texto proposto para cada foto. Através do celular pesquisaram mais exposições fotográficas, com o intuito de relacionar as fotos com trechos de músicas, ditos populares e fragmentos de poemas.

Partimos para a produção final com o intuito de desenvolver um percurso de criação pessoal, a partir da percepção do sentido que a fotografia e o poema propõe, implementando em sala de aula práticas pedagógicas de multiletramentos através do olhar poético sobre a imagem fotográfica, oportunizando a criação de novas estratégias pedagógica que desenvolvam a produção de novas formas de letramento literário.

Para Rojo (2012, p. 13),

o conceito de multiletramentos aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente as urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

Diante da multiplicidade de linguagens, mídias e tecnologias, necessário se faz saber dominar áudio, vídeo, tratamento de imagem, edição e diagramação, entre outras. Segundo a autora, são requeridas novas práticas de leitura, escrita e análise crítica; são necessários novos e multiletramentos (p. 21). O processo de produção textual não é mais exclusivamente linguístico, integra imagem, som, movimento; além disso, não se vivencia mais uma produção estritamente individual ou de mão única (aluno-professor), mas colaborativa – mais de um sujeito contribui para a produção e retextualização.

Mostramos algumas fotos com seus respectivos haikais para que os alunos pudessem compreender o trabalho que ele passaria a se dedicar a partir daquele momento. Solicitamos que durante o final de semana todos tirassem fotos aleatoriamente, daquilo que lhes encantasse, ou que lhes dissessem alguma coisa. De posse dessas fotos, partimos para etapa de seleção das melhores fotos, aquelas que continham os detalhes estudados nos módulos anteriores. Com as fotos selecionadas passamos para confecção do haikai que contemplaria cada fotografia.

O haikai apresenta-se, tanto ao Oriente quanto ao Ocidente, como uma forma de olhar para o mundo e de trabalhar a linguagem a tal ponto de fazer ressoar no verbal a experiência sensível e concreta tal como experimentada, anteriormente, pela fotografia.

As produções após concluídas eram digitadas nas próprias fotografias. Para conseguirmos digitar o haikai sobre a fotografia baixamos no celular o aplicativo *Phonto*, assim os alunos conseguiram editar suas próprias produções.

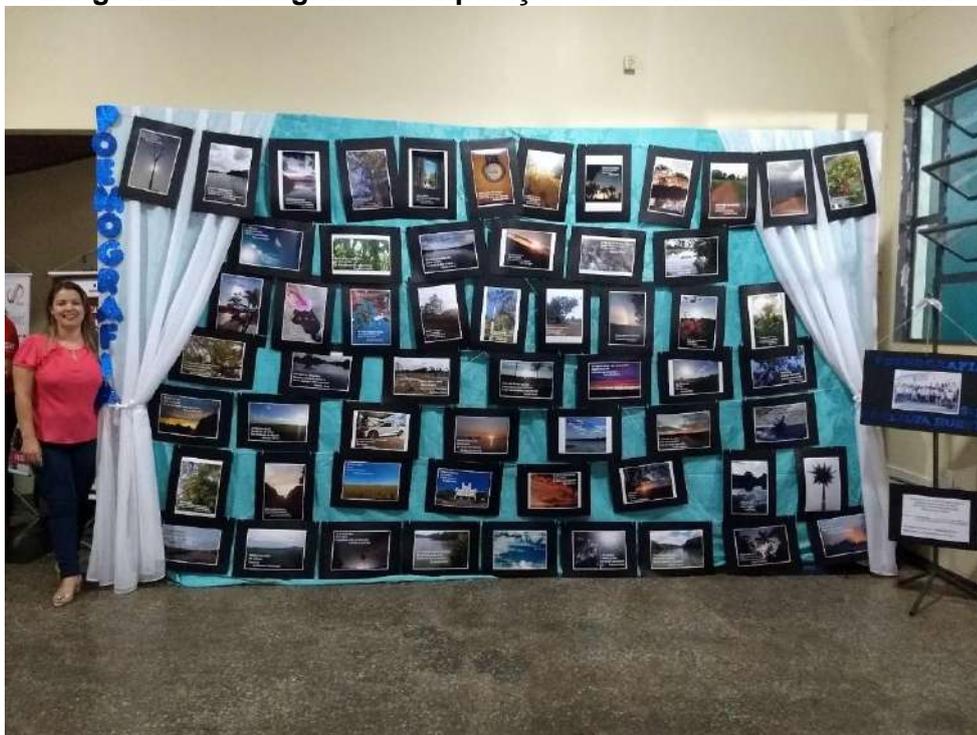
Após a conclusão do trabalho por parte de todos os alunos, reunimos nossas produções num vídeo que foi disponibilizado no *facebook* da escola, via *whatsApp* e no *youtube*: <https://www.youtube.com/watch?v=Lm40136cNPY>

Salientamos que alguns alunos realizaram mais de uma produção, uma vez que não definimos limite para criação das poemografias, mas, todos produziram ao menos uma obra. Disponibilizamos em anexo algumas das produções finais realizadas pelos alunos, a coletânea completa poderá ser vista no endereço eletrônico disponibilizado no parágrafo anterior.

Criamos um livro fotográfico para ficar na biblioteca da escola e realizamos a revelação de todas as poemografias em tamanho 21x30 para expormos nosso trabalho no XIV – Varal de Poesia da Universidade do Estado de Mato Grosso,

UNEMAT/Campus de Sinop/MT (imagem 27 e 28). Foi um momento ímpar, com a participação dos alunos e familiares, mostrando que, com toda certeza, o projeto mexeu não só com o aluno, mas, com toda a família. Foi muito gratificante ver os pais orgulhosos do belíssimo trabalho realizado pelos filhos.

Imagem 27 – Fotografia da exposição dos trabalhos na UNEMAT:



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 28 – Fotografia da exposição dos trabalhos na UNEMAT:

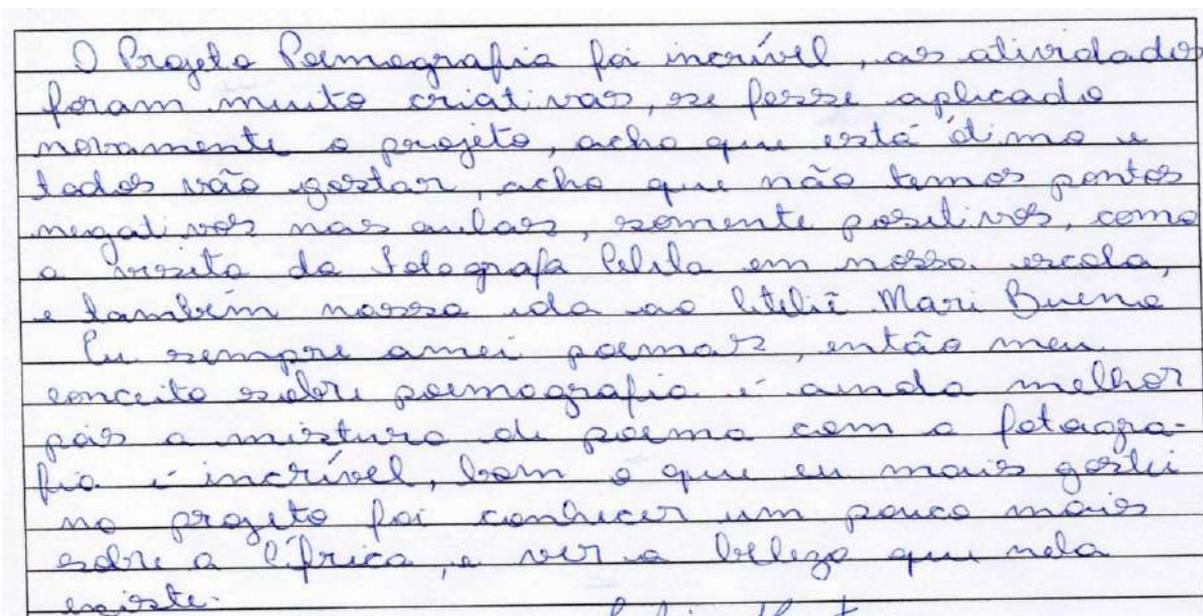


Fonte: Arquivo da autora.

Solicitamos que todos os alunos fizessem um texto avaliativo sobre sua participação no projeto com relação às atividades, ao desenvolvimento dos módulos, aos pontos positivos e negativos, se houve uma mudança de conceito com relação ao gênero poema, a expectativa de se trabalhar com a fotografia e a possibilidade deles indicarem o projeto para ser aplicado em outras turmas.

Apresentamos, através das imagens 29 a 36, algumas considerações relatadas pelos alunos após a conclusão do projeto de intervenção pedagógica onde podemos notar a mudança de postura com relação ao trato com o gênero poético e a demonstração de que o processo do letramento literário foi iniciado com esse grupo de alunos.

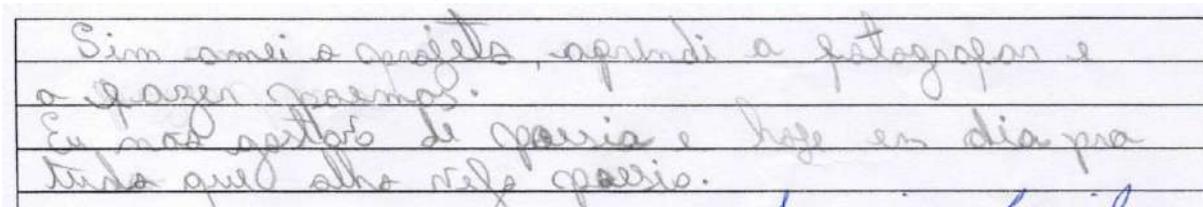
Imagem 29 – Relato do aluno J. H.



O Projeto Poesia e Fotografia foi incrível, as atividades foram muito criativas, se fosse aplicado novamente o projeto, acho que está ótimo e todos vão gostar, acho que não temos pontos negativos nas aulas, somente positivos, como o Projeto de Fotografia feita em nossa escola, e também nesse ida ao litoral Mari Buena. Eu sempre amei poemas, então meu conceito sobre poesia e fotografia é a melhor pois a mistura de poema com a fotografia é incrível, bem o que eu mais gostei no projeto foi conhecer um pouco mais sobre a África, e ver a beleza que nela existe.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 30 – Relato do aluno I. C.



Sim amei o projeto, aprendi a fotografar e a fazer poemas. Eu não gostava de poesia e hoje em dia pra tudo que olho vejo poesia.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 31 – Relato do aluno N. R.

O projeto foi incrível, maravilhoso. As atividades, foram muito legais, se esse projeto fosse aplicado em outra sala com certeza iria mudar o conceito de muita gente assim, como mudou meu. Não tenho pontos negativos, só positivos. Os pontos positivos ~~foi~~ foi que conhecemos os talentos do Mato Grosso, como o trabalho da Mari Bueno, Marli Walker. Também tivemos uma palestra emocionante com a Telita Schneider onde ela falou de seu trabalho e do projeto África Bantu. Posso dizer que meu conceito sobre poema mudou, e muito pois, aprendi a enriquecer os poemas com metáforas. Hoje eu sei que a fotografia e o poema são coisas lindas, ainda mais quando são os dois juntos, como o projeto da Poemografia.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 32 – Relato do aluno G. V.

Sim eu gostei muito das aulas, antes dessas aulas eu não gostava nem um pouco de poema e hoje eu sei gostar alguns.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 33 – Relato do aluno K. V.

Eu achei o projeto muito interessante, sempre gostei de ler e escrever poesias, se o projeto fosse aplicado em outras salas seria muito bom, não deixei mudar nada. Os pontos positivos foi aprender a história da fotografia, compreender como fazer, interpretar a fotografia junto com a poesia, e pontos negativos não tivemos nenhum. Foi tudo muito legal.

Meu conceito sobre o processo já era muito bom, o projeto só me ajudou a aplicar meus conhecimentos sobre a poesia em vez, antes eu nunca tinha parado pra pensar que a fotografia poderia ter uma relação com a poesia e hoje sei que tem tudo honra.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 34 – Relato do aluno J. M.

O projeto fotografia foi muito bacana, mudou meu jeito de olhar sobre a poesia e também sobre a fotografia. As aulas foram bem dinâmicas, pudemos fazer uma visita ao ateliê do Mani Bueno e que mudou um pouco a rotina da escola.

As aulas foram legais, tivemos também a oportunidade de conversar e conhecer um pouco mais a Celita, foi uma conversa muito boa e que nos ajudou bastante a ver a importância da fotografia na vida das pessoas e como ela pode mudar realmente a vida das pessoas. Vimos o lindo trabalho que a Celita fez na África.

Antes eu não gostava muito de poesia, agora passei a me interessar mais.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 35 – Relato do aluno M. P.

O projeto de poesia foi bastante interessante, conheci novas coisas, outras formas de poesia, como tirar uma foto, fotografar, e também conheci os pioneiros da fotografia. Foi um legal e interessante se trabalhar esse projeto para outras turmas, que assim novas pessoas vão ter a oportunidade de conhecer o histórico da fotografia e conhecer outras maneiras de um poema.

No início do projeto eu tinha outra visão sobre poesia, mas depois do projeto eu tive outra visão, e de como é legal e divertida e não um trabalho chato como eu pensava no início.

Uau eu mais gostei de fazer vídeos parados contando todo o histórico.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 36 – Relato do aluno I. Z.

Gostei muito das aulas, aprendi bastante nessas aulas.

Meu conceito sobre poesia mudou muito, pois antes eu achava poesia uma coisa boba, mas hoje eu penso que poesia é uma coisa bem importante na nossa vida.

Sempre gostei de fotografia, mas eu pensava que não era lá essas coisas. Mas depois do projeto eu sei que a fotografia é muito mais que isso.

Aprendi várias formas de fotos, poemas e etc.

Não sei nenhum ponto negativo nesse projeto.

Gostei porque aprendi coisas que não liam para o resto da vida.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

5 EXPERIÊNCIAS NA BAGAGEM

Percebe-se o quanto a poesia é desvalorizada na escola, pois muitos alunos e até mesmo alguns professores não gostam de ler poemas por terem uma visão equivocada sobre eles. Na maioria das vezes, como podemos notar no decorrer desta pesquisa, o poema acaba sendo trabalhado, como pretexto para análise gramatical ou questionamentos sobre seu aspecto formal somente.

Dessa forma, é relevante que a escola propicie ao aluno momentos de contato com os textos poéticos baseados em metodologias que visem ao letramento literário. Sentindo e apreciando a poesia, o discente se sensibiliza ante o mundo e usufrui dela como um meio de comunicação, inclusive consigo mesmo.

Ao analisar o trabalho com a literatura nas escolas, faz-se necessário considerar que há um desinteresse da grande maioria dos alunos pela prática da leitura, mais notadamente quando se trata do texto poético. Assim, justifica-se a importância de pesquisas voltadas para a discussão de estratégias metodológicas que possam contribuir para a reversão dessa realidade, visando à elaboração de propostas que partam da realidade objetiva da comunidade escolar, da valorização da capacidade criadora do grupo e da consideração dos aspectos sócio-econômico-culturais que interagem com o espaço escolar.

Ler não é uma tarefa fácil, especialmente quando o alvo é o jovem que, muitas vezes, encontra nos meios de comunicação de massa um atrativo muito maior que a leitura proposta pela escola. Tendo em vista essa problemática, faz-se necessária a ressignificação do trabalho com a poesia, de modo que esse gênero textual possa ser utilizado como recurso cognitivo e comunicativo. Ou seja, fazer ver que a poesia pode ser um lugar de resistência, de fomento de ideias, se vivenciada a partir de um trabalho pedagógico que possibilite recuperar a expressão do aluno.

Portanto, nesse contexto, podemos inserir a fotografia e, a partir dela, abrir as portas para todas as leituras que se apresentam em nosso dia a dia, convidando o leitor a participar e a emitir opiniões, levando-o a sentir as emoções presentes nas diversas imagens, cultivando nos jovens o gosto pela arte e pela descoberta do novo.

Uma das maiores heranças que a educação escolar pode deixar a um aluno é o que visa este projeto – a capacidade de ler o verbal e o não verbal, o gosto pela leitura – pois se ele passar pela escola e aprender pouco, mas for um bom leitor, terá nos

livros, revistas, *sites* da Internet e outros materiais um prolongamento da sua formação e poderá desenvolver-se muito além do que a escola esperaria de um aluno ideal.

Além disso, a fotografia e a poesia são elementos importantes a serem utilizados como suporte da formação da personalidade, da estruturação do indivíduo e de seu autoconhecimento. A individualidade afirma-se e reafirma-se na possibilidade de expressar-se por meio da imagem e da poesia. Trabalhar a fotografia e a poesia e, a partir delas, abrir as portas para as várias leituras que se apresentam em nosso dia a dia faz sentido quando a proposta é a de educar para o mundo.

A gama de diferentes emoções que essas linguagens traduzem é o que seduz para o verdadeiro aprendizado. É a sensibilidade do leitor através da imagem e da palavra que, dita na hora certa, ou, trabalhada no momento adequado, pode transformar uma situação. Possuí-las como um recurso é um direito fundamental de todos. O sentimento é a matéria-prima fundamental na composição poética e fotográfica, por isso, é um meio de se chegar ao aprendizado através da emoção e da sensibilidade, não um conteúdo a mais em uma longa lista a ser memorizada.

Contudo, é justamente dentro desse contexto que se tornam imprescindíveis trabalhos que mobilizem os sentimentos dos jovens, que canalizem essa energia positiva, humanizando mais o espaço escolar. A arte tem esse poder. Foi o que se pôde constatar na implementação deste projeto de intervenção pedagógica.

Os resultados dos trabalhos dos alunos superaram as expectativas. Foi gratificante. Os jovens demonstraram muito compromisso com as atividades em que foram utilizadas os aparelhos celulares, mostrando que um bom planejamento e a conscientização são os primeiros passos para novas atitudes em sala de aula.

Os alunos se mostraram seduzidos pela proposta de trabalho, pela consideração ao seu conhecimento prévio, e conseguiram, no geral, atingir um patamar diferenciado em seu discurso com relação à arte fotográfica e poética. A criatividade se demonstrou na medida em que foi possibilitado o uso de diferentes canais de expressão como a linguagem verbal, poética, e, a não verbal, fotografia. A segurança nas produções aumentaram na proporção do respeito que se dava às falas e aos posicionamentos frente às atividades propostas.

Essa evolução ocorrida durante o processo de aplicação deste projeto de intervenção confirma a expectativa relativa ao potencial de compreensão e elaboração de cada educando nos momentos de debates e na produção poética e fotográfica.

Essa descoberta de cada um sobre si mesmo e seu grupo fez com que a autoconfiança fosse a base da superação.

Ao ver-se valorizado e respeitado, cada um ampliou sua perspectiva de análise e criação para além dos modelos já vivenciados inclusive nas relações interpessoais de sala de aula, onde notou-se uma nova postura de convivência e valorização dos pares.

Este projeto de intervenção pedagógica que desenvolvemos foi um dos cinquenta finalistas do concurso *Educador Nota 10* da *Fundação Victor Civita* deste ano, sendo reconhecido entre os mais de quatro mil projetos nacionais inscritos, conforme documento em anexo.

Não se trata de uma revolução, apenas a confirmação de que a vontade e um bom planejamento podem ser os pontos de partida para a transformação. Não é o fim da viagem, apenas mais um passo de uma longa jornada em busca do aprimoramento do ensino da Língua Portuguesa através do letramento literário.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: Gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.
- ARISTÓTELES. *Poética*. 2. ed. São Paulo: ArsPoética, 1993.
- AVERBUCK, L. M. *A poesia e a escola*. In: ZILBERMAN, R. (Org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 11.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- _____. *A preparação do romance*. vol. I. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *A preparação do romance*. vol. II. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *O império dos signos*. 1.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*. In: ARANTES, Otília B. Fiori (Org.). *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- BERALDO, Aldo. *Trabalhando com poesia*. Vol. 1 e 2. São Paulo: Ática, 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Ensino de quinta a oitava série*. Brasília, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *BNCC: Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Fundamental*. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 23 de dez. de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Nacional do Livro Didático*. Guia de livros didáticos: 5a a 8a séries – PNLD 2011. Brasília: Ministério da Educação, 2011.
- CANDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- _____. *Literatura e Sociedade*. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2010.
- _____. *O direito à literatura*. In: CANDIDO, A. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. *A Literatura e a Formação do Homem*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

_____. *O estudo analítico do poema*. 3.ed. São Paulo: Humanitas Publicações, 1996.

CAQUI – Revista Brasileira de Haicai. Artigo “Ao professor”, em *O que é haicai*, de 24/08/02. São Paulo, 2002. Disponível em <http://www.kakinet.com/caqui/nyumon40.htm>. Acesso em 03 de junho de 2018.

CLEMENT, Rosa. *O Haicai e Suas Teorias*. Manaus, 2004. Disponível em <http://www.sumauma.net/haicai/haicai-teoria.html>. Acesso em 03 de junho de 2018.

COCCO, Marta. *Doce de Formiga*. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2014.

_____. *Meios*. Cuiabá: A Autora, 2001.

_____. *Sabichões*. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2016

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006 e 2012

_____. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, M. C. C. *A leitura de imagens*. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

COSTA, Cibele Lopresti; MARCHETTI, Greta; SOARES, Batista. *Para viver juntos*. Vol. 6, 7, 8 e 9. São Paulo: SM, 2015.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. *Sequências didáticas para o oral e para a escrita: apresentação de um procedimento*. Trad. Roxane Rojo e Glaís Cordeiro. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

DYER, Geoff (Org.). *John Berger para entender uma fotografia*. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FILIPOUSKI, Ana Mariza (Org.). *Poesia fora da estante*. 1.ed. Porto Alegre: L&PM, 2003.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada; SOUSA, Fábio D’Abadia. *Literatura e fotografia: o anseio pela apreensão do instante* (2008). Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/51116>. Acesso em março, 2017.

FRANCHETTI, Paulo. 2008. *O Haicai no Brasil*. Alea: Estudos Neolatinos, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 256-269. (<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2008000200007>). Acesso em 10/06/2018.

_____. 2010. *Leminski e o Haicai*. Sibilia - Poesia e Crítica Literária. <http://sibila.com.br/critica/leminski-e-o-haicai/4500>. Acesso em 11/06/2018.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1991.

GOGA, H. Masuda. *O haicai no Brasil*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1988.

KLEIMAN, ANGELA B. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social a escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

KRAUSS, Rosalind. *O fotográfico*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1990.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

_____. *O livro didático em questão*. Brasília: MEC, 1996.

MAHON, Eduardo. *Meia palavra vasta*. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2014.

_____. *Palavra de amolar*. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2015.

_____. *Palavrazia*. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2015.

MARCHUSCHI, Luís Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARINS, José. *Entrevista eletrônica concedida a Alvaro Mariel Posselt*. Curitiba, 29 abr. 2007. Disponível em <http://www.sumauma.net/haicai/haicai-teoria.html>. Acesso em 03 de junho de 2018.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. *Orientações Curriculares: Área de Linguagens: Educação Básica*. Cuiabá, 2016.

MATTOS, Aclyse de. *Assalto a mão amada: e outras histórias cantadas*. Rio de Janeiro: Editora O Dia, 1985.

_____. *Festa*. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2012.

_____. *Quem muito olha a lua fica louco*. Cuiabá: Oficina Mínima Editora, 2000.

MEIRELES, Cecília (et al). *Varal de poesia: antologia de poemas*. São Paulo: Ática, 2002.

MONTEIRO, Andressa. *Como a poesia e a fotografia podem capturar a apreensão de um instante?* (2015) Disponível em: <http://jornalggn.com.br/noticia/como-a-poesia-e-a-fotografia-podem-capturar-a-apreensao-de-um-instante>. Acesso em março, 2017.

MORAN, José Manuel. *Tecnologias digitais para uma aprendizagem ativa e inovadora*. (2017) Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran>>. Acesso em 02 de setembro de 2018.

_____ et al. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, repensar o ensino*. 11 ed., trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NAVAS, Adolfo Montejo. *Fotografia & Poesia: afinidades eletivas*. São Paulo: Ubu Editoras, 2017.

OLIVEIRA, Édson de. *Terra Plana: poemas cordelescos*. Sinop: Gráfica e Editora Amazônia, 2003.

PAES, José Paulo. *Transleituras*. São Paulo: Ática, 1995.

PAULINO, Graça. COSSON, Rildo. *Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola*. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

PERSONA, Lucinda Nogueira. *Entre uma noite e outra*. Cuiabá: Entrelinhas, 2014.

PINHEIRO, Helder. *Poesia na sala de aula*. 2.ed. João Pessoa: Ideia, 2002.

_____. *A poesia na sala de aula*. 3.ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.

_____. (Org.). *Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2000.

PINTO, Júlio Pimentel. TURAZZI, Maria Inez. *Ensino de História: diálogos com a literatura e a fotografia*. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2012.

PRIETO, Heloisa. *Conversa de poeta*. 1.ed. São Paulo: Salamandra, 2003.

PROJETO Político Pedagógico (PPP). Escola Estadual Cleufa Hübner. Sinop, MT, 2016.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____; BARBOSA, Jacqueline P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTOS, Leonor Werneck dos; DUARTE, Márcia Nunes. *A literatura e o ensino de leitura*. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 9, 2005, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Rio de Janeiro: 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/6/07.htm>. Acesso em: 20 de maio 2018.

SCAFF, Ivens Cuiabano. *Asas de Ícaro*. Cuiabá: Entrelinhas, 2016.

SIGNORINI, Roberto. *A arte do fotográfico*. 1.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2º. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. *A escolarização da literatura infantil e juvenil*. In: EVANGELISTA, Aracy A.M.; BRANDÃO, Heliana M.B.; MACHADO, Maria Z. V. (ORG.) *Escolarização da leitura literária*. 2º. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SORRENTI, Neusa. *A poesia vai à escola*. Reflexões, comentários e dicas de atividades. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. 1.ed. São Paulo: DCL, 2004.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

WALKER, Marli. *Pó de Serra*. Cáceres: Editora UNEMAT, 2006.

ZILBERMAN, R. *A escola e a leitura da literatura*. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

Vídeos do *YouTube* utilizados:

Trabalho em equipe. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Tqng6H17nxE> Acesso em: 2 de março de 2018.

História da fotografia.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4cSMG5XAq7c> Acesso em: 2 de março de 2018.

História da fotografia. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=GyNa1OdJJcg&list=PLXP7NcSxbTej3GWq4SS3Y-lwf1OBp7IKc> Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

A menina e a câmera fotográfica. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=l-j5JPRZ3AU> Acesso em: 5 de janeiro de 2018.

Assis Horta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rllmINzQ62Q> Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

Reportagem Assis Horta.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YyzKaY2kUdg> Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

A arte e a ciência da fotografia. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Pwrri5s7Xg8> Acesso em: 15 de janeiro de 2018.

Dicas para tirar boas fotos com celular. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=s-ZSLQrd-yk> Acesso em: 15 de janeiro de 2018.

Os sapinhos no buraco. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=YggXOfNMB8Q> Acesso em: 2 de março de 2018.

Palestra Bráulio Bessa. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=UAzINehwkel> Acesso em: 18 de janeiro de 2018.

Metáfora de Gilberto Gil. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=58sW0ojthyl> Acesso em 6 de janeiro de 2018.

O cachorrinho e a ave na pescaria. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=KZ3MIhMciM4> Acesso em 2 de janeiro de 2018.

Notícia desastre de Mariana associado ao poema Lira Itabirana. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=9JPjUepKHpY> Acesso em: 2 de março de 2018.

Exposição Humanatureza. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Fin2JD51dwY> Acesso em: 6 de janeiro de 2018.

Exposição AfricAbantu. Disponível em:

https://instagram.com/africaabantu?utm_source=ig_profile_share&igshid=nna28239bng
Acesso em: 6 de janeiro de 2018.

Exposição Poeme-se.

Disponível em: <https://followthecolours.com.br/art-attack/poeme-se-mariana-caldas/>
Acesso em: 6 de janeiro de 2018.

APÊNDICES



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE ASSENTIMENTO

Seu filho (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa Poemografia: a vida pelo olhar poético e fotográfico do adolescente mato-grossense a ser desenvolvida na Escola Estadual Cleufa Hübner em Sinop, Mato Grosso.

Nesta investigação pretendemos saber quais contribuições a produção textual por meio do poema e da fotografia agregam ao desenvolvimento do letramento literário e das capacidades de leitura e escrita.

Para participar deste estudo, o responsável deverá autorizar e assinar um termo de consentimento, sem custos e nem qualquer vantagem financeira. Será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se, bem como poderá retirar o consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Ressalva-se que a participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar da identidade com padrões profissionais de sigilo, não identificando os participantes em nenhuma publicação.

Como se trata de uma pesquisa envolvendo seres humanos pode ocorrer situações inesperadas no que se refere à dimensão social, intelectual e cultural, tais como expor os participantes em relação uns aos outros, ao comportamento, ao discurso, a postura e ao modo como farão as intervenções.

Além do já exposto, o participante pode expressar opiniões pessoais que causem constrangimentos e trazer à memória individual ou coletiva, experiências de vida que poderão gerar vergonha, comentários e até mesmo brincadeiras desagradáveis, gerando sofrimento psíquico, dano à dimensão moral, intelectual e social, provocando desentendimentos, inimizades e conflitos.

Visando a possibilidade de acontecerem alguns dos riscos descritos e/ou outros, propõe-se - com intuito de minimizar ou amenizar, ações como:

- Antes de iniciar as atividades de pesquisa-ação, sugere-se a sensibilização com todos os envolvidos para que respeitem os hábitos culturais uns dos outros e que adotem atitudes de ética à dignidade humana, e aos valores sociais, morais e religiosos;
- Salientar que como se trata de uma pesquisa de cunho científico, é preciso seriedade, reponsabilidade, maturidade e consciência, visando resultados que tenham valor para estudo;



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



- Assegurar segurança aos participantes, realizando as atividades na própria escola tanto em horário de aula, como no contraturno (evitando prejuízo a aprendizagem de outros conhecimentos);

- Transmitir segurança e confiabilidade com relação as informações dadas;

- Enquanto pesquisadora, desmontar capacidade, clareza e postura pertinentes à pesquisa desenvolvida, evitando que os alunos sejam expostos a constrangimentos, situações desagradáveis e de maus tratos.

Assim, com as ações mencionadas, será garantida o bem-estar dos participantes, protegendo a confidencialidade e a privacidade das informações. Por fim, garantir a assistência contínua a qualquer dúvida em relação à pesquisa, para auxiliar em qualquer necessidade que possa surgir durante a entrevista.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada a pesquisa. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável e posteriormente serão destruídos. Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Sendo assim, eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e que poderei modificar a decisão da participação, se assim o desejar. Tendo o consentimento já assinado, declaro que concordo com a participação nesse estudo.

Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Sinop-MT, abril de 2018.

Nome completo do menor: _____

RG/ou CPF do menor (se tiver): _____

Assinatura do menor: _____



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Nome completo do responsável: _____

RG ou CPF do responsável: _____

Assinatura do responsável: _____

Pesquisadora responsável: Patricia D. C. Guimarães Pereira

Assinatura da pesquisadora responsável: _____

Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UNEMAT pelo telefone: (65) 3221-0067.

Pesquisador responsável

Patricia Dauhali Clemente Guimarães Pereira, Rua Genebra, nº 211, Residencial Bella Suíça, CEP: 78.556-589, Sinop/MT. Fone: (66) 99965-3028 E-mail: dauhali@yahoo.com.br



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Seu filho está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa do curso de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assinie ao final este documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra do pesquisador responsável.

Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unemat. Endereço completo: Av. Tancredo Neves, 1095. Bairro: Cavalhada II – Cáceres – MT – CEP 78.200-000 - telefone: (65) 3221-0067 – e-mail: cep@unemat.br, telefone: (65) 3221-0067.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: "Poemografia: a vida pelo olhar poético e fotográfico do adolescente matogrossense"

Responsável pela pesquisa: Patrícia Dauhali Clemente Guimarães Pereira

Endereço e telefone para contato: Rua Genebra, 211, Residencial Bella Suíça, Sinop, Mato Grosso, Brasil, CEP 78.556-589 fone (66) 99965-3028

Equipe de pesquisa: Patrícia Dauhali Clemente Guimarães Pereira

Objetivo geral: Desenvolver práticas de multiletramentos buscando à melhoria das habilidades de leitura e escrita dos alunos auxiliando na formação de cidadãos capazes de expressarem e interpretar, crítica e artisticamente, as ideias e visões em relação ao contexto que os cercam, bem como de se identificarem culturalmente, a partir do trabalho com a fotografia e a poesia.

Riscos: Como se trata de uma pesquisa envolvendo seres humanos pode ocorrer situações inesperadas no que se refere à dimensão social, intelectual e cultural, tais como expor os participantes em relação uns aos outros, ao comportamento, ao discurso, a postura e ao modo como farão as intervenções.

Além do já exposto, o participante pode expressar opiniões pessoais que causem constrangimentos e trazer à memória individual ou coletiva experiências de vida que poderão gerar vergonha, comentários e até mesmo brincadeiras desagradáveis, gerando sofrimento psíquico, dano à dimensão moral, intelectual e social, provocando desentendimentos, inimizades e conflitos.



Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Ações mitigadoras:

Visando a possibilidade de acontecerem alguns dos riscos descritos e/ou outros, propõe-se com intuito de minimizar ou amenizar, ações como:

- Antes de iniciar as atividades de pesquisa-ação, sugere-se a sensibilização com todos os envolvidos para que respeitem os hábitos culturais uns dos outros e que adotem atitudes de ética à dignidade humana, e aos valores sociais, morais e religiosos;
- Salientar que como se trata de uma pesquisa de cunho científico, é preciso seriedade, responsabilidade, maturidade e consciência, visando resultados que tenham valor para estudo;
- Assegurar segurança aos participantes, realizando as atividades na própria escola tanto em horário de aula, como no contra-turno (evitando prejuízo a aprendizagem de outros conhecimentos);
- Transmitir segurança e confiabilidade com relação as informações dadas;
- Enquanto pesquisadora, demonstrar capacidade, clareza, e postura pertinentes à pesquisa desenvolvida, evitando que os alunos sejam expostos a constrangimentos, situações desagradáveis e de maus tratos.

Benefícios:

Como este trabalho tem como aporte a pesquisa-ação, um objetivo maior é a constatação de problemas e das possíveis soluções. Dessa forma, pode-se pontuar aos alunos pesquisados que serão beneficiados de forma indireta, tendo em vista que o presente estudo visa promover o letramento literário, com sua gama de significações e possibilidades com vistas a formação de um leitor proficiente, além de serem motivados a escrita autônoma, trazendo resultados recompensadores a sua formação, uma vez que possibilita a construção identitária enquanto produtor textual e de reconhecimento de sua história e cultura, levando-o a um conhecimento sólido que o ajudará a exercer o seu papel de cidadão de forma efetiva e responsável, como também construirá uma educação mais significativa, contribuindo para a autoestima e identidade dos alunos.

Pode-se dizer ainda que acontecerá a aprendizagem de conhecimentos, já que haverá momentos de discussão, reflexão de ideias e contribuições através dos estudos de leitura, interpretação e produção textual.

Por fim, ressalva-se que quando há pesquisa, há progressos e benefícios, pois, os estudos existem para propor mudanças de hábitos, costumes, comportamentos, estratégias e metodologias que busquem melhoria de condições de vida da coletividade.

Assim, tendo em vista os pontos apresentados, fica evidenciada que a pesquisa trará muito mais benefícios do que riscos aos envolvidos.

Ao assinar este termo de consentimento livre e esclarecido, entendo que:

- Os dados por mim gerados serão submetidos à análise da equipe pesquisadora, com vistas ao alcance do objetivo do estudo acima exposto;
- Os instrumentos de coleta de dados a serem utilizados são entrevista e questionário e terei o direito de não responder as perguntas que me causem constrangimentos de qualquer natureza;



-PROPG | Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação -

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



- Caso, por qualquer motivo, eu me sinta desconfortável, poderemos utilizar algum outro método alternativo de coleta, com a minha permissão;
- A equipe pesquisadora me dará esclarecimentos, antes e durante a pesquisa, acerca de sua metodologia e de seu método de análise dos dados;
- Reconheço que tenho o direito de acessar os registros utilizados nesta pesquisa a qualquer momento que julgue necessário e conveniente;
- Os resultados desta pesquisa serão fornecidos a mim e aos demais participantes, assim que tiver sido devidamente concluída;
- Os dados coletados durante o estudo poderão ser utilizados para fins científicos, publicações e participações em eventos científicos, atentando para a ética no proceder científico;
- Não serei pago pela minha participação na pesquisa, sendo que os ganhos decorrentes da mesma serão no âmbito de minha aprendizagem e experiência de participação;
- Posso descontinuar minha participação nesta pesquisa a qualquer momento, sem que eu em nada seja prejudicado; e que
- Autorizo a publicação dos meus dados, desde que sejam mantidos os procedimentos de anonimato.

Local e data: _____

Nome: _____

Endereço: _____

RG/ou CPF _____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Responsável pela Pesquisa: _____



Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br



QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS DA ESCOLA ESTADUAL CLEUFA HUBNER

- 1) Qual sua idade? Onde você nasceu? Sexo: () Feminino () Masculino
_____ Seus pais moravam em qual estado
antes de mudarem para Sinop? _____
- 2) Você gosta de estudar Língua Portuguesa?
() Sim, sempre
() Sim, as vezes
() Não, nunca
- 3) Descreva, de acordo com sua opinião, um item positivo e um negativo a respeito das aulas de Língua Portuguesa?
Positivo: _____
Negativo: _____
- 4) Você gosta de poema?
() Sim, muito
() Sim, um pouco
() Não gosto
- 5) Seu professor costuma trabalhar poema em sala de aula?
() Sempre
() Raramente
() Nunca
- 6) Você conhece os poemas e os poetas do nosso estado?
() Sim () Não
- 7) Você gostaria de conhecer mais sobre a obra literária produzida em Mato Grosso?
() Sim, adoraria
() Não, não tenho interesse
- 8) Você costuma escrever poemas?
() Não, nunca
() Raramente
() Sim, frequentemente
() Só quando o professor pede
- 9) Você gostaria de conhecer mais sobre a fotografia e trabalhar com esta arte nas aulas de Língua Portuguesa?
() Sim, adoraria
() Tanto faz
() Não gostaria

ANEXOS



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DE MATO GROSSO - UNEMAT



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: POEMOGRAFIA: A VIDA PELO OLHAR POÉTICO E FOTOGRÁFICO DO ADOLESCENTE MATO-GROSSENSE.

Pesquisador: PATRICIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARAES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 81437317.9.0000.5166

Instituição Proponente: UNEMAT

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.575.608

Apresentação do Projeto:

Este trabalho tem a finalidade de apresentar a proposta da pesquisa que está sendo desenvolvida no Mestrado Profissional em Letras (Proletras/Unemat-Sinop). A temática centra-se na inter-relação entre literatura e fotografia, as potencialidades poéticas da fotografia e da escrita para a educação, buscando uma política visual que conceba as imagens não como representação intacta de uma certa visibilidade, mas como possibilidades de criação de novas visualidades, na aproximação do real com a arte. Potencializando estudos da escrita, da imagem e da cultura na busca dos multiletramentos nas práticas pedagógicas das aulas de Língua Portuguesa no ensino fundamental. Para o aporte teórico, recorremos aos estudos de Candido (2011), Cosson (2014), Rojo (2012), Sorrenti (2009), Todorov (2009) e Sontag (2004). A pesquisa será desenvolvida a partir dos pressupostos da pesquisa-ação, pois, segundo Thiollent (2003), na pesquisa-ação os pesquisadores estão ativamente envolvidos com os problemas encontrados na realidade ou no grupo estudado. Daí a sua característica participativa, pois, pesquisador e pesquisado devem estabelecer, uma relação colaborativa, ou seja, tanto o pesquisador como o pesquisado tem um resultado a ser apropriado através do estudo realizado. Partiremos de um levantamento bibliográfico, tendo como lócus a Escola Estadual Cleufa Hübner, localizada no município de Sinop/MT.

As propostas de intervenção pedagógica serão desenvolvidas através de Sequências Didáticas a partir dos pressupostos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), visando alcançar as práticas de

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavahada II

UF: MT

Município: CACERES

CEP: 78.200-000

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 2.575.608

ensino da Língua Portuguesa, sob a perspectiva interacionista, em que o leitor/ouvinte torna-se um sujeito ativo na prática de leitura e não mais um leitor que apenas extrai ou decodifica passivamente informações intrínsecas ao texto.

Buscaremos assim, desenvolver práticas de multiletramentos que auxiliem na formação de cidadãos capazes de expressarem e interpretarem, crítica e artisticamente, as ideias e visões em relação ao contexto que os cercam, bem como de se identificarem culturalmente, a partir do trabalho com a fotografia e a poesia.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Desenvolver práticas de multiletramentos buscando à melhoria das habilidades de leitura e escrita dos alunos auxiliando na formação de cidadãos capazes de expressarem e interpretarem, crítica e artisticamente, as ideias e visões em relação ao contexto que os cercam, bem como de se identificarem culturalmente, a partir do trabalho com a fotografia e a poesia.

Objetivo Secundário:

- Promover atividades de produção poética tendo como ponto de partida a produção de imagens fotográficas para o desenvolvimento e/ou ampliação do letramento literário e das capacidades de leitura e escrita de estudantes do 9º ano de uma escola pública de Mato Grosso.
- Praticar os multiletramentos em sala de aula através da inserção do celular como ferramenta pedagógica;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

- A pesquisa apresenta garantia de que danos previsíveis serão evitados, como preconiza a resolução 510/2016.

A pesquisa apresenta, como preconiza a resolução 510/2016:

- Ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- Garantia de que danos previsíveis serão evitados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta:

- Respeito aos participantes da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavalhada II

UF: MT

Município: CACERES

CEP: 78.200-000

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 2.575.608

vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;

- Relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados, conforme Resolução 510/2016.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso CEP/UNEMAT após análise do protocolo em comento, de acordo com a resolução 510/2016, das Ciências Humanas é de parecer que não há restrição ética para o desenvolvimento da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1024440.pdf	29/01/2018 21:44:58		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_assentimento.docx	29/01/2018 21:42:29	PATRICIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARAES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.doc	29/01/2018 21:42:11	PATRICIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARAES	Aceito
Cronograma	cronograma.docx	29/01/2018 21:37:38	PATRICIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARAES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_orientadora.jpg	04/12/2017 17:43:38	PATRICIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARAES	Aceito
Outros	infraestrutura_unemat.jpg	04/12/2017 17:41:50	PATRICIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARAES	Aceito
Outros	CV_pesquisador.pdf	07/11/2017 21:04:50	PATRICIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARAES	Aceito
Outros	Curriculo_orientadora.pdf	07/11/2017 20:53:37	PATRICIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARAES	Aceito

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavahada II

UF: MT

Município: CACERES

CEP: 78.200-000

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DE MATO GROSSO - UNEMAT



Continuação do Parecer: 2.575.608

Declaração de Pesquisadores	COMPROMISSO_INSTITUICOES_ENV OLVIDAS.docx	06/11/2017 21:49:47	PATRICIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARAES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	OFICIO.jpg	06/11/2017 21:44:32	PATRICIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARAES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_PRONTO.pdf	06/11/2017 21:38:58	PATRICIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARAES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	instrumento_coleta.docx	06/11/2017 21:38:14	PATRICIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARAES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_RESOLUCAO.jpg	06/11/2017 21:23:20	PATRICIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARAES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	COLETA_NAO_INICIADA.jpg	06/11/2017 21:22:59	PATRICIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARAES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLARACAO_INFRAESTRUTURA.jpg	06/11/2017 21:22:23	PATRICIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARAES	Aceito
Orçamento	CRONOGRAMA_FINANCEIRO.docx	06/11/2017 21:19:09	PATRICIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARAES	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.docx	06/11/2017 21:15:46	PATRICIA DAUHALI CLEMENTE GUIMARAES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CACERES, 02 de Abril de 2018

Assinado por:
Raul Angel Carlos Olivera
(Coordenador)

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavahada II

UF: MT

Município: CACERES

CEP: 78.200-000

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



Fonte: Site da Fundação Victor Civita: www.fvc.org.br



Fundação Victor Civita

7 de julho

Parabéns Professora Patricia, você está entre os 50 finalistas do Prêmio Educador Nota 10. 🍌🍌🍌🍌

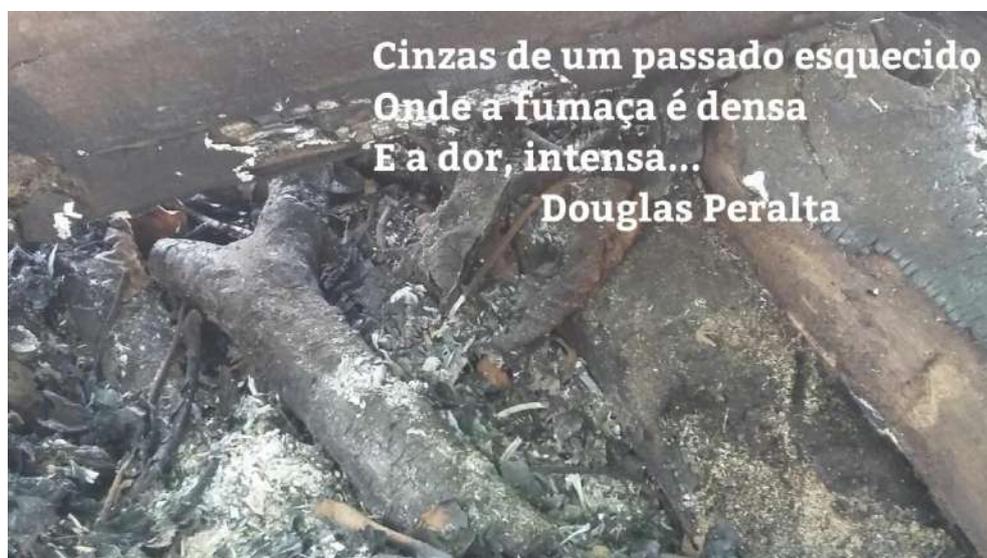
Projeto: Poemografia. Fundamental II - Língua Portuguesa. Sinop, MT.

Fotografar e receber imagens via celular é uma prática apreciada pelos alunos no dia a dia. A professora aproveitou esse interesse para associar a fotografia a outra linguagem, menos conhecida e admirada por eles: a poesia. Aprender a analisar múltiplas linguagens é uma das competências descritas na Base Nacional Comum Curricular e práticas de multiletramentos impulsionam a melhora da leitura e da escrita. Com esse objetivo em mente, Patrícia conduziu a turma do 9º ano por um caminho de apreciação e estudo sobre a fotografia, as artes plásticas e a poesia. Dentro da sequência didática houve espaço para análises de exposições e poemas de artistas locais e contato direto com alguns deles, além de exercícios para estimular o olhar artístico. Os alunos formaram repertório para depois registrar com o celular imagens de cunho poético, que inter-relacionaram com haicais criados por eles. As melhores “poemografias” de cada estudante integram uma exposição na escola (Rafael Palomino, avaliador).

#educadornota10 #valorizaçãodoprofessor #euacreditoaeducação

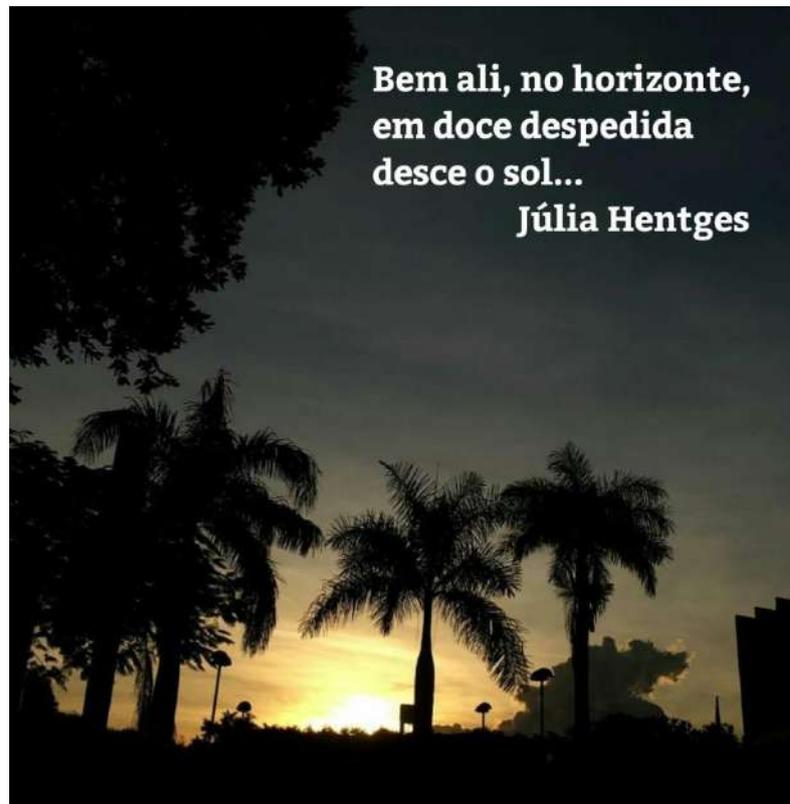
Conheça todos os projetos finalistas em: <https://goo.gl/AeuVAV>

Produção final do projeto de intervenção pedagógica realizada por alunos do 9º ano “D”. As demais produções da turma estão disponíveis no endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=Lm40136cNPY>





**Flores que amanhecem,
entardecem
e anoitecem...**
Alexandre Júnior



**Bem ali, no horizonte,
em doce despedida
desce o sol...**
Júlia Hentges



Abra a janela...
Antes que o mundo acabe,
Ou o céu desabe!
Kauane Vitória



**Sem fim nem começo
fico me olhando pelo avesso.
Será que haverá um recomeço?
Lucas Gabriel**

Foto da turma do 9º ano “D” da Escola Estadual Cleufa Hubner com a professora Patrícia Guimarães – 1º semestre de 2018.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.